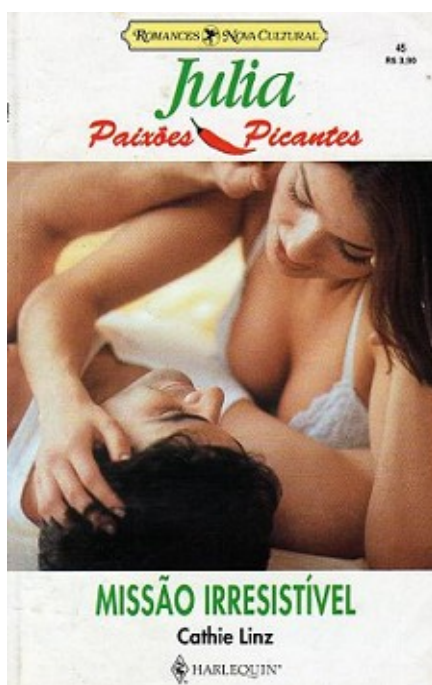


Missão Irresistível

Stranded with the Sergeant

Cathie Linz



Operação: Excursão escolar da filha do chefe.

Agente: O irresistível sargento Joe Wilder, cujo modo aparentemente descontraído esconde uma tristeza profunda que o faz evitar mulheres e crianças.

Missão: Escotar um grupo de crianças e sua sensual professora durante um fim de semana nas montanhas.

Complicações: A professora é a filha do chefe! A adorável Prudence Martin é filha de um militar e jurou nunca ser esposa de um militar! Mas quando ela e Joe são forçados a se abrigar em uma cabana devido a uma tempestade de neve, as coisas começam a pegar fogo... Porque Joe é o homem que ela proibiu a si mesma de querer... e o único com quem ela pode contar!

Sucesso da missão: Incerto. O que acontecerá quando eles forem resgatados?

Disponibilização do livro: Valeria O.

Digitalização: Joyce

Revisão: Cynthia M.





CAPÍTULO I

- Wilder, ouvi dizer que você saltou de outra ponte naquele final de semana - disse o major, chefe de Joe Wilder, fixando nele um olhar gelado. Com quase cinquenta anos de idade, cabelos grisalhos cortados à moda militar, o major Richard Martin tinha a voz forte de um instrutor e o comportamento de um guerreiro. Ele lembrava a Wilder seu próprio pai.

- Na realidade, pratiquei um pouco de bungee-jumped, senhor - Joe corrigiu o chefe com todo respeito, tentando ignorar o modo como o sol forte da Carolina do Norte ressaltava a cor branca das paredes do escritório do major.

A claridade fez seus olhos doerem. Tinha acordado com uma terrível ressaca e sabia que não estava em boa forma.

- Eu estava amarrado à estrutura da ponte por uma corda.

- Não me importa se você estava preso à ponte com corda ou com uma super cola - resmungou o major. - Mesmo assim, você saltou e eu não aprovo. A Marinha dos Estados Unidos tem gasto muito tempo e dinheiro no seu treinamento, Wilder. Odiaria ver tudo isso desperdiçado, caso você se esborrache em uma laje de concreto ou no leito de algum rio rochoso. Entendeu?

- Sim, senhor.

- Se gosta tanto de saltar, deveria tornar-se um pára-quedista.

- Entendido, senhor.

- Espero que sim, Wilder.

O major fechou a pasta que tinha sobre a mesa com impaciência. O som da voz dele parecia ter sido ampliado dez vezes devido à ressaca de Joe, mas ele não deixou transparecer o incômodo. Um fuzileiro naval nunca devia demonstrar sinal de desconforto.

Honra, coragem e compromisso, esses eram os valores da Marinha. Nunca desconforto e culpa.

- Desde que você está sob meu comando, seus passatempos, quando não está de serviço, estão se tornando cada vez mais selvagens e perigosos. Por que isso está acontecendo?

Arriscar-se fazia Joe sentir-se vivo, por isso ele praticava esportes radicais. Para escapar dos pesadelos que o corroíam por dentro, para escapar da dor e da culpa.

Mas isso ele não disse ao major Martin nem a ninguém. Todos pensavam que Joe gostava de aventuras fortes e perigosas por um prazer pessoal.

- Seus esportes radicais terminam agora - o major ordenou com uma voz áspera.

- Sim, senhor.

- Você vai virar essa página da sua vida e vai fazer isso imediatamente. Gostaria que acompanhasse a classe da sexta série de minha filha em uma excursão por nossa base militar.

Joe piscou, achando que não ouvira corretamente.

- Senhor?

- Você ouviu muito bem.

- Eu ainda não estou familiarizado com a base, senhor.

Ele fora enviado recentemente para a base do Campo Lejeune, no litoral da Carolina do Norte, depois de completar uma missão da qual ele preferia não se lembrar.

- Acho que não estou qualificado para realizar essa excursão.

- Mas eu acho que está, Wilder, e é isso que importa. Eu planejava dar essa

incumbência ao sargento Brown, mas ele sofreu uma cirurgia de emergência a noite passada. Teve uma crise de apendicite. Dessa forma, você o substituirá.

- Sim, senhor.

- E depois de acompanhá-los naquela excursão pela base, seguirá com eles, no final da tarde, para uma viagem de final de semana pelo campo e montanhas.

- Uma viagem pelo campo, senhor?

- Sim, Wilder. Por que esse olhar assustado? Certamente depois de seu treinamento como fuzileiro naval e com sua paixão por esportes radicais, você não vai me dizer que tem medo de um bando de crianças, vai?

- Não, senhor.

Era verdade. Ele não tinha medo. Pânico, seria mais adequado.

- Ótimo. A classe está esperando por você na sala de conferência número 1013. Quando tiver completado a excursão pela base, terá uma hora para juntar o equipamento necessário, saco de dormir, cobertor, etc..., que precisará para um acampamento de final de semana. A rota já está planejada, vocês seguirão a trilha Sunshine nas montanhas Blue Ridge. É uma viagem de três ou quatro horas até o outro lado do Estado. Aqui está o mapa.

Joe estendeu a mão para pegar o mapa topográfico.

- Minha filha, Prudence, é minha princesinha, minha filha única. Assim, não quero que nada estrague essa viagem. Quer fazer alguma pergunta, Wilder?

Milhares, ele teve vontade de dizer. Por que eu? Por que agora? Mas disse apenas:

- Não, senhor.

- Ótimo. Então pode ir, Wilder. Dispensado. Crianças. Por que tinham que ser crianças? Joe olhou-se no espelho do banheiro masculino.

Seria apenas um final de semana. Já havia enfrentado situações piores e havia sobrevivido.

Esfregou o espaço entre as sobrancelhas antes de pegar as duas aspirinas que estavam no bolso e que ele pretendia ter tomado antes de ser chamado ao escritório do major. Não gostava de tomar analgésicos, mas precisava acabar com a dor de cabeça para pensar em um modo de enfrentar essa missão.

Não podia recusar uma ordem do major, era seu subordinado, era um fuzileiro naval e estava em serviço. Tinha que cumprir seu dever.

E quanto àquele dia dois meses atrás? Se você houvesse cumprido seu dever e tivesse entrado naquele helicóptero, outro homem não teria morrido em seu lugar.

Apertando os dentes, Joe tentou afastar as memórias. Precisava manter-se forte e dar um passo de cada vez. Primeiro tinha que se desincumbir dessa missão com a filha do major.

O caminho do banheiro até a sala de conferência foi um dos mais longos que ele já percorrera. Para seu alívio havia outro adulto na sala. Uma mulher, por sinal muito bonita. Uma professora, decerto.

Ignorando os alunos, ele focalizou sua atenção nela. Tinha cabelos castanho-escuros longos, olhos também castanhos, boca sensual e estava muito elegante com calça caqui e uma camiseta branca. Usava um lenço colorido amarrado ao redor do pescoço. Parecia ter aproximadamente uns vinte e cinco anos e, definitivamente, era uma mulher muito atraente.

O pânico de Joe diminuiu. Ele apreciava a convivência entre homens e mulheres e gostava muito de paquerar mulheres charmosas.

Sorriu e observou a reação dela. Notou surpresa e apreciação nos olhos escuros da professora. Não durante muito tempo, mas tempo suficiente para ele perceber.

- Desculpe, senhorita, estou atrasado.

- Você é...

- O sargento Wilder. Sargento Joe Wilder, a seu serviço. Antes de começarmos nossa

excursão, tenho uma pergunta. - Ele a puxou professora para um canto. - Quem é ela?

A sensual professora olhou-o surpresa.

- Como?

- Qual é a filha do major Martin?

- Por que quer saber? - ela perguntou curiosa.

- Porque recebi a ordem de guiá-la na excursão pela base e quero ser agradável com ela.

- Não acho que deva dispensar a ela algum tratamento especial.

- Estou apenas cumprindo meu dever.

- Certo. Um fuzileiro naval sempre cumpre seu dever.

- Você não parece gostar muito disso. Por quê? Namorou algum fuzileiro?

- E possível. Uma vez que a base tem a maior concentração de fuzileiros navais e de marinheiros do mundo, torna-se difícil não se encontrar com eles naquela parte da Carolina do Norte.

- Eu não me importaria de me encontrar com você - Joe murmurou com um sorriso atraente. - E só marcar a hora e o lugar.

- Eu não namoro mais fuzileiros navais.

- Por quê?

- Minhas razões são muitas para falar delas agora.

- Eu tenho tempo.

Ele certamente não tinha pressa em lidar com as crianças.

- Mas eu não tenho - ela respondeu irritada.

O modo como ela inclinou a cabeça e jogou os cabelos para trás lembraram a Joe um gato arisco que ele domesticara quando criança. O gato não se deixava tocar por ninguém, mas Joe tivera paciência e conseguira ganhar a confiança dele. E tinha a mesma paciência para lidar com mulheres.

- Então conte-me mais tarde.

- Por que deveria fazer isso?

- Porque eu sou muito compreensivo.

- Você se acha um presente de Deus às mulheres, não acha? Opa! O pequeno gato tem garras. Pondo a mão espalmada sobre o peito, ele disse:

- Senhorita, você me magoou.

- Eu sinceramente duvido, sargento. Sinceramente duvido que alguma mulher consiga magoá-lo.

- Por quê? Porque eu sou um grande e forte fuzileiro naval?

- Porque você usa seu charme para mantê-las a distância.

- Como? Se eu uso meu charme para manter as mulheres a distância, alguma coisa está definitivamente errada no meu plano de jogo.

- Jogo? Você não está querendo dizer plano de batalha?

- Como uma batalha entre os sexos, por exemplo? - Joe se aproximou para que pudesse sentir o perfume dela. Era de frutas cítricas.

Olhando para seus lábios com atenção, teve vontade de saber se o gosto deles era tão agradável quanto seu cheiro.

Oh, sim, deviam ser mais saborosos do que um copo de uma boa cerveja gelada depois de uma longa caminhada.

Teve que sorrir diante da sua falta de poesia. Cerveja e caminhada... Parecia coisa que seu melhor amigo, Curt Blackwell, diria sobre sua nova esposa, Jessie.

Joe e Curt haviam feito o treinamento juntos e eram amigos desde então. Curt era um pensador solitário, mas nem por isso as mulheres deixavam de persegui-lo. Ele viera pedir conselhos a Joe quando se unira a Jessie.

O conselho de Joe fora bom, e Jessie concordara em se tornar a esposa de Curt no ano anterior, em uma cerimônia com toda a Marinha presente, vestida de noiva e tendo

Joe como padrinho de Curt.

A bela professora olhava para Joe como se fosse capaz de ler seus pensamentos e tivesse vontade de desafiá-lo. Ótimo. Adorava um desafio, especialmente envolvendo uma mulher bonita.

- Acho que devo considerar que você é um especialista na batalha entre os sexos - ela disse.

- Meu lema é: faça amor, não faça a guerra.

- Tenho certeza de que não é um lema que faça parte do Manual de Procedimentos da Marinha dos Estados Unidos.

- Se você namorou indivíduos que baseavam seu relacionamento no Manual de Procedimento da Marinha, então posso entender sua insatisfação - ele murmurou. - E eu adoraria ter a chance de mostrar-lhe como um verdadeiro fuzileiro naval corteja uma mulher.

Ele se aproximou como se fosse tentar beijá-la e sorriu.

- Depois que eu cumprir os meus deveres e cuidar da filha do major durante a excursão, é claro. Qual é ela? A de rabo-de-cavalo e meias estranhas?

- Não.

Ele olhou na sala repleta de crianças, procurando alguma que fosse familiar.

- Então deve ser a de cabelos curtos e óculos.

- Errou novamente.

- Você vai me dizer quem é a filha do major, ou devo ficar tentando o dia todo?

- Alguns minutos atrás você disse que tinha tempo.

- Alguns minutos atrás eu tinha tempo até que...

- Perdeu tempo flertando comigo?

- Escute, não acabe com a minha paciência, está bem? - ele pediu exasperado. -- Estou tendo um péssimo dia. Apenas me diga quem é a garota para que eu possa cumprir meu dever. Estou apenas seguindo...

- Ordens - ela completou a sentença por ele. - Sim, eu já ouvi isso.

- Então, qual é o problema?

- O problema é que nenhuma dessas crianças é a filha do major Martin.

Joe franziu o cenho.

- Mas isso não é possível. Ele disse que eu deveria acompanhar a excursão da classe da sua filha.

- A filha dele está aqui para a excursão. Joe teve um mau pressentimento.

- Você está querendo dizer que...

- Que sou a filha do major Martin? - Ela riu sarcasticamente. - Sim, é exatamente o que estou querendo dizer.

CAPÍTULO II

Prudence Martin olhou com pesar para o rosto bonito de Joe Wilder. Nunca vira olhos azuis tão bonitos, iguais aos de Mel Gibson. Na realidade ele parecia com o ator de várias maneiras: mesma cor de cabelo, mesmo formato de mandíbula e o mesmo brilho alegre nos olhos, embora pudesse jurar que vira um brilho de pânico quando ele entrara na sala.

Mantinha a mesma postura ereta da maioria dos fuzileiros navais, mas Joe Wilder tinha alguma coisa a mais. Ele tinha presença, e as crianças haviam notado, pois tinham se aquietado desde sua entrada na sala.

A cor caqui do uniforme não favorecia a maioria dos homens, mas ela duvidava de que alguma cor ficasse ofuscasse a beleza daquele homem. E ela iria passar o final de semana com ele.

Algumas mulheres adorariam passar algum tempo com um homem sexy como aquele.

Mas ela não.

- Desculpe a confusão, senhorita - Joe estava dizendo, a voz baixa e formal. - Quando seu pai se referiu a você como princesinha, eu naturalmente pensei...

- Pensou errado - ela o interrompeu.

Odiava o apelido pelo qual seu pai a chamava. Princesinha.

- Agora eu sei.

O olhar de pavor que ela percebera quando Joe entrara na sala estava muito mais evidente agora que ele sabia que ela era a filha do major. Prudence estava acostumada com o efeito que essa informação despertava na maioria dos homens, particularmente nos fuzileiros navais. E essa era a razão principal de ela evitar conta to com eles.

Concordara em ter o sargento Brown como acompanhante porque o conhecia desde criança. Ele era mais velho do que seu pai e um amigo da família.

O mesmo não se aplicava a Joe Wilder.

Teria que dizer ao seu pai que não o aceitaria como acompanhante. Ele encontraria outra pessoa. Enquanto isso fariam a visita pela base e depois ela pediria que seu pai o substituísse para a excursão do final de semana.

- Crianças, escutem. O sargento Wilder está aqui para nos guiar na excursão pela base. Ele nos dará algumas informações sobre a história da base e então começaremos a visita. Por favor, sargento Wilder, pode começar.

Prudence ficou surpresa com o olhar tímido com que Joe olhou para as vinte e cinco crianças. Talvez não gostasse de falar para grupos. Mas um fuzileiro nunca podia demonstrar medo ou receio, e Joe não era diferente. Sua voz era forte e segura quando começou a falar.

- Escutem, todos. Vocês podem se dirigir a mim como sargento Wilder ou simplesmente senhor. Gostaria de dar-lhes as boas-vindas ao Campo Lejeune, uma das bases da Marinha dos Estados Unidos, onde treinamos oficiais para defender nosso país. Vamos começar nossa visita.

Ele parecia estar com pressa de sair da pequena sala de conferência.

- Primeiro conte à classe um pouco mais sobre a história da base - sugeriu Prudence.

- Bem, a base está instalada aqui há muito tempo, senhorita.

- Quanto tempo? - Ela adorou pressioná-lo.

Havia alguma coisa no sorriso dele, talvez um excesso de autoconfiança, que a irritava.

Também a irritara o modo como ele se aproximara dela como se fosse beijá-la. Ela estava acostumada com homens que mantinham uma certa distância.

Dirigindo-se à classe, Joe disse:

- Alguém sabe há quanto tempo a base está aqui?

Duas crianças levantaram as mãos, e Prudence deixou que ele escolhesse o aluno para responder.

Ele escolheu Pete Greene, um aluno muito inteligente.

- Desde a Segunda Guerra Mundial, desde 1941 para ser mais exato, senhor.

- Certo. Então vamos começar a excursão.

Prudence ergueu a mão, impedindo que a classe começasse a se dispersar.

- Creio que a classe gostaria de saber como foi escolhido o nome da base.

- Por que puseram na base um nome de legume? - perguntou Rosa Santos.

- É Lejeune, sua tonta - Pete respondeu antes de Joe. - E é enorme, são mais de 153.000 acres.

Sinatra Washington ergueu a mão, os óculos prateados brilhando em contraste com a pele escura.

- Sargento Wilder, conte-lhes sobre os cinquenta e cinco canhões, os oitenta e nove campos de manobras, trinta e três zonas de tiro e vinte e cinco zonas táticas.

- Talvez você devesse conduzir essa excursão - Joe respondeu.

- Onde conseguiu essas informações?

- Na Internet, senhor.

Sinatra era um ávido usuário da Internet e segurava algumas folhas impressas do computador.

Não querendo ficar por trás, Pete disse:

- Eu li sobre isso também. E você não mencionou o Terreno de Treinamento de Operações Militares.

- Estou lhe dizendo que essas crianças não precisam de mim. Prudence notou que ele não dissera isso com bom humor. Não estava satisfeito de estar ali e não ficava à vontade perto das crianças. Tentava não demonstrar, mas não estava conseguindo, parecia tenso.

- Pode-se visitar vinte e cinco pontos de interesse no Campo Lejeune.

- Vinte cinco? - perguntou Joe.

- Sim, senhor. Há um manual que orienta a respeito desses pontos, com o grau de interesse de cada um.

- Se existe esse manual, vocês realmente não precisam de mim - Joe riu.

- Você está aqui para responder perguntas que possam surgir - Prudence o lembrou.

Ele teve vontade de dizer a ela que, para que isso fosse possível, ele teria que ter acesso ao manual que o garoto de óculos e nome estranhos havia impresso da Internet. Devia dizer a ela que estava na base havia apenas algumas semanas e que não era tonto como parecia. Mas o que ele realmente desejava era sair dali, livrar-se o mais rápido possível daquela situação.

- Estes prédios são o quartel-general da base - Joe disse ao abrir a porta e entrar em um grande vestibulo. Se as crianças o quisessem seguir ótimo. Ele não ia ficar ali preso naquele cômodo claustrofóbico, com vinte e cinco crianças, nem por mais um minuto.

Flertar com ela o havia distraído um pouco, mas agora que sabia quem era ela, seu ânimo se arrefecera e sentia pânico.

- A parte externa do prédio parece minha igreja, porém maior

- Rosa disse, seguindo-o, como também as demais crianças e a professora. - Tijolos aparentes com aquela construção branca engraçada no topo.

- Uma cúpula - ele esclareceu. Rosa franziu o cenho para Joe.

- Eu pensei que ele fosse o diretor do filme O Poderoso Chefão.

- Aquele é Francis Ford Coppola - Joe respondeu, impaciente.

- Engano fácil de se cometer. - Joe continuou caminhando. - Como disse, vocês estão dentro do Quartel General. Daqui o comando observa tudo o que acontece em toda a base.

- E quantos fuzileiros há por aqui? - Prudence perguntou. A professora perguntara isso com um sorriso quase diabólico, mas muito sexy.

Ótimo, querida. São necessários pelo menos dois para se jogar.

- Sinatra, quantos fuzileiros há na base? - Joe perguntou ao garoto.

Consultando suas folhas impressas, Sinatra respondeu:

- Aproximadamente cinqüenta mil fuzileiros, pessoal da Marinha, empregados civis e famílias de militares, senhor.

Joe gostou do garoto.

Ao passarem pelo vestibulo da frente, havia algumas espadas históricas em exposição, e Sinatra, discretamente, passou a Joe uma cópia das folhas tiradas da Internet.

- Obrigado - Joe murmurou.

- Sei o que é ser atormentado - Sinatra disse-lhe, sorrindo. Deus, a que ponto ele chegara! Uma professora de ensino médio o estava atormentando. A ele... Joe Wilder um experiente fuzileiro naval. Era uma mulher bonita e sensual, mas uma mulher inatingível, já que era a filha, a princesinha, do seu chefe.

Tinha que encontrar uma maneira de se livrar dessa incumbência.

A excursão foi mais fácil depois que lhe fora dada a cópia da Internet. Ele foi capaz de dizer à classe sobre a idade do velho carvalho, estimada em 350 anos. Foi capaz até de

dar o nome científico da árvore: Quercus virginiana.

Nos quartéis as coisas ficaram mais interessantes. Era um tanto provocativo estar com Prudence em um quarto cheio de camas. Talvez não estivesse assim tão mal, se pudesse pensar em sexo.

Mas era impossível, pois ela era a filha do major e havia as crianças sugando todo o oxigênio do lugar.

- Essas camas são pequenas demais - Pete notou surpreso. - São camas de beliche?

- Aqui na base, chamamos a cama de prateleira.

- Prateleira? Parece um instrumento de tortura - Pete comentou.

Tortura era o que estava acontecendo com ele. Guiar vinte e cinco crianças. Nem o seu primeiro dia na base fora tão estressante.

- Essas camas... - Pete gaguejou - São realmente muito bem-arrumadas.

- Os fuzileiros têm que aprender a arrumar a cama com perfeição - observou Prudence.

- O quê? - Pete perguntou surpreso. - Os fuzileiros têm que arrumar suas camas?

- Na Marinha, os fuzileiros têm um modo especial de fazer suas tarefas - Prudence disse de um modo jocoso. - Conte às crianças a respeito de outras terminologias usadas aqui. - Prudence olhou para Joe. - O chão é chamado de...

Ela era filha de um oficial da Marinha e estava querendo caçoar dele. Princesinha do papai! Garota mimada. Como se atrevia a caçoar do seu amado Campo de Treinamento? Ele e os homens dos quais ela estava caçoando dariam sua vida, se preciso fosse, para proteger os cidadãos americanos. Ela não dava importância a isso? Era óbvio que não.

Olhando fixamente para ela, Joe endireitou os ombros.

- O chão é um deque. As paredes são os anteparos. Andar superior e térreo não existem. Em vez disso falamos topo e baixio. Olhando para a frente, à sua esquerda está o porto e, à direita, estibordo. Atrás está a popa.

- Meu pai tem um bote, e ele usa todos esses termos - disse Pete, olhando para Joe.

A excursão terminou no Memorial de Beirute, monumento em homenagem aos que haviam morrido em uma batalha de 1983, no Líbano.

Quando chegaram ao ponto de partida da excursão, Joe já havia readquirido seu autocontrole.

Respondera a todas as perguntas da melhor forma possível. Durante esse tempo Prudence se mantivera a distância, e ele pôde perceber que ela não gostara dele. Talvez dessa maneira pudesse se livrar da missão.

Servir de babá a um grupo de crianças não era sua especialidade. Havia sido treinado para lutar, usando táticas de sobrevivência e não para ser guia de excursão.

Especialmente naquele momento.

Alguns anos atrás, Joe teria rido desta tarefa. Mas desde o acidente, sua vida virara de cabeça para baixo, e ele era o único que sabia disso.

- Papai, isso não vai funcionar - Prudence dizia exaltada.

- Olá, princesa, como foi a excursão?

- O homem que você escalou não sabia muito sobre a base.

- Bem, ele está aqui há apenas algumas semanas. Dê-lhe uma chance.

Ela meneou a cabeça e pôs uma mecha dos cabelos escuros atrás da orelha antes de dizer:

- Acho que seria melhor arranjar outra pessoa.

- Foi o sargento Wilder que lhe pediu para falar comigo?

- Não. O que o faz pensar isso?

- O fato de que ele ficou tão descontente quanto você com essa missão.

- Então... Mais um motivo para escalar outro. Você tem milhares de fuzileiros aqui.

- Eu não sou o comandante dessa base, princesa. Foi sorte ter o sargento Wilder à disposição. Você terá que cancelar a viagem se não o quiser. - O major fez uma pausa, olhando para a porta. - Oh, aí está ele. Entre, entre, sargento Wilder.

- Desculpe interrompê-los, senhor.
- Não está interrompendo. Minha filha estava exatamente falando sobre você. Ela não está satisfeita em tê-lo como acompanhante.
- Sinto muito, senhor.
- Que mentira! Na verdade estava aliviado.
- Tenho certeza de que encontrará outra pessoa...
- Bobagem. Eu acabei de dizer a ela que você é o único disponível.
- Joe ficou decepcionado. Prudence também.
- Não posso cancelar a viagem. As crianças estão esperando ansiosamente há semanas.
- O senhor não acha que supervisionar vinte e cinco crianças nas montanhas Blue Ridge é muita responsabilidade para apenas dois adultos? - Joe perguntou, tentando escapar da missão.
- Sim, é verdade - Prudence concordou com ele pela primeira vez __por essa razão apenas cinco alunos participarão da viagem.
- São os cinco finalistas de uma Feira de Ciências realizada na escola.
- Prudence aproximou-se do pai e beijou-lhe o rosto enquanto olhava para Joe.
- É... Parece que teremos de nos suportar.

CAPÍTULO III

- Não acredito que você esteja me ligando para pedir ajuda - Curt Blackwell disse ao telefone.
- Um ano atrás Joe estivera no casamento de Curt como padrinho. No passado, Curt era solitário e Joe o homem que adorava freqüentar festas e recepções. Agora, Curt era feliz, estava casado e tinha uma filha chamada Blue, e era Joe quem estava precisando de ajuda.
- Tudo tem a primeira vez, não é mesmo? - dizia Curt. - Geralmente era eu quem telefonava pedindo ajuda.
- E... Aproveite enquanto pode, porque isso não acontece com freqüência. E muito menos se você caçoar de mim dessa maneira toda vez que eu pedir ajuda.
- Não vou fazer isso. Apenas essa vez.
- Não há tempo para caçoada. Apenas pense em algum modo de eu me livrar dessa incumbência.
- Um fuzileiro naval nunca evita missões.
- Ele o faz, se a missão envolve escoltar a filha do major às montanhas da Carolina do Norte durante o final de semana.
- Quantos anos ela tem? - perguntou Curt.
- Não sei. Acho que uns vinte e cinco.
- Parece uma boa idade para um homem como você. Qual é o problema?
- Estarão com ela algumas crianças da sexta série. Ela é a professora e não simpatizamos um com o outro.
- O quê?! - Curt perguntou incrédulo. - Outra novidade? Uma mulher que não caiu de amores por você?! Espere até eu contar a Jessie.
- Isso é confidencial, portanto nada de contar à sua mulher.
- Desde quando os detalhes da sua vida sexual são assunto de segurança nacional?
- Desde que envolvam a filha do major, meu chefe.
- Está bem, Isso ficará entre nós dois.
- Ótimo. Agora me dê alguma idéia de como escapar dessa enrascada.
- E se isso for ilegal?
- Não é - Joe resmungou. - Não há lei que proíba um oficial de escoltar uma professora

mimada e sexy, e ainda por cima, filha de um major. E, para completar, para substituir um outro oficial que sofreu uma cirurgia de emergência e ficou impedido de cumprir sua missão. A ordem não é ilegal, mas é muito desagradável.

- Você mencionou que não está na Carolina do Norte há muito tempo?

- Sim, já tentei esse argumento. Não funcionou.

- Você disse que a professora não gostou de você?

- Já. O major achou irrelevante.

- Então acho que não há como escapar.

- Obrigado pela ajuda, Blackwell - Joe respondeu sarcástico. - Estou muito feliz por ter telefonado a você.

Curt riu.

- Toda vez que precisar de conselhos, ligue. Joe murmurou algumas palavras impúblicas.

- Não conseguirá escapar dessa missão, amigo. Seja menos inflexível.

- Sim, está bem.

Frustrado, Joe desligou o telefone celular e olhou para a mochila que arrumara enquanto conversava com Curt. Um fuzileiro sempre devia estar pronto para partir, pois nunca sabia quando seria hora de lutar para defender seu país.

E quanto a lutar para defender sua sanidade mental?

Joe estava furioso com ele mesmo por estar se sentindo tão revoltado. Afinal de contas era um fuzileiro e havia sido treinado para lutar.

Seu pai e seu avô haviam sido fuzileiros também. Era uma tradição na sua família e motivo de orgulho.

Olhou para seu relógio. Estava quase na hora. Recordando todos os anos de condicionamento e treinamento, terminou de arrumar a bagagem com eficiência. Quanto mais cedo começasse essa missão, mais cedo se livraria dela.

Joe Wilder estava atrasado. Prudence não podia acreditar nisso. Fuzileiros nunca se atrasavam. Tinham que trabalhar com precisão militar, especialmente sob o comando do seu pai. Talvez houvesse escapado ou encontrado outro para assumir o seu lugar. Mas ele não desobedeceria a uma ordem.

Ou talvez fosse ele quem estava conversando com Sinatra...

Sim, certamente era.

Por que não a avisara em vez de deixá-la andando de um lado para o outro como uma tonta, esperando por ele? Ele realmente a exasperava. Mas... Por que seria?

A partir do momento em que ele entrara naquela sala de conferência e sorria para ela, Prudence soubera que ele era um homem acostumado a ter as mulheres que desejasse.

Sim, ele era muito bonito e sim... tinha incríveis olhos azuis. Mas nem pensar em se deixar perturbar por um homem de uniforme. Já fizera essa besteira antes.

Joe Wilder não estava na base havia muito tempo, mas já tinha reputação de ser um incorrigível conquistador.

Em uma ocasião de sua vida, Prudence sentira atração por homens desse tipo, mas amadurecera, e isso agora estava muito distante.

Ficar nas montanhas da Carolina do Norte com um fuzileiro atraente era um dos piores pesadelos que poderia ter, além das aranhas, é claro. Sempre tivera muito medo de aranhas. Cobras e outros insetos não a perturbavam, mas aranhas a deixavam apavorada.

Mesmo um atraente fuzileiro era melhor que aranhas. Além do mais, estava imune aos encantos de qualquer homem de uniforme. Tinha feito papel de tola uma vez com Steven Banks, que dissera estar apaixonado por ela, mas na realidade estava interessado em agradar a seu pai. Steven, um fuzileiro comissionado que havia ido para Anápolis, não gostara da avaliação medíocre que seu pai fizera dele. Por isso cortejara Prudence sem que seu pai soubesse.

Prudence não pretendia cometer o erro de se envolver com um militar pela segunda vez. Atualmente estava namorando um professor muito simpático chamado George Rimes. Era um homem tranqüilo e estudioso e um observador de pássaros. Ele gostaria de tê-la acompanhado naquela viagem, mas tivera que retornar a Iowa para o casamento de um parente.

Desse modo, teria que agüentar Joe Wilder que, com sua masculinidade exacerbada, era o oposto do tímido George.

- Sargento Wilder, está pronto para partir? - ela perguntou com impaciência.
- Sim, senhorita.

Suas palavras não pareceram muito convincentes, embora sua voz fosse firme.

- Ótimo.

Ela já havia conferido os itens da sua lista várias vezes e tinha tudo sob controle. Também tinha as autorizações escritas e assinadas pelos pais das crianças. Quisera incluir algum pai ou mãe na viagem, mas ninguém se dispusera a acompanhá-los. Isso fazia dela e de Joe os únicos adultos entre os cinco alunos.

- Então vamos entrar na van.

Joe rapidamente pôs sua bagagem no porta-malas da van, que já estava carregada e se dirigiu ao banco do motorista.

- Eu vou dirigir - Prudence o informou.
- Ela dirige bem - Sinatra afirmou. - Para uma professora.

- Obrigada pelo voto de confiança, Sinatra - agradeceu Prudence. - Sargento, o senhor certamente se lembra de Sinatra, Rosa e Pete. Eles participaram da excursão à base há pouco.

Joe concordou. Sinatra fora o que se compadecera dele, Pete era o inteligente, e Rosa a que fazia perguntas incomuns. Não reconheceu as outras duas crianças. Uma era asiática de cabelos curtos e um brinco de prata na orelha esquerda. A outra era uma garota africana que olhava para ele com descarado ceticismo.

- Esta é Keishon Williams - disse Prudence colocando a mão no ombro da garota. - E esse é Gem Wong - ela acrescentou, olhando para o garoto de brinco.

- Bonita tatuagem, senhor - Gem observou, olhando para o braço de Joe.
- Bonito brinco - Joe respondeu.

O garoto riu, os raios solares refletiram-se no aro prateado dos seus óculos, quase cegando Joe.

Hora de tomar mais aspirinas. Sua dor de cabeça estava voltando, e ele achava que, sentar-se no banco do passageiro enquanto a linda e sexy professora dirigia, não ajudava em nada a melhorar seu humor.

- Posso dirigir - Joe disse, na esperança de que ela concordasse.
- Sei que pode - ela respondeu. - Ouvi a respeito de suas corridas de moto.
- O senhor disputa corridas de moto? - perguntou Pete - Que coragem!
- Não confia em mim, senhorita?

- A van é minha, eu dirijo. Enquanto isso o sargento Wilder poderá dar algumas instruções a respeito do nosso final de semana.

- Quando o senhor treinou métodos de sobrevivência, teve que comer pequenos bichos como aquele pessoal do programa de televisão que são deixados sozinhos em uma ilha?

- Larvas - Sinatra o corrigiu.

- Eu li na Internet que não se deve comer ratos, pois eles podem transmitir doenças - afirmou Pete.

- Eu não comeria ratos porque sou vegetariana - disse Keishon, erguendo os ombros.
- Pete riu.

- Você os comeria se estivesse com muita fome.
- Não comeria - Keishon gritou furiosa.
- Comeria, sim! - Pete também gritou.

- Williams e Greene, parem essa discussão - Joe ordenou. Os dois jovens olharam para ele atônitos, antes de Keishon o informar:

- Não é "legal" chamar as pessoas pelo sobrenome.

Não era "legal" eles discutirem quando sua cabeça doía tanto. Mas na verdade, o mundo não era um lugar "legal" e quanto mais cedo eles soubessem disso, melhor.

Como iria agüentar ficar durante horas naquela van com cinco crianças?

Teria que parar de pensar neles como crianças e tratá-los como recrutas, jovens recrutas. Talvez isso diminuísse o estresse.

Já lidara com recrutas antes.

- Essa van não está equipada com vídeo cassete? - perguntou Pete.

- Ela não nos deixará assistir Matrix - Gem reclamou.

- Já assisti dez vezes - observou Pete.

- Então não precisa assistir novamente - Prudence encerrou a discussão. - Em vez disso prefiro que prestem atenção como as árvores mudam à medida que nos afastamos da costa e nos aproximamos das montanhas.

- São como aquela árvore enorme da base - Sinatra comentou.

- Aquela tem 350 anos - lembrou Pete.

- Essa idade é apenas uma estimativa - disse Rosa.

- Agora, provavelmente, ela nos dirá quantas polegadas a árvore cresce em um ano - Pete falou exasperado. - Ela é o gênio da classe em matemática.

- Por que vocês foram escolhidos para essa missão? - Joe quis saber.

- Somos os cinco finalistas da Feira de Ciências. Nossos projetos foram escolhidos entre os melhores - Sinatra disse com orgulho. - Foi-nos dada uma hipótese e tivemos de prová-la verdadeira. A minha foi que a Internet melhora as notas dos alunos se eles a usarem nas suas pesquisas e deveres de casa.

- Minha hipótese era de que uma dieta vegetariana é mais saudável do que uma dieta não vegetariana - disse Keishon.

- A minha dizia que o buraco de ozônio está mudando o clima - afirmou Pete. - A de Gem era sobre o ciclo vital de um sapo e a de Rosa sobre usar anéis nas árvores para calcular sua idade.

- Vocês têm de provar uma hipótese para entrar na Marinha? - perguntou Rosa. - Têm de provar que alguma coisa é verdadeira?

Se eles tinham que provar alguma coisa? Constantemente. Valores morais, honra, coragem e compromisso. Quando um recruta punha os pés na base de treinamento, criava-se nele uma nova mentalidade que deveria valer para o resto da vida. Eram constantemente desafiados a provar que poderiam ser realmente chamados de fuzileiros navais dos Estados Unidos.

Ele tivera de provar muita coisa. Claro que sim. Ele ainda merecia esse título? Joe não sabia, e essa era uma das dúvidas que o incomodava.

- Na Marinha vocês têm provas como nós temos na escola?

- Rosa continuou as perguntas.

- O treinamento tem cinco graduações: qualificação de tiro, de natação, testes de preparo físico, comandar batalhas e outros testes de conhecimento acadêmico nos quais a nota mínima tem que ser oitenta.

- Oitenta por cento não é tão difícil - Keishon declarou. - Isso seria um B na nossa escola.

- Dependendo das notas do resto da classe - observou Rosa.

- Garotas podem servir a Marinha?

- Sim, podem - Joe respondeu. - Eu mostrei para vocês os quartéis onde elas estavam quando percorremos a base, não se lembram?

- Garotas podem ser tudo o que quiserem - Prudence acrescentou.

- Você já esteve na Marinha? - Rosa perguntou.

- Não, eu sempre quis ser professora.
 - Não há professoras na Marinha? - Rosa tornou a perguntar. Prudence meneou a cabeça.
 - Apenas instrutoras e não é a mesma coisa.
 - Eu não sei - Joe replicou, olhando para ela. - Posso imaginá-la berrando instruções aos TBG, senhorita.
 - O que é TBG? - Pete perguntou, ansioso por aprender coisas novas.
 - Treinamento Básico para Guerreiros - Joe esclareceu.
 - O senhor acha que a Srta. Martin é uma guerreira? - perguntou Pete.
 - Sim, ela foi criada por um guerreiro.
 - Minha mãe também era uma guerreira. Não quero dizer que papai fosse relaxado. - Ela sorriu. - Afinal de contas é ele o Fuzileiro Naval.
 - Eu estava me referindo ao seu pai - esclareceu Joe.
 - Não brinque.
 - É permitido brincar na Marinha? - Pete perguntou.
- Joe pensou nas inúmeras brincadeiras que fizera com seus irmãos e com seus amigos.
- Sob circunstâncias especiais e sob certas condições, às vezes as brincadeiras são permitidas.

Pete franziu o cenho.

- Às vezes, rir é a única coisa que o mantém firme quando tudo parece desabar e ser difícil - Joe falou sério, o sorriso desaparecendo.

E, às vezes, nem isso funcionava.

Era o que ele teria que fazer na situação em que se encontrava. Dentro de uma van, com cinco crianças e uma professora que era filha do seu chefe. Que destino! Sem dúvida, alguém no Céu estava caçoando dele.

Há um ano nada disso o teria aborrecido, mas naquela época Joe era um fuzileiro muito diferente. E, até esse momento, ele parecia o único a ter tomado consciência disso.

Mas essa consciência estava corroendo sua alma vagarosamente ao lado do sentimento de culpa e da vergonha secreta de não ser mais suficientemente bom, forte e corajoso para ser chamado de fuzileiro naval dos Estados Unidos da América.

Ele se calou e decidiu observar a paisagem. Havia deixado a costa plana e as palmeiras para trás. Também haviam passado pelas áreas urbanas de Raleigh-Durham e Winston-Salem, atravessando o Estado até chegarem a regiões cercadas por florestas de pinheiros. As colinas verdes deram lugar a montanhas enormes, cercadas por nuvens que, nos cumes mais altos, pareciam fumaça azul.

Os novos recrutas continuaram a fazer perguntas a ele.

De vez em quando, Joe olhava para Prudence tentando ler seus pensamentos. Ela não falava muito, deixando-o à vontade para responder as perguntas que lhe eram endereçadas pelos alunos curiosos. Mas o suave sorriso que ela mantinha nos lábios o fazia pensar que estava gostando de tê-lo colocado naquela missão.

Olhar para os lábios dela o deixava ansioso. Ansioso por beijá-la, sentir seu calor e o gosto da sua boca, seus lábios, sua língua...

Joe piscou. O que estava fazendo? Alimentando fantasias com a filha do major? Que estupidez!

Forçando-se a tirar os olhos dela, lembrou a si mesmo que ela estava fora do seu alcance em todos os sentidos.

- É verdade que os fuzileiros têm apelidos, como Cabeça de Melão, por exemplo?
- Sim, é verdade.
- Que outros apelidos o senhor conhece?
- Por exemplo, Cão do Inferno.
- Os fuzileiros são chamados de Cão? - Pete perguntou surpreso.
- Eles não são chamados de Cão significando cachorro. Receberam esse apelido dos

alemães, durante a Primeira Guerra Mundial - explicou Sinatra, orgulhoso.

- Devido à tenacidade dos fuzileiros na Batalha de Belleau Wood. Muito bem, Sinatra - Joe elogiou o menino.

- Queridinho da professora... - Pete caçoou.

- Ei, o que é isso? - Joe perguntou com voz de instrutor.

- Nada, nada - Pete respondeu rapidamente. Exatamente quando Joe pensava que não agüentaria uma segunda viagem com essas crianças, Prudence exclamou:

- Chegamos!

O lugar não era tão impressionante como se noticiava. Na realidade tratava-se de um estacionamento coberto de cascalho, mas era um marco para Pete, Keishon, Gem, Rosa e Sinatra, para não mencionar a inatingível e sexy professora Prudence.

Joe foi o primeiro a descer da van seguido pelos "recrutas", parecendo um número de circo no qual vários palhaços desciam de um pequeno fusca.

Não era o pelotão de recrutas mais interessantes que ele já havia visto, mas interessante não era propriamente uma qualidade para a Marinha.

Prudence examinava suas anotações checando os vários itens que ia retirando do porta-malas da van.

- Seis sacos de dormir... - Ela parou para contar se cada aluno pegara o seu. - Certo. Duas tendas, certo. Seis mochilas, certo. Presumo que o senhor possa cuidar das suas coisas, sargento Wilder.

- Afirmativo - ele falou, tirando com eficiência a maior tenda do porta-malas bem como sua mochila.

Prudence olhou para ele admirando os músculos dos seus braços, rígidos sob as mangas da camisa. Ele não era do tamanho de um jogador de futebol americano ou de um lutador, mas era muito forte, com a musculatura bem definida.

O sol pusera pequenas rugas ao redor dos seus olhos, ou seriam marcas de risadas? Só agora ela percebera que o nariz e a mandíbula dele eram perfeitamente simétricos o que não permitia que ele fosse apenas um garoto bonito. Ele tinha o rosto de um homem vivido e experiente.

Tinha tido paciência com as perguntas das crianças durante toda a viagem, deixando-a surpresa. Mas não deveria, pois fuzileiros navais eram acostumados a cumprir ordens, e Joe tinha lhe dito mais de uma vez que havia recebido ordem de acompanhá-la como também aos seus alunos, naquela viagem.

Mas isso não significava que ele se sentia mais confortável a respeito da situação. E ela ainda não sabia o motivo que o deixava tão tenso. Talvez fosse filho único e não tivesse muita experiência com crianças.

Podia perguntar, mas hesitava em fazer amizade com Joe. Não queria nem saber se era filho único. Aquele homem a perturbava.

Era melhor manter distância emocional mesmo se não pudesse fazer isso fisicamente. Seria mais inteligente.

Sim, estava passando o final de semana nas montanhas com ele, mas estavam acompanhados de cinco alunos da sexta série. E ela não estava vestida como se fosse uma modelo. Usava a mesma calça caqui e camiseta branca que vestira cedo. Apenas acrescentara uma camisa de brim de mangas longas e amarrara um suéter vermelho ao redor da cintura.

Olhando-se no espelho externo da van, ela ajustou a presilha que prendia seus cabelos, antes de se virar para inspecionar os alunos.

Conferiu a mochila de cada aluno para saber se estavam adequadamente amarradas e o peso bem distribuído, e se as tiras não estavam torcidas.

Finalmente se puseram a caminho, com Joe na frente e Prudence atrás da fila. Da sua posição, ela podia observar o sargento. Sempre gostara de homens que vestiam jeans e por isso ficara surpresa por achá-lo atraente com calça de uniforme de camuflagem que

não era nem um pouco sensual. Mas não era a roupa e sim o homem que a atraía. E ele estava se afastando dela com aquelas passadas longas e rápidas.

- Sargento, não estamos acostumados a marchar - ela o advertiu. - Devemos apreciar a paisagem e não marchar como se estivéssemos em combate.

Joe diminuiu as passadas para que todos o alcançassem. Mesmo assim, Prudence não ficou satisfeita e o avisou na primeira parada que fizeram para descansar.

- Sargento, o senhor deve liderar a tropa, não fugir dela. As palavras dela foram como uma verdadeira bandeira vermelha. Um fuzileiro naval jamais foge de alguma coisa.

Ignorando o comentário, ele falou como se estivesse liderando verdadeiros recrutas.

- Enquanto estivermos aqui, repassaremos algumas técnicas de sobrevivência.

Como sobreviver nas montanhas a uma mulher proibida e cinco crianças?, pensou Joe.

- O que podem ver e ouvir?

- Ouço pássaros e o vento nas árvores - disse Sinatra.

- E eu vejo um esquilo naquela árvore - Rosa falou.

- E sentem algum cheiro? - Joe perguntou.

- Eu tomei banho essa manhã - Pete brincou. Joe riu.

- Fechem os olhos e cheirem. O que sentem?

- Pinheiro, sinto cheiro de pinheiro - disse Pete. - E o senhor? Que cheiro sente?

Perfume, o perfume de Prudence, pensou Joe. Como Al Pacino em um filme, Joe era muito bom em identificar uma mulher pelo seu perfume. E esse que ele estava sentindo era estimulante. Era cítrico com um pouco de... canela?

Recusava-se a permitir que ela penetrasse nos seus pensamentos. E se ela conseguisse entrar, ele a expulsaria.

- Também sinto cheiro de pinheiro - respondeu Joe. - Outra regra: a pressa causa desperdício.

- Também acho - concordou Prudence.

- Mais uma regra: Lembre-se de onde está. - Joe apontou para o mapa. - Orientem-se pelas montanhas.

- Elas parecem iguais para mim - Pete disse.

- Não se você olhar com atenção - Joe os fez observar as montanhas. - Vêem como aquela não tem vegetação no cume?

- Provavelmente mortas pela chuva ácida - Keishon olhava atentamente para as montanhas.

Joe continuou enumerando as regras de sobrevivência:

- Derrote o medo e o pânico.

Essa regra servia diretamente a ele, era preciso nunca esquecer-se dela.

- Aja como os nativos.

- O que isso quer dizer? - perguntou Keishon. - Que nativos vivem nas montanhas?

- Animais - Gem respondeu antes de Joe. - Animais vivem nas montanhas.

- E animais são mais espertos do que as pessoas - disse Keishon. - Eles sabem tudo, onde há água e outras coisas, certo?

- Certo - concordou Joe.

- E a última regra: Use a inteligência - Joe concluiu. - Aprender treinamento básico desenvolve sua autoconfiança.

- Eu chequei alguns sites da Internet a respeito de acampamentos e me senti melhor e mais confiante para enfrentar essa viagem - afirmou Sinatra.

- E a Srta. Martin nos deu outras informações durante as aulas.

Joe percebeu que olhava para os seios de Prudence, delineados pela camiseta branca. Estava olhando-a respirar. Céus! Isso era um mau sinal.

- Tudo bem, recrutas - ele gritou. - Hora de caminharmos. E hora de se conscientizar de que sua missão era acompanhar a filha do major e seus alunos, e não seduzi-la.

CAPÍTULO IV

- Eu não concordo! - Prudence exclamou. Aquilo não era surpresa, Joe disse a si mesmo. A filha do major não concordara com uma única palavra que ele dissera nas duas últimas horas.

Apontando para um local, na posição oposta ao que ele indicara, ela afirmou:

- Acho que aquele lugar é melhor.

- É, se você quiser o ar frio da noite passando pela sua tenda. Os ventos vêm do oeste, o que significa que não pode pôr a entrada da tenda naquela direção.

- Por que você não diz apenas que quer pôr sua tenda no primeiro lugar que viu? - ela perguntou exasperada, antes de erguer a mão como se fosse um guarda de trânsito. - Não importa, já sei a resposta a essa pergunta. Você é um fuzileiro e está acostumado a ter suas ordens obedecidas. - Pondo as mãos sobre os quadris, ela completou: - Não sou um dos seus recrutas.

- Não estou brincando, senhorita - ele disse respeitosamente, apreciando o modo como ela defendia suas opiniões.

- Então, vamos ambos manter em mente a razão de estarmos aqui. Prudence sugeriu

- Estamos aqui porque seu pai, meu chefe, ordenou.

- Estamos aqui para dar às crianças a oportunidade de se distraírem, além de aprenderem como se portar em um acampamento nas montanhas - ela o corrigiu. - Eles trabalharam muito nos seus projetos, e eu não quero que nada arruíne o fim de semana. Assim, o que acha de mantermos uma trégua temporária? - Prudence ergueu a mão. - Pelas crianças. Vamos nos dar as mãos?

Não havia razão para Joe hesitar. Apertou a mão dela e sentiu uma irresistível atração. Isso não podia continuar. Era muito perigoso.

Observando-a, percebeu que Prudence sentira a mesma coisa. O que mais chamava a atenção de Joe naquela mulher era olhar intrigante. Conhecera muitas mulheres sensuais no passado, mas nenhuma delas o tinha feito sentir-se dessa maneira.

Perigo, Joe Wilder! Perigo.

Soltou a mão dela como se estivesse segurando uma granada.

Joe gostava de um desafio, especialmente envolvendo uma mulher bonita, mas isso não era desafio, era suicídio.

Qualquer atitude não profissional que tivesse em relação a Prudence, significava o caminho de saída da Marinha. O pai dela não lhe perdoaria.

Não que houvesse algum regulamento proibindo um oficial de namorar a filha de um major, mas era uma regra subentendida, que não havia necessidade de ser dita. O bom senso ditava que não se devia fazer coisas estúpidas. E Joe tinha muito bom senso, ou pelo menos sempre tivera, no passado.

Afastando-se dela, ele se concentrou em armar as tendas, assistido pelos pequenos recrutas.

Olhando-o trabalhar, Prudence esfregou a mão que Joe acabara de apertar. Ele tinha um aperto de mão firme, mas não fora propriamente o aperto que a perturbava.

Joe se vestia como todos os fuzileiros, e ela os vira durante toda a sua vida. Estava acostumada, mas esse fuzileiro parecia ser especial, ele a perturbava.

Talvez fossem seus olhos azuis parecidos com os de Mel Gibson, ou o seu sorriso. Não tinha certeza, mas havia qualquer coisa diferente.

Também não era o modo como tratava as crianças, pois era possível notar que ele não ficava à vontade perto delas.

Não era nada muito perceptível, mas Prudence estava olhando para Joe Wilder excessivamente.

Pedindo a Gem e Keishon que a ajudassem, ela juntou alguns gravetos para acender o

fogo para o acampamento. O campo já tinha uma área para fazer fogo, marcada por um círculo formado por grandes pedras. Quando conseguiram acender o fogo, as tendas já estavam armadas e os sacos de dormir preparados.

O crepúsculo já havia chegado, e ela tentou não notar como Joe ficava ainda mais bonito sob os reflexos da fogueira. Mas ele manteve distância e não se juntou ao grupo. As crianças comeram cachorro-quente e batatas fritas com animação. O suco estava em um recipiente grande que eles tomavam com canudinho, não sendo necessário copos ou xícaras. No dia seguinte a refeição seria espetinhos de carne, que talvez não fizesse tanto sucesso quanto os cachorros-quentes.

Joe tinha posicionado as duas tendas de modo que a fumaça da fogueira não soprasse em direção delas.

Prudence não sabia por que havia discutido com ele a respeito da posição das tendas.

Estava feliz por ele ter parado de flertar com ela como havia feito antes de saber que ela era a filha do major, mas isso fazia com que a consciência que um tinha da presença do outro se tornasse ainda mais confusa.

Manter distância seria suficiente para que eles não sentissem nenhuma química especial entre os dois? O fato de estarem acompanhados por seus alunos tornava nulo qualquer sentimento romântico?

- Enquanto houver clareza suficiente do fogo, por que vocês não pegam seus diários e escrevem os acontecimentos do dia? - Prudence sugeriu. - Sargento, eu trouxe um caderno, se o senhor quiser fazer o mesmo.

- Não será necessário, senhorita. Ela mostrou o caderno para ele.

- Não quero que se sinta excluído do grupo.

- Não sou do tipo sensível.

Percebendo que ela ia recuar, Joe pegou o caderno, tomando cuidado para não tocar nos seus dedos.

O que esta mulher tinha que o fazia sentir-se tão estranho?

Ela era bonita, mas não a mulher mais bonita que já havia conhecido.

Não... Era mais que algo físico. Eram suas atitudes, o modo como tratava os jovens recrutas e como os orientava.

- Senhor, os fuzileiros sabem se guiar pelas estrelas? - Gem perguntou, interrompendo os pensamentos de Joe.

Mesmo ao explicar às crianças onde estava a Estrela do Norte e como achá-la no céu, uma parte de sua mente ficou com Prudence. O grupo não pareceu notar sua distração, ele era bom em esconder emoções.

- Pode-se ver a Via Láctea daqui. Com tantas galáxias não é possível que sejamos os únicos habitantes do universo - declarou Gem.

- Como você acha que os extraterrestres são? - Rosa perguntou.

- Gostei da aparência deles no filme Homens de Preto - afirmou Pete.

Keishon franziu o nariz e meneou a cabeça.

- Eles eram grandes demais e repugnantes.

- Como você sabe se não parecemos repugnantes a eles? - Pete perguntou.

- Eles não nos viram - replicou Keishon.

- É claro que viram. Você não lê os jornais? Não sabe a respeito de Roswell ou do Arquivo X? Os extraterrestres estão entre nós - Pete declarou.

- Talvez você seja um deles - Keishon replicou. - Você age de maneira estranha. - Virando-se para Joe, ela perguntou: - O que acha sargento? Acha que há vida inteligente em outra galáxia?

Ela estava fazendo essa pergunta a alguém que nem tinha certeza se havia vida inteligente na Terra.

Joe olhou para o céu e lembrou-se de um incidente que havia acontecido quando ele era criança, seu pai o levava para o quintal e lhe mostrava o céu e as estrelas. Lembrou-se

do temor que sentira e que o acompanhara durante décadas.

- Não sei - Joe disse.

- Os fuzileiros navais não lidam com extraterrestres. É a Força Aérea que cuida disso - Pete disse a Keishon. - Você saberia disso se visse mais os programas de televisão.

Ignorando-o, Keishon falou a Joe:

- Quem é Alice? Ouvi o senhor falar dela há pouco.

- Eu não estava falando sobre uma mulher.

- O senhor conhece um homem chamado Alice? - Pete perguntou, erguendo uma das sobrancelhas.

- Alice é minha mochila - afirmou Joe.

- O senhor pôs nome na mochila? Keishon franziu o cenho.

- Não acha mais fácil chamar de mochila mesmo?

- Fuzileiros Navais não fazem as coisas apenas por serem mais fáceis - Prudence observou.

- Eu às vezes uso palavras para me lembrar das coisas - disse Gem.

- Eu uso meu computador portátil - afirmou Sinatra.

- Computadores são ótimos, mas você tem que ser capaz de sobreviver sem eles - disse Joe. - Tem que depender de suas próprias habilidades. Um fuzileiro nunca depende de nada a não ser de seus companheiros.

Joe ficou tenso novamente quando sua memória foi povoada de lembranças que ele gostaria de esquecer.

Abandonara seus companheiros. Deveria haver alguma coisa que ele pudesse ter feito em vez de ter sido apenas uma testemunha do terrível acidente do helicóptero em chamas.

- O fogo está se apagando - notou Rosa.

- Isso é bom - Joe replicou. - Está na hora de dormir.

- Se o fogo apagar, não seremos capazes de enxergar nada - disse Keishon, visivelmente apavorada com a possibilidade de ficar no escuro.

- Claro que podem enxergar - Joe contestou. - Depois de um minuto de escuridão, os olhos se habituem, e a visão fica dez vezes mais acurada. Depois de vinte minutos, ela aumenta seis mil vezes.

- E depois de quarenta minutos aumenta vinte e cinco mil vezes! - Sinatra exclamou dramaticamente.

- Impressionante - disse Gem, seu brinco prateado brilhando sob a claridade do fogo.

- Como sabe disso? - perguntou Pete.

- Eu li no meu computador - admitiu Sinatra, mostrando-o para os companheiros.

- Aposto que seu computador não lhe disse que é possível, em uma noite como essa, detectar a claridade de um fósforo a cinquenta milhas de distância - esclareceu Joe.

- Não, não me disse, mas posso perguntar - Sinatra sugeriu.

- Então se não vimos nada, isso significará que não há ninguém por perto por cinquenta milhas? - quis saber Keishon.

- Teremos de esperar quarenta minutos para nossos olhos se ajustarem completamente à escuridão - Prudence observou.

- Bem, não pretendo ficar sentada aqui por tanto tempo - declarou Keishon, levantando-se.

- Ela tem medo de ursos - disse Pete.

- Não tenho não.

- Tem sim.

- Se continuar a me provocar, o sargento vai gritar com você novamente - Keishon olhou na direção de Joe.

- Ele gritou com nós dois - Pete a lembrou.

- Não foi.

- Foi.

Quando Joe olhou para eles por sobre a caneca de café que levava à boca, eles pararam imediatamente de discutir.

Ele aprendera aquele olhar com um instrutor muito severo que tivera durante o treinamento.

Aquelas crianças o estavam deixando nervoso, como também o deixava nervoso a idéia de dormir na mesma tenda com três garotos. Não era essa a idéia que ele tinha de privacidade.

Joe teria preferido dormir sob as estrelas, mas Prudence determinou que deveria haver um adulto em cada tenda. Ela ficaria com as meninas.

Joe nem percebera que cochilara até que o pesadelo começou.

Sempre começava da mesma maneira. Ele via as hélices brilhando ao sol quando o helicóptero levantava vôo. Então o movimento do Cobra perdia a força e caía. As labaredas subiam ao céu, havia morte, destruição e desespero.

Acordou com falta de ar e a testa molhada de suor.

Nunca esqueceria aquela cena. Ter sobrevida era a sua tortura e o seu sentimento de culpa. Não havia maneira de suavizar o ocorrido. Não havia modo de ele não pensar que, se estivesse a bordo, talvez tivesse encontrado um modo de impedir a queda e teria evitado a morte de três fuzileiros.

Precisando desesperadamente de ar fresco, Joe levantou-se e saiu da tenda.

As nuvens haviam desaparecido por detrás da lua, e ele olhou para o céu, tentando engolir ar fresco como se estivesse sufocado.

- Testando sua visão noturna, sargento? - Prudence perguntou. Imediatamente em alerta, Joe se virou, pronto para a batalha.

- Calma! Sou eu. Não é um inimigo. Qual é o problema? Não consegue dormir?

- O que está fazendo aqui?

- Estava apreciando a paz e a quietude. Não se tem isso perto de cinco alunos da sexta série.

- Deveria estar dormindo. Teremos que acordar cedo amanhã.

- As crianças parecem deixá-lo nervoso - Prudence observou, não mostrando sinal de voltar para a tenda. - Por quê?

Joe gostaria que ela soubesse que, desde o acidente do helicóptero, crianças o desestabilizavam. Não apenas quando ás via, mas também quando tinha de ser responsável por elas.

Percebera isso pela primeira vez quando fora visitar Curt e a esposa em Chicago, em um final de semana prolongado. Segurar a filha de Curt, Blue, fizera seus joelhos tremer. Ele, que sempre soubera lidar com mulheres, desde bebês até avós, nunca tivera problemas com crianças. Mas isso tinha sido com o velho Joe, o que deveria ter morrido naquele helicóptero em chamas.

- Nem todas as pessoas são boas para lidar com crianças, senhorita.

- É verdade - Prudence concordou. - Mas com você parece haver alguma coisa mais séria. - Ela fez uma pausa, dando-lhe a chance de falar, se quisesse.

Mas ele não quis.

- Eu queria lhe dizer que seu diário foi pego por Rosa e Keishon por engano. Só quando comecei a ler foi que percebi que era seu. Eu devia ter adivinhado pela letra. Por que todos os marinheiros têm uma letra tão torta?

- Torta?! - ele perguntou surpreso, como se houvesse ouvido um insulto contra sua amada Marinha. - Isso não é verdade.

- É claro que é verdade.

- Está bem, não vou discutir com a senhora.

- Por que não? Você discute comigo sobre tudo.

- Só porque está errada na maior parte do tempo, senhorita.

- Você poderia parar de me chamar de senhorita. Sei que é fingimento.
- Então, além de outras qualidades, você também lê a mente dos outros?
- E que outras qualidades eu tenho?
- A de sempre estar me ofendendo, senhorita.
- Sim, além dessa habilidade, sargento.

Ela inclinou a cabeça e olhou para ele que agora estava mais perto. Seus cabelos chegavam aos ombros, e ela usava calça de moletom preta e uma camiseta vermelha.

- Você parece ser uma boa professora.
- Você é muito gentil.
- É o que sempre me dizem.
- E é bonito demais. Isso também lhe dizem?
- Não coloque as coisas desse jeito.
- Que jeito?
- Como se isso fosse pecado.

Era verdade. Era até pecado ser bonito assim.

Ela tivera um sonho erótico com Joe, e isso não era comum, por esse motivo estava fora da tenda àquela hora. Mas desde que o vira entrar naquela sala de conferência, sentia-se diferente e nem podia acreditar que falara que ele era bonito. Não era sua intenção, as palavras foram pronunciadas sem que ela percebesse.

Falar com Joe na escuridão a fizera esquecer de seus limites, o que era muito perigoso. Não podia esquecer quem ele era nem por um minuto.

Joe não era um inimigo, mas poderia se transformar em um. Podia ser o inimigo da sua paz de espírito e do futuro que planejara para si própria. Um futuro sem um homem sexy como ele.

- Acho que vou voltar para o meu saco de dormir. - Ela se levantou, sem perceber que ele estava agora ainda mais próximo dela.

Ao levantar-se, Prudence tropeçou em uma pedra, e Joe esticou os braços para ampará-la.

Ao sentir o calor do corpo másculo junto ao seu, ela se esqueceu até de respirar, envolvida por aqueles braços fortes.

Então, subitamente, Joe se afastou.

- É melhor voltar à sua tenda, senhorita - ele disse no tom respeitoso que os fuzileiros normalmente usavam.

Em vez de discutir, Prudence apenas concordou. O toque dele a fizera sentir emoções que nunca sentira e que receava não saber controlar.

Voltou apressadamente para sua tenda, parando na entrada para olhar por sobre os ombros. Joe estava se afastando, uma figura solitária em meio à escuridão.

Então desapareceu. Mas ela mantinha uma vívida memória do contato que tivera com ele.

O dia seguinte estava nublado, frio e com prenúncio de tempestade. Joe consultara a previsão do tempo antes de sair da base e, embora houvesse uma grande tempestade sobre o Atlântico, eles esperavam que ela continuasse para o norte ao longo da costa e não viesse para o interior do Estado. Mas alguma coisa no céu o deixou preocupado. Talvez fosse apenas o nervosismo causado pelas crianças, mas não tinha certeza.

Tentou manter o passo da marcha, mas Prudence insistiu em parar para olhar as flores, tirar fotografias das quedas de água e para explicar o ecossistema. Desse modo, dificilmente chegariam ao acampamento antes da chuva. Joe cavara uma vala ao redor do acampamento para ter certeza de que nada seria inundado enquanto estivessem fora.

Enquanto cavava, tivera um mau pressentimento sobre o tempo. O ar ficara mais frio, e ele orou para que não nevasse.

Suas preces não foram atendidas, e a neve veio por volta da meia-noite. Não havia nada que ele pudesse fazer. Não podia fazer as crianças andarem no escuro nem mesmo

com lanternas. Eles não tinham experiência para se arriscarem tanto. Tinham que esperar amanhecer.

Joe sentou-se e esperou, enquanto os outros dormiam. Pretendia acordá-los logo que amanhecesse.

Mas não havia planejado ver tanta neve na porta da tenda. Meia hora antes não havia aquela quantidade.

Resmungando, ordenou aos garotos que vestissem todas as malhas que tivessem.

- Duas ou três malhas mais finas esquentam mais do que apenas uma grossa. E amarrem camisas de flanela na cabeça.

Então jogou um saco plástico de lixo a cada um deles.

- Façam um rasgo no saco e o coloquem ao redor da cabeça, dessa maneira - ele mostrou como deviam fazer. - Fiquem aqui enquanto vou ver as garotas.

A neve era tanta que ele mal podia enxergar onde estava a tenda das mulheres.

Lá chegando, Prudence já fizera com que as garotas se levantassem e se vestissem. Ela segurava um telefone celular.

- Não há sinal.

- Mesmo que consiga se comunicar, não há chance de alguém chegar aqui para nos resgatar com esse tempo. Fez as garotas vestirem várias malhas?

Ela concordou com um gesto de cabeça.

- Ótimo. Têm alguma coisa que possam amarrar ao redor da cabeça? Chapéus, cachecol ou camisas extras? Ponham, rápido. Se não tiverem luvas, vistam meias nas mãos. Temos que encontrar um abrigo mais seguro, o mais depressa possível.

Joe abriu o mapa.

- De acordo com o mapa, há uma cabana não muito longe daqui.

- É hora de usar as regras de sobrevivência que o senhor nos ensinou? - perguntou Keishon.

- Afirmativo - Joe respondeu.

- Vocês sabem que dois flocos de neve não são iguais? - Rosa perguntou encantada, em vez de estar com medo da tempestade de neve. - O número de combinações é infinito.

Joe apenas sabia que não era infinita a sua habilidade de mantê-los a salvo.

As duas horas seguintes foram as mais longas da sua vida. Apenas seus anos de treinamento permitiram que continuassem caminhando. A neve escondia todas as placas.

Então, ele viu o teto vermelho de uma cabana.

CAPÍTULO V

Prudence nunca sentira tanto frio em toda a sua vida. O vento era cortante, a neve a congelava em contato com a pele do rosto, e seus olhos lacrimejavam devido ao vento.

Ela seguia Joe quase sem enxergá-lo. Ele estava à frente do grupo e ela atrás para não correrem o risco de alguma das crianças se perder. A visibilidade era tão pequena que eles caminhavam segurando-se pelas mãos, como uma cadeia humana.

A neve se acumulava sobre suas botas enquanto eles caminhavam. Ulcerações eram a grande preocupação, uma vez que nenhum deles estava vestido para enfrentar uma tempestade de neve. Precisavam encontrar abrigo imediatamente.

Joe Wilder seria capaz de fazer isso. Prudence tinha absoluta confiança nas habilidades dele. Fuzileiros navais inspiravam muita confiança, e Joe não era exceção.

De repente, percebeu que a fila parara de caminhar e, no segundo seguinte, avistou a cabana.

Agradeceu aos céus e secou uma lágrima que descia por seu rosto. Suas pernas estavam tremendo pelo esforço de andar sob pesadas camadas de neve.

Dentro da cabana, o alívio de poder se esconder daquela tempestade foi imediato.

Prudence logo olhou ao redor para verificar o novo lar.

A cabana tinha um único e grande cômodo com uma enorme lareira de pedra à direita. Duas cadeiras dobráveis estavam encostadas na parede próxima da lareira.

Na outra parede via-se uma pia de metal e uma bomba que trazia água de um poço. Prateleiras em outra das paredes tinham várias fileiras de latas. No canto oposto, uma porta aberta mostrava um banheiro rudimentar.

O lugar estava empoeirado, mas não havia bichos. Pelo menos à primeira vista. Teria que procurar por aranhas mais tarde. O lugar não era o Hotel Ritz, mas em uma hora como essa parecia ser.

- Enquanto eu acendo o fogo vocês, crianças, tirem as botas e as meias molhadas - Joe ordenou, pegando uma caixa de fósforos de cima da lareira. - Prudence, veja se algum deles tem ulcerações nos pés.

- Eu odeio neve - Keishon lamentou. - Nunca senti tanto frio em minha vida - ela disse, batendo os dentes.

Joe acendeu a lareira usando papéis do caderno que Prudence havia lhe dado para pôr fogo nos feixes de madeira que encontrara ao lado do forno. Havia reparado que havia mais madeira do lado de fora da cabana, coberta com um plástico azul. Portanto devia estar em boas condições de uso. Verificou também a chaminé e foi com alívio que viu que não estava obstruída. Finalmente, alguma coisa tinha dado certo.

Quando acabou, foi também verificar os pés das crianças para se certificar de que nenhuma delas tinha ulcerações. Inspeccionou os dedos dos pés e das mãos de Gem e Sinatra que apresentavam apenas alguma vermelhidão, mas nada preocupante. Outra coisa positiva.

A cabana estava gelada, mas o fogo logo aqueceria o ambiente e a todos ali.

Quanto a ele, o frio externo não era nada se comparado ao que ele estava sentindo. Pensar em um final de semana com os novos recrutas não era nada comparado ao pânico que estava sentindo pelo que poderia vir a acontecer. Ele era responsável pela salvação do grupo, e isso tinha que ser conseguido o mais rápido possível.

Passaram a manhã aquecendo-se e comendo barras de granola. Joe e Sinatra ficaram encarregados de se livrar de teias e aranhas.

Um grito abafado de Prudence fez Joe correr para onde ela estava, amparando-a nos braços.

- O que foi? - ele perguntou, alerta, olhando ao redor tentando ver o que poderia tê-la assustado tanto. Tudo que viu foi uma aranha andando na porta da frente da cabana.

- Desculpe-me - ela sussurrou. - Não suporto aranhas. Estou bem agora.

Prudence se afastou dele rapidamente e recuperou sua habitual autoconfiança para que as crianças não percebessem que ela estava apavorada. Mas Joe levou algum tempo para se recuperar de tê-la sentido em seus braços.

Depois de Prudence ter encontrado uma vassoura velha e varrido o chão, eles desfizeram as mochilas e espalharam seus sacos de dormir perto da lareira, formando um semicírculo.

- O senhor tem certeza de que suas técnicas de fuzileiro serão suficientes para controlar essa situação? - Sinatra perguntou a Joe.

Joe já havia feito uma avaliação da situação. Havia lenha e comida suficientes para quarenta e oito horas, se eles fossem cuidadosos.

Depois de várias tentativas, ele finalmente conseguiu água razoavelmente limpa da bomba da pia. Se fervesse a água, poderiam bebê-la.

Mas havia o imprevisível, como a duração da tempestade, a eficiência da lareira e a possibilidade de uma das crianças ficar doente devido ao frio a que havia sido exposta. Nada fora previsto no manual de sobrevivência da Marinha sobre como cuidar de crianças em uma situação dessas.

A situação era séria.

Rosa, com o queixo tremendo, perguntou-lhe se ia morrer, e ele sentiu como se houvesse recebido um soco no estômago.

- Ninguém vai morrer - Joe afirmou.

- Claro que não - concordou Prudence. - Ficaremos bem, pare de se preocupar, querida. Ficaremos bem.

- Não precisamos nem chamar os fuzileiros navais - Sinatra afirmou, olhando para Joe com absoluta confiança. - Temos nossa própria Marinha para nos ajudar. Ele nos trouxe a essa cabana, não trouxe?

Por alguma razão, a confiança de Sinatra o perturbou tanto quanto o medo de Rosa.

Tentara se livrar dessa viagem e agora ali estava ele preso em uma cabana com os alunos da sexta série, mais a professora sexy, em meio a uma tempestade de neve que não sabia quanto tempo duraria.

A situação era apavorante, mas ele poderia se sair bem. Já estivera em situações piores embora, em nenhuma delas, sentira tanto pânico.

- Isso não é um hotel cinco estrelas, é uma cabana para casos de emergência. Eu vou lá fora pegar mais lenha.

Abrindo caminho na neve, Joe sentiu raiva dele mesmo. Tinha tido um mau pressentimento a respeito do tempo na manhã anterior. Deveria ter levado a sério, deveria ter confiado em sua intuição, cancelado a viagem e mandado as crianças de volta para casa.

Se tivesse feito isso, agora eles estariam a salvo em casa, dormindo em suas próprias camas.

Arrependimentos. Deus, ele era um especialista em arrependimentos!

Se estivesse naquele helicóptero, poderia ter sido capaz de fazer alguma coisa para impedir o acidente que matara três companheiros.

As palavras martelavam seu cérebro como um tambor que não calava nunca.

Apertando os dentes, pegou a lenha uma a uma até seus braços ficarem repletos. Não tinha pressa de voltar para a cabana, mas seus dedos não agüentariam o frio por muito mais tempo, e não adiantaria nada ficar escondido do lado de fora. A culpa estava dentro dele, fazia parte dele. Não havia como escapar.

- Essa cabana é melhor que nossas tendas - Sinatra disse à noite, quando todos estavam sentados ao redor do fogo, assando os marshmallows que Prudence encontrara no fundo de sua mochila.

- Pelo menos tem banheiro - disse Gem.

- Privada - Sinatra o corrigiu. - Na Marinha eles chamam de privada.

- Não estou na Marinha - Gem respondeu.

- E se eles não nos acharem e a comida acabar e tivermos de comer alguém? - Pete perguntou.

- Isso não vai acontecer - Prudence assegurou.

- E se tivermos de comer você em primeiro lugar por ser o mais gordo? - Keishon perguntou irritada.

- Eu não sou gordo! E eu pensei que você fosse vegetariana.

- Por você, eu faria uma exceção.

- Vocês são um bando de facínoras - Joe resmungou, sentindo a cabeça doer novamente.

- Por falar em facínoras, vamos contar histórias de fantasmas. Eu conto a primeira - declarou Pete.

- Acho que podemos fazer diferente. Cada um conta uma parte da história - Rosa deu a idéia, e os outros concordaram. - Mas você pôde começar, Pete.

- A história começou nesta cabana - Pete disse com voz dramática. - Extraterrestres aterrissaram uma noite, pegaram um grupo de campistas e lhes sugaram a vida, até eles

morrerem. E desde então, eles estão assombrando esta cabana.

- Os extraterrestres? - Keishon perguntou.

- Não, os campistas mortos - Pete esclareceu exasperado. - Eles têm assombrado esta cabana...

- Por quê? - Rosa o interrompeu. - Por que esta cabana? Por que eles não perambulam pelas montanhas onde haviam acampado? Faria mais sentido se eles tivessem sido mortos aqui na cabana.

- Ótimo - Pete disse, irritado com os palpites dela. - Vou começar novamente. A família estava nesta cabana e viu uma estranha luz do lado de fora, através da janela.

Naquele instante, houve um brilho de luz do lado de fora, e todos estremeceram.

- Raios - Joe explicou perto da janela.

Prudence notara que ele ficara perto da janela como se estivesse de guarda. Estava cada vez mais tenso, e ela pretendia perguntar-lhe o motivo, assim que as crianças dormissem. Se houvesse alguma coisa que Joe não lhe dissesse, ela precisava saber. Parecia a ela, que não corriam tanto perigo agora que tinham encontrado a cabana e tinham comida, água e aquecimento. Mesmo assim, Joe não relaxara e estava sempre na defensiva.

- Não eram raios, eram extraterrestres. E eles esperaram até a família dormir para entrar furtivamente na cabana, atacá-los e sugar-lhes a vida.

- Está bem, agora é minha vez - Rosa declarou. - Parecia que os extraterrestres estavam sugando a vida da família, mas era a maneira que encontraram de saber quem eles eram. Os extraterrestres não queriam matá-los, queriam apenas fazer um exame neles para saberem a idade de cada um. Mas a família acordou e...

- Minha vez... - Sinatra disse. - A família acordou e usou uma câmara digital para tirar fotos dos extraterrestres e puseram as fotos na Internet, usando um computador portátil. Os extraterrestres tinham computadores melhores e os acionaram para mandar a família para a astronave.

- Mas se foram enviados para a astronave, eles foram mortos

- Pete interferiu.

- Ainda não é a sua vez - Rosa o lembrou.

- Os extraterrestres mostraram à família como melhorar a comunicação - Sinatra continuou - e como fazer seus computadores funcionarem, acionados pelo pensamento. E então, eles...

- Minha vez - Keishon disse. - E então eles disseram que tinham que ser bons animais e não comerem carne.

- Que tipo de extraterrestre diria isso? - Pete perguntou com raiva. - Isso nunca aconteceria!

- Minha vez - Gem disse. - E quando eles foram mandados de volta à Terra, a família percebeu que havia pego uma terrível doença de pele.

- A história está ficando boa - Pete interveio aprovando a idéia. - Uma doença de pele. Ótimo!

- A doença começou nos dedos dos pés e subiu para as pernas

- disse Gem.

- A família tinha certeza de que ia morrer, quando foi surpreendida por um menino feiticeiro que descera pela chaminé - Rosa completou.

Pete virou os olhos.

- Papai Noel desce pela chaminé, não Harry Potter.

- Ele é o meu feiticeiro e faço com ele o que quiser - Rosa manteve sua opinião. - Com sua varinha mágica, ele curou a doença da família.

- Extraterrestres são mais fortes que feiticeiros - Pete opinou. Uma acalorada discussão se seguiu até que Gem interrompeu.

- Tivemos extraterrestres e feiticeiros, mas nenhum fantasma. Talvez devêssemos

começar outra história.

- Ótimo. Eu começo - Pete disse rapidamente. - Começou aqui nesta cabana. A família estava dormindo...

- Você não pode começar do mesmo modo - Rosa lhe disse.

- Não é a mesma história. Desta vez o facho de luz foi causado por um fantasma.

- Eu li na biblioteca um livro sobre histórias de fantasmas

- disse Rosa. - Uma delas tinha um grande cachorro preto que atacava qualquer um que se aproximasse. Podia-se ouvi-lo latir e rosnar, mas ninguém conseguia vê-lo.

- Provavelmente porque esses sons vinham de um aparelho de som - interrompeu o sempre prático Sinatra. - Efeitos sonoros, nada além de efeitos sonoros.

- As vantagens dos extraterrestres são maiores do que as dos fantasmas - afirmou Rosa. - O senhor não acha, sargento?

Joe nada sabia sobre fantasmas e extraterrestres, mas sabia sobre ser assombrado. E, naquele momento, ele estava realmente sentindo-se assombrado por ser novamente responsável por uma missão que estava com problemas.

Quando todos estavam acomodados nos seus sacos de dormir, Joe abaixou-se na frente da lareira para reavivar o fogo com a lenha que trouxera e para alimentar o tormento de suas memórias.

Em seguida voltou para perto da janela, o sentimento de culpa novamente pesando em sua consciência. Estava mais frio, mas ele não sentia. Desistira de qualquer esperança que lhe desse um pouco de calor novamente.

Bem, isso não era exatamente verdade. Desistira de sentir paz, mas Prudence certamente conseguiria fazê-lo sentir-se aquecido internamente. Muito aquecido...

O que era uma estupidez. A filha do major estava fora do seu alcance. Entretanto essa constatação não impedia a química que havia entre os dois, embora estar acompanhados por cinco adolescentes não ajudasse a compor um quadro muito romântico.

Na noite anterior, quando saíra da tenda e encontrara Prudence, sentira-se em união a ela, apesar de ter lutado contra isso.

Mesmo agora, tinha consciência dela, principalmente quando ela se mexia no seu saco de dormir. Ouvia cada suspiro e cada movimento dela. Prudence o estava enlouquecendo.

Quando ela de repente sentou-se, Joe resmungou:

- Você não pode permanecer quieta por dez minutos?

Ela havia percorrido a cabana durante a noite toda, olhando os alunos, verificando o caldeirão sobre o fogo enquanto fazia o jantar com o que eles haviam trazido e algumas latas de sopa que haviam encontrado na cabana. Como ele poderia saber que acharia a rotina da professora incrivelmente sedutora?

- Você vai acordar as crianças.

- Desculpe, eu...

O estômago de Prudence roncou de fome, e ela corou. Ele não via uma mulher corar havia muito tempo.

- Coma isso! - Ele tirou uma maçã da mochila.

- Você deveria ter comido essa maçã a noite passada - ela falou em tom de acusação.

Devido ao mau tempo, eles tinham comido carne-seca com feijão e maçãs.

- Precisa comê-la.

- Pegue a maçã. Você deu uma parte da sua aos alunos e comeu pouco.

- Você fez a mesma coisa - ela replicou, saindo do saco de dormir e caminhando até um canto da cabana.

Ele estava sentado em uma das cadeiras dobráveis. Ela cuidadosamente moveu a outra cadeira mais para perto dele para que as crianças não pudessem ouvi-los conversar.

Lá fora, a tempestade continuava. Rajadas de vento jogavam neve contra as janelas,

fazendo-os ficar agradecidos por não estarem enfrentando o mau tempo.

Prudence sentia-se protegida, não pelas paredes da cabana ou pela temperatura interna, mas pela presença de Joe Wilder.

- O mínimo que pode fazer é comer a maçã, uma vez que comeu pouco no jantar.
- Coma a maçã e pare de discutir.

Ela olhou para a maçã antes de erguer os olhos para ele. Joe realmente tinha olhos incríveis que pareciam ler sua alma.

- Dividirei a maçã com você - propôs.
- Sou um fuzileiro, senhorita, não preciso de muita comida.
- Tenho certeza de que comeu as unhas no café da manhã, sargento. E, por favor, chame-me de Prudence. Você já disse meu nome antes. - Como ele a olhasse surpreso, acrescentou: - Esta manhã, quando chegamos à cabana.

Prudence pegou uma faca da mochila e cortou a maçã.

- Eu cortei, agora você escolhe.
- Escolher o quê?
- Que pedaço da maçã quer.

Ela estendeu as duas mãos cada uma com um pedaço da maçã.

- Eu já lhe disse...
- Que você é super-humano e que não precisa de muita comida, como o resto dos mortais - ela completou com um sorriso de provocação. - Eu sei, eu sei. Vamos, pegue um pedaço.

- O mesmo disse Eva a Adão - ele murmurou.

Ela ergueu uma das sobrancelhas antes de perguntar:

- Acha que estou tentando-o, sargento?

- Se estiver, é melhor começar a me chamar de Joe - ele disse, pegando o pedaço menor.

- Eu jamais sonharia em seduzir um fuzileiro naval.

- Por que não? Acha que não poderá fazê-lo? Não se menospreze. Essas palavras a surpreenderam. Ela ainda estava usando a

calça de moletom preta e a camiseta comprida bem como uma camisa de flanela que chegava aos seus joelhos. Não era um traje sedutor, mas Joe apenas via a mulher e não a roupa. Ambos estavam sentados em um canto escuro da cabana.

- Isso é um elogio? - Prudence perguntou.

- Afirmativo.

Joe achava que ela poderia seduzi-lo? Interessante. Prudence comeu o último pedaço de maçã antes de falar.

- Então deixe-me retribuir o elogio dizendo que estou agradecida pelo grande serviço que você fez, trazendo-nos a essa cabana.

Ele sorriu suavemente.

- Se eu houvesse realmente feito meu serviço, vocês todos estariam nas suas próprias camas em vez de estarem aqui, nessa montanha, em meio a uma tempestade de neve.

Prudence franziu as sobrancelhas enquanto outro floco de neve batia na janela.

- Por que diz isso?

- Porque é a verdade.

- Não havia condições de saber que haveria uma tempestade de neve. Eu ouvi a previsão do tempo. A tempestade não estava prevista.

- Essa manhã eu não gostei do aspecto do tempo.

- Você sabia que uma tempestade estava a caminho?

- Você não está entendendo. Vocês todos podiam ter morrido. Se não tivéssemos encontrado a cabana a tempo, talvez um de vocês houvesse quebrado o tornozelo ou uma perna, houvesse sofrido uma hipotermia ou uma ulceração - Joe afirmou emocionado.

Prudence pôs a mão no braço dele. Seus músculos estavam tensos.

- Mas nada disso aconteceu. Ninguém vai morrer sob seus cuidados.

Ele olhou-a, e a fúria em seus olhos azuis a perturbou.

- Você acha que isso não aconteceu antes? Aconteceu. Três fuzileiros "morreram sob meus cuidados. Três famílias perderam o filho, o marido, o pai. Sob meus cuidados.

Joe falou as últimas palavras pausadamente, como se fossem tiros, rasgando-lhe a alma.

Prudence pôde ver a dor e a raiva nos olhos dele.

- Foi em um acidente de helicóptero.

Sua voz estava agora fria e completamente sem emoção.

- Estávamos terminando uma operação de treinamento de rotina além-mar, e eu era o oficial no comando. Um outro sargento pediu para trocar de missão comigo. Eu olhei meu horário, era minha vez, mas concordei, era apenas um treino. O helicóptero decolou e então alguma coisa deu errada, perdeu altura e caiu. Não houve sobreviventes, e tudo aconteceu sob meus cuidados, sob meus olhos.

Prudence estava muito sensibilizada pela dor que via nos olhos de Joe, mesmo ele fazendo um esforço heróico para não demonstrar emoção. Sabia que aquela confissão exigira muito dele.

- Sinto muito. - Ela tocou-lhe a mão e, dessa vez, ele não evitou o contato. - Posso entender que você deve ter se sentido culpado, mas o acidente não foi culpa sua.

Em silêncio, Joe censurou-se pelo que dissera, levantou-se e se afastou dela.

O que estava pensando? Confidenciar uma coisa dessas a ela? Deixá-la se aproximar dele? Precisava ter a cabeça examinada. E, se não estivesse bem, sua carreira na Marinha estaria terminada.

Joe amava a Marinha, vinha de uma família de fuzileiros navais, todos durões e orgulhosos da carreira, e ele nunca tivera dificuldade em lidar com isso durante toda a sua vida. Até agora...

Agora, tudo que era valioso para ele, estava correndo perigo. Precisava se proteger. Tinha de afastar-se dela.

- Você entende? Duvido. O que pode uma garota mimada como você entender de sentimento de culpa?

- Entendo bastante. Quando eu era adolescente, quase matei minha mãe - Prudence afirmou, baixinho.

CAPÍTULO VI

- Sobre o que está falando? - Joe perguntou, alarmado com o que acabara de ouvir.

- Exatamente o que acabei de lhe contar - Prudence disse, desviando o olhar.

- Quando era adolescente quase matou sua mãe? Como? Deixando-a louca com a sua teimosia?

- Não, dirigindo um carro de modo irresponsável e nos envolvendo em um sério acidente de carro. Minha mãe quebrou a bacia, ficou hospitalizada e teve que fazer fisioterapia durante muito tempo. Portanto, sei muito bem o que é ter sentimento de culpa.

- Sinto muito. Eu não tinha idéia.

- Você tem esse direito. - Ela passou a mão nos cabelos, pondo-os atrás das orelhas, para afastá-los do rosto.

Erguendo o queixo, olhou Joe desafiadoramente, fazendo-o afastar-se dela.

- Você acha que é o único que passou por uma experiência dessas?

- Desculpe-me - ele disse baixinho, encarando-a. - Mas não é a mesma situação. Sua mãe não morreu. Ela se recuperou.

- E eu agradeço a Deus todos os dias. Mas isso não diminui o fato de que causei muito

sofrimento físico a ela. Eu o fiz deliberadamente? Não. Você fez alguma coisa que tenha causado o acidente? Os mecânicos não haviam trabalhado no helicóptero? Você evitou deliberadamente embarcar no helicóptero porque sabia o que ia acontecer? Não, não e não.

- Isso não muda o fato de que, se eu houvesse feito meu trabalho, todos vocês estariam a salvo nas suas casas e nas suas camas.

Prudence piscou.

- Compara o acidente de helicóptero a essa tempestade? Não percebi a conexão. Não sabia que você era o responsável por tudo de mal que acontece no mundo.

- Não do mundo inteiro, mas da minha área de alcance.

- E eu? Eu poderia dizer que, se houvesse feito meu serviço, não teria colocado as crianças nessa encrenca. Afinal de contas, a idéia da viagem foi minha.

Joe ergueu uma das sobrancelhas.

- Vamos discutir quem deveria se sentir mais culpado sobre o que está acontecendo?

- Por que não? Nós discutimos praticamente sobre tudo.

- Eu não sou do tipo que gosta de discussão - Joe afirmou.

- Nem eu - ela admitiu.

- Gostaria de saber se é nossa... química que nos faz discutir tanto.

- Nós não discutimos o tempo todo.

- Agora estamos discutindo quanto discutimos - Joe observou com um sorriso.

- Estamos parecendo Keishon e Pete. - Prudence indicou a lareira com um gesto de cabeça.

Os olhos de Joe seguiram os dela.

- Acho que Pete está gostando dela e por isso discute.

- É por isso que você discute comigo? - ela perguntou inesperadamente.

- Não, senhorita - Joe disse solenemente, os olhos azuis brilhando. - Eu apenas discuto quando você está errada.

- Engraçado - Prudence murmurou, dando-lhe uma cotovelada. - É só quando eu discuto com você, também.

- E depois, meus dias de paixão estão muito longe.

- Os meus também.

- Por quem você se apaixonou quando tinha a mesma idade dos seus alunos?

- Bobby Wills - ela respondeu imediatamente. - E você?

- Eu nunca me apaixonei por Bobby Wills.

Prudence riu. Tinha o pressentimento de que, no passado, Joe fora o tipo de homem que fazia muitas mulheres rirem. E, provavelmente, as fazia chorar também. Ou talvez não. Talvez ela o estivesse julgando pela experiência desagradável que tivera com Steven Banks.

Joe era outra alma torturada. Talvez fosse esse o motivo de sentir tanta empatia com ele. Entendia o sofrimento dele, mesmo que ele duvidasse. Sabia como o sentimento de culpa podia corroer as entranhas de uma pessoa.

Prudence gostaria de saber qual era a conexão existente entre a reação dele com as crianças e o acidente do helicóptero. Ele estava simplesmente sentindo-se responsável por eles como se sentira responsável pelos companheiros que estavam sob sua orientação? Ou havia mais coisa que ela não sabia?

Sobre o que eles estavam conversando antes de ele comentar a respeito do acidente? Ah, sim. Sobre apaixonar-se.

- Aposto que você não se lembra do nome da primeira garota por quem se apaixonou - Prudence o desafiou. - Quero dizer, deve ter havido muitas garotas.

- O nome dela era Betsy Wiseapple. Tinha cabelos vermelhos, sardas e usava aparelho ortodôntico.

- Você está inventando.

- Um fuzileiro nunca inventa - Joe afirmou solenemente.

- Eu deveria saber disso.

Os dois se olharam ao mesmo tempo. Seus lábios estavam a pouca distância um do outro.

- Sim, deveria - ele concordou.

Ela sabia que devia ter cautela e se afastou.

Devagar, Joe se aproximou dando-lhe oportunidade de se afastar. Mas Prudence ficou parada, observando-o.

Ao primeiro toque dos lábios dele, seu coração disparou. Ela sentiu o gosto doce da maçã que eles haviam dividido alguns minutos antes.

O beijo dele foi surpreendentemente hesitante o que a deixou ainda mais encantada. Joe não a estava atacando como se ela fosse mais uma das muitas mulheres que ele devia ter seduzido. Ele não estava tentando acabar com suas defesas. Ele era gentil, e seus lábios a tocavam com carinho e expectativa.

Gradualmente, Joe foi aumentando a pressão, e sua língua procurou a dela.

Certamente não era a primeira vez que Prudence era beijada dessa maneira, mas era a primeira vez que se sentia assim. Agora, que ele a provocava com a ponta da língua, ela estremeceu e achou tremendamente delicioso.

Poderia perfeitamente ficar viciada naquele tipo de beijo. Esperara por isso durante toda a sua vida.

Entreabrindo os lábios, ela gemeu de prazer, sua língua também insinuando-se com delicadeza.

O súbito murmúrio de uma das crianças a assustou e Prudence se afastou de Joe, quase caindo da cadeira.

Levantou-se e caminhou até Rosa, confortando-a até que a menina voltasse a dormir.

Mas Joe permanecera no canto escuro da sala, como se desprezasse a luz e o calor da lareira.

Na manhã seguinte, o pior havia passado. Ainda estava tudo branco de neve, mas a temperatura se elevava e começava a derretê-la.

Na hora do almoço, o céu estava claro e o sol brilhava, embora tênueamente. Joe passara a manhã preparando a viagem de volta.

Cortava alguns galhos de árvore para limpar a passagem até a cabana.

- O senhor não deveria cortar árvores em um parque nacional - Keishon gritou para ele da varanda da cabana.

- Não estou cortando árvores, apenas alguns galhos.

- Esta terra pertence a todos - Keishon o lembrou. - Portanto, deveríamos ser cuidadosos.

- Não estou causando dano algum à natureza.

- Não acho que esta árvore concordaria com o senhor. Não deveria cortar galhos. O senhor vai arrumar problemas.

Tarde demais. Joe já estava com problemas.

- O que está fazendo? - Keishon gritou novamente.

- É melhor você entrar - Joe ordenou a Keishon. - Está muito frio aqui fora.

- Mas o senhor está aí fora.

- Porque sou treinado para fazer isso.

- Para cortar galhos?

- Para me assegurar de que conseguiremos ser resgatados hoje.

Com céu claro, um helicóptero poderia começar a busca. Ele não tinha dúvidas de que o pai de Prudence mandaria o resgate o mais depressa possível, e havia boas chances de eles encontrarem a cabana solitária.

Mas, para ter certeza, Joe pôs os galhos que cortara da árvore formando um X sobre a neve. Dessa maneira, o helicóptero os veria com maior facilidade. E quanto mais cedo

isso acontecesse melhor.

Recebera ordem de cuidar de Prudence, isso significava tirá-la da montanha e mantê-la afastada dele. Ele não era bom para mulher alguma e muito menos para uma que estava fora dos seus limites.

O helicóptero chegou naquela mesma tarde. Joe estava esperando na varanda da frente, juntando mais lenha para a lareira. Ouviu o barulho das hélices aproximando-se. Durante um momento, quando o sol se refletiu no metal, ele lembrou o acontecido seis semanas atrás quando estava observando outro helicóptero.

Joe resmungou, praguejando contra as memórias que nunca o abandonavam. Acabaria consumido pelas lembranças.

Apertando os olhos, olhou para Prudence que acabara de juntar-se a ele na varanda.

Nunca deveria ter feito confidências a ela, como acontecera na noite anterior.

Saindo da varanda, Joe acenou, indicando o melhor lugar para o helicóptero aterrissar. A neve derreteria, formando uma área relativamente plana. Alguns minutos depois, o helicóptero aterrissou.

- Sargento Wilder? - o co-piloto perguntou, assim que Saltou para fora, abaixando a cabeça para não ser atingido pelas hélices.

- Afirmativo.

- Alguém ferido?

- Negativo.

- Há previsão de mais tempestades, sargento - disse o co-piloto. - Assim, quanto mais rápido sairmos daqui melhor.

Joe concordou antes de entrar rapidamente na cabana. Prudence estava juntando as mochilas na varanda, mas Joe a impediu.

- Temos que tirar todos daqui o mais rápido possível. Deixe as mochilas e faça com que todos entrem no helicóptero.

Como a neve ainda era muito alta, ele simplesmente pegou Rosa e a levou para o helicóptero, entregando-a ao co-piloto que a ajudou a se acomodar no banco.

Joe voltou para pegar os outros estudantes até que todos estavam no helicóptero. Dirigiu-se então à Prudence, mas o co-piloto ergueu a mão.

- É tudo que poderemos carregar naquela viagem, sargento. Estaremos de volta em duas horas.

- Você não está entendendo. Ela é filha do major Martin. Tem que levá-la agora.

- Nem que ela fosse a primeira-dama.

Estava claro que o co-piloto não era um fuzileiro naval.

- Colocar mais alguém seria um risco. Acalme-se, sargento, voltaremos o mais cedo possível.

O co-piloto entrou no helicóptero e fechou a porta.

Joe se afastou quando as hélices começaram a rodar e jogaram um montículo de neve no rosto dele.

Estava ansioso por sair daquela floresta, mas teria que esperar.

Livrara-se dos recrutas, mas ficara em uma cabana isolada na montanha com uma mulher cujo beijo era uma tentação.

Bem, não seria por muito tempo.

- Eles voltarão - Joe gritou para tranquilizar Prudence. - Eles voltarão.

- E você pretende esperar por eles aí fora? - ela perguntou, como se soubesse que ele queria manter distância.

Ela estava rindo dele? Ninguém ria de um fuzileiro naval. Prudence devia saber disso, pois era filha de um major.

- Não, não pretendo esperar aqui fora - ele respondeu, entrando na varanda, tirando a neve da roupa.

Joe lamentava não ter roupa apropriada para o frio que estava fazendo. Mas, quem iria

imaginar que fosse acontecer uma tempestade de neve no mês de maio, na Carolina do Norte?

Por isso se dizia Mãe Natureza e não Pai Natureza. Apenas uma mulher poderia ser tão imprevisível.

- Eu estava acabando de fazer uma sopa quando o helicóptero chegou. Quer um pouco? E de galinha e macarrão.

- Não estou com fome - ele mentiu, pois seu estômago estava protestando.

Não tomara o café da manhã para que Prudence e as crianças tivessem mais comida.

- Não vou comer tudo sozinha - ela protestou. - Será um desperdício, pois terei que deixar o lugar em ordem antes de voltarem para nos buscar.

Prudence sabia que Joe a evitara durante toda a manhã. E ela não fizera nada, pois seus pensamentos estavam ainda muito confusos para que pudesse pensar com lógica.

Estar sozinha com ele na cabana era muito diferente do que estar com os alunos ao redor. O próprio ar vibrava. Alguma coisa tinha acontecido entre eles quando se beijaram, e Prudence ainda tentava entender o que se passara.

Teria ele se arrependido? E ela... Também se arrependera? Dentro do seu coração não havia arrependimento algum. Fora muito bom ter sido beijada por ele.

Mas era perigoso.

Joe Wilder era um homem que sabia como tratar as mulheres, como seduzi-las e também como beijá-las. Não significava necessariamente algum sentimento, e Prudence tinha que ter isso sempre em mente.

Ela e Joe tomaram a sopa em silêncio e começaram a fazer a limpeza. Limpeza e ordem eram muito importantes na Marinha. Tanto ele quanto ela sabiam disso. Trabalharam juntos até que ele trombou com ela.

Suas mãos automaticamente se estenderam para ampará-la e, em um instante, ela o quis com uma intensidade que a chocou e também a intrigou.

Seus olhares se encontraram, e Prudence sentiu um frio lhe percorrer a espinha. Mas não estava com frio, pelo contrário estava quente e a cada minuto esquentava mais. Tudo devido ao modo como ele olhava para ela, Seus olhos azuis perscrutavam seu rosto e seus lábios de uma maneira que ela podia jurar que ele estava pensando no beijo da noite anterior. Joe a acariciava com os olhos

De repente, ele se afastou, caminhou até a janela e olhou para fora.

- O resgate já devia ter regressado - ele resmungou.

- Talvez tivessem outros resgates para fazer - Prudence ergueu os ombros. - Provavelmente não somos os únicos presos pela tempestade.

Eles haviam sido pegos despreparados. Isso era um pecado para um fuzileiro.

Joe saiu da cabana, olhou para o céu e resmungou.

O vento estava mais forte e nuvens escuras haviam se formado no oeste, renunciando a aproximação de outra tempestade.

Quinze minutos depois começou a nevar novamente. Como Joe temera, a tempestade não tinha terminado. Eles não iriam a lugar algum naquele dia e nem naquela noite.

CAPÍTULO VII

- O que vamos jantar esta noite? - Prudence perguntou, fingindo ser o maitre. - Temos uma ótima seleção de massas no cardápio. Prefere lata de espaguete ou lata de ravióli?

- Eu preferia sair desta montanha - resmungou Joe, andando pelo aposento como se fosse uma fera enjaulada.

- Alguém já lhe disse que você saber ser intratável? - ela perguntou, enquanto tentava abrir uma lata de ravióli.

Joe pareceu um pouco ofendido com o comentário.

- Se você me acha intratável, devia conhecer meu amigo Curt. Ele é sempre intratável. Eu sou o...

- O quê? - Prudence olhou-o por sobre os ombros. - O charmoso, o encantador?

- O que a faz pensar assim? - Joe quis saber, enquanto tirava a lata das mãos dela.

- Provavelmente a sua conduta, que deve ser rotineira, quando nos encontramos pela primeira vez.

- Minha rotina é muito melhor do que aquilo - ele replicou, pondo a lata aberta na frente dela.

- Tenho certeza de que faz muito sucesso com o sexo oposto. Ponha um rapaz como você na farda da Marinha e ninguém resiste, certo? As mulheres devem cair aos seus pés.

Joe franziu as sobrancelhas.

- O que quer dizer com "um rapaz como eu?"

- Acho que não preciso dizer que você é muito bonito.

- Mas você está imune, certo? Fuzileiros não suscitam nada em você.

- Certo.

Prudence não estava mentindo. Fuzileiros navais nunca suscitaram nada nela... Até aquele momento.

- Eu pensei que ser criada por um fuzileiro naval houvesse despertado em você certos valores.

- Honra, coragem e compromisso. Eu acredito nestes valores, mas não acredito que apenas os fuzileiros tenham essas qualidades. Rebelei-me contra a autoridade de meu pai. Sempre conheci muitas pessoas, uma boas, outras nem tanto, pelo fato de que nós nos mudávamos muito por todo os Estados Unidos e até além-mar. Quando eu tinha nove anos, moramos em Okinawa.

- Verdade? Meu pai também serviu lá, e toda a família foi com ele.

- Quando foi isso? - Prudence ficou interessada. Quando Joe lhe disse a data, ela piscou surpresa.

- Estivemos lá na mesma época.

- Com outros milhares de pessoas - Joe sentou-se em uma das cadeiras dobráveis e pôs o prato de ravióli no colo. A cabana não tinha mesa.

Sentando-se ao lado dele, Prudence olhou-o e perguntou:

- Você tinha algum apelido?

- E você?

- Eu tinha, mas não vou lhe dizer.

- Meus irmãos e eu costumávamos andar com uma garota que chamávamos de Princesa Pug - ele comentou distraidamente.

Prudence engasgou e começou a tossir.

- Você está bem?

- Sim, estou apenas aturdida.

Joe olhou para ela com atenção e arregalou os olhos.

- Não... Não pode ser... Você é a Princesa Pug?

- Você não reconhece o nariz, Flyboy?

- Você tinha um nariz pequeno e bonito - ele observou, olhando para ela como se não pudesse acreditar no que estava vendo e ouvindo. - Por isso lhe pusemos o apelido.

- Que eu não toleraria de ninguém, mas você e seus irmãos eram carinhosos com as crianças que chegavam à cidade. Era minha primeira mudança além-mar, e eu nunca viajara com meus pais. Estava tendo problemas para me adaptar, e vocês me fizeram sentir melhor. Mas logo foram embora.

- Sim, o estágio de meu pai acabou, e voltamos para os Estados Unidos.

- Eu nunca soube seu nome verdadeiro. Todos vocês tinham apelido: Flyboy, Ranger, Eagle e Champ. Você ia ser piloto, não ia?

- Mudei de idéia. Você ia ser princesa.
 - Mudei de idéia - ela respondeu, sorrindo.
 - Não deve ser muito fácil ser princesa. Prudence riu e concordou.
 - Estudei em um internato durante alguns anos e conheci uma verdadeira princesa, de um pequeno reino europeu. Ela era tão delicada e confiante que eu percebi que nunca seria capaz de competir com ela. Apesar disso nos tornamos amigas.
 - Você ainda é uma princesa aos olhos do seu pai. Ela virou os olhos.
 - Princesa Pug. - Prudence fez uma pausa e olhou-o pensativamente.
 - Depois de todos esses anos, conte-me mais sobre como você era quando adolescente.
 - Por quê?
 - Porque tenho dificuldade em imaginá-la unia rebelde.
 - Acredite em mim - Prudence disse. - Eu era rebelde e não aceitava ordens de ninguém.
 - Ainda não aceita. Pelo menos não de mim.
 - Tentei muito me tornar uma pessoa mais cautelosa.
 - Desde o acidente de carro?
- Prudence concordou, e sua expressão ficou séria.
- Eu daria tudo para compensar o que fiz. O acidente foi culpa minha. Isso é um fato, não um sentimento.
 - Fuzileiros não têm sentimentos - disse Joe.
 - Orgulhosos e sem sentimentos? Eu não acho que sejam assim.
 - Fuzileiros não falham.
 - E você acha que falhou por não estar naquele helicóptero?
 - Você não tem idéia do que eu acho - ele disse, contraindo a mandíbula.
 - Conte-me.
 - Não.
- Ele ficou quieto e se concentrou em comer.
- Prudence não entendia como Joe era capaz de lidar com suas emoções daquele jeito. E ela mal podia acreditar que ele era o Flyboy que conhecera quando menina. Isso explicava a ligação que existia entre eles.
- Flyboy... Depois de tanto tempo.
- Terminaram de jantar em silêncio, assim como acontecera no almoço.
- Tinham acabado de descobrir que haviam partilhado uma parte da infância, mas ele queria evitar o assunto.
- Prudence fizera planos para logo depois do jantar e quando Joe voltou com mais lenha para a lareira, ela já estava preparada.
- Já que vamos ficar presos aqui, vou tomar banho - Prudence anunciou. - Enquanto você estava aborrecido, eu esquentei água.
- Aborrecido? Isso não existia na Marinha dos Estados Unidos.
- A acusação dela não deixara que ele prestasse atenção no resto da frase, até que se deu conta. Ela ia tomar banho?
- Isso provavelmente exigiria que tirasse as roupas. Não era uma boa idéia.
- Ela esquentara água? Estava falando a sério? Essa mulher estava fora do seu juízo.
- Escute, princesa, isso não é um hotel. Tome banho quando chegar em casa.
- Era uma ordem, dada com a sua poderosa voz de sargento, mas não surtiu efeito sobre ela.
- Não tomo banho há quatro dias e não preciso de sua opinião sobre isso, sargento. Vou tomar banho. E vou usar esse barbante para pendurar um cobertor e conseguir alguma privacidade. Estive planejando isso a tarde toda, depois que percebi que o helicóptero não viria nos buscar ainda hoje.
- Joe estava para ter um ataque cardíaco, preocupado com o resgate deles, e ela

pensava em tomar banho?

Tinha que sair dali. Ela o ia deixar louco.

Depois que descobrira que haviam brincado juntos em Okinawa não haviam mais conversado. Ou, para ser mais exato, depois que ela tentara fazê-lo contar sobre o acidente com o helicóptero. Ela tentara puxar conversa várias vezes, mas ele continuara quieto. E agora ia tomar banho!

Isso significava que teria que sair dali.

Poderia sair para caminhar, mas estava frio demais. Ele pensou em cortar lenha, mas já havia o suficiente para muitos dias.

Joe não sabia o que fazer.

Prudence pendurou o fino cobertor e começou a se despir, e ele pôde ver claramente o contorno do seu corpo através de si.

Pôde ver a silhueta dela quando se abaixou para testar a temperatura da água na velha banheira de metal que encontrara.

Joe ficou com a boca seca e a garganta apertada, e o desejo tomou conta dele.

Prudence prendeu os cabelos no alto da cabeça e entrou na banheira. Suas pernas eram longas e a banheira não era suficientemente grande para que ela deitasse, assim ela se ajoelhou e começou a jogar água sobre os ombros.

- Você está muito quieto - ela disse. - Está bem?

- Afirmativo.

Ele precisava desviar o olhar. Prudence não tinha idéia do belo espetáculo que estava proporcionando. E como cavalheiro, a única atitude seria se afastar dali o mais depressa possível.

Mas Joe não conseguia desviar o olhar.

Fizera e vira muita coisa na vida, mas essa dança de stripper que ela interpretava era a cena mais erótica a que já assistira.

- Você ainda está aí?

- Afirmativo.

- O que está fazendo?

- Nada.

- Isso não parece próprio de você. Está sempre fazendo alguma coisa, nunca fica quieto sentado.

Joe estava agindo como um imbecil e devia ter vergonha.

Fechou os olhos.

E se Prudence caísse na banheira, e ele estivesse com os olhos fechados?

Abriu os olhos. Tinha que ficar atento.

Ela parecia uma deusa. Quem diria que aquelas roupas escondiam um corpo tão maravilhoso?

Não que isso importasse. O fato de ela ter o corpo maravilhoso não mudava o fato de ser a filha do major. Ele tinha de entregá-la a salvo. Esse era o seu dever.

Isso significava que tinha que observá-la, e não havia nada errado enquanto mantivesse as mãos afastadas dela. E os lábios. E os braços e os dedos.

Céus, estava tendo uma ereção! Graças a Deus seu uniforme era largo o suficiente para disfarçar essa situação.

Devia haver uma lei proibindo-a de tomar banho praticamente na frente dele, porque o corpo dela era uma arma letal ao seu autocontrole e à sua paz de espírito.

Prudence não tinha pesadelos havia anos. Aprendera a acordar quando o sonho não era bom. Mas desta vez não conseguira. Estava dirigindo o carro esporte que havia ganhado do seu pai antes do seu décimo sexto aniversário. Fora um dia glorioso, o sol brilhava, Sting cantava no aparelho de som, e sua mãe reclamava que a música estava alta demais e que ela dirigira muito depressa.

Prudence olhara para a mãe para dizer que estava tudo bem quando o acidente

aconteceu. Tão rápido na vida real e tão devagar no pesadelo. E não havia nada que ela pudesse fazer.

Pare! Pare!

Joe ouviu o grito e aproximou-se dela em uma fração de segundo. Prudence lutava com o saco de dormir para se livrar dele e quase deu um soco no queixo de Joe durante a luta.

- Está tudo bem - ele murmurou. - Prudence, está tudo bem. Você está sonhando. Está tudo bem. Estou aqui.

- Joe?

- Sim, estou aqui. - Ele segurou o rosto dela entre as mãos e enxugou suas lágrimas com os polegares. - Está tudo bem.

- Eu estava sonhando com o acidente de carro... O que feriu minha mãe.

- Sei como os pesadelos podem ser horríveis - ele sussurrou, ainda acariciando-a.

O pesadelo fora terrível, mas as carícias dele eram maravilhosas. Fechando os olhos, ela se apoiou nele.

Joe ergueu os braços e puxou-a para mais perto. Prudence podia sentir a respiração dele e as batidas do seu coração. O calor do corpo de Joe se irradiava através da camiseta que ela usava.

Ficaram assim, quietos, sem passado e sem futuro.

Abaixando a cabeça, Joe beijou-lhe os lábios suavemente antes de se afastar para olhar para ela.

Prudence tinha os olhos abertos e o corpo dele tomava-lhe toda a visão, não deixando lugar para mais nada. Ela orava para que ele não parasse, para que ele a abraçasse mais fortemente.

Então ele a beijou com intensidade, e ela retribuiu da mesma maneira.

Ela entreabriu os lábios, e ele vorazmente procurou sua língua. O prazer que sentiam era único.

Enquanto se beijavam, as mãos de Joe procuravam o corpo de Prudence por debaixo da camiseta e encontraram-no totalmente desnudo. Ele a deitou, abriu o saco de dormir e a cobriu com seu corpo forte e excitado.

Prudence o abraçou pela cintura. Joe era seu porto seguro contra os pesadelos, a culpa e a dor, e ela estava se afogando em um mar de desejo, oferecendo-se em um temerário convite.

Agora Joe a beijava, acariciava-lhe os seios e friccionava os mamilos túrgidos. Só pararam de se beijar para que ambos tirassem as camisetas.

O fogo da lareira brilhava sobre eles, banhando-os com o calor das chamas.

Joe sentia os seios dela roçarem no seu peito e, ardendo de desejo, sugou um deles. Prudence arqueou o corpo e mergulhou em um abismo negro e silencioso. Passou os dedos pelos cabelos dele e ficou completamente fora de controle.

A paixão os dominou enquanto exploravam seus corpos mutuamente. Prudence começou a movimentar-se suavemente, com medo de que ele a rejeitasse.

Mas ele não o fez.

Ele voltou a beijar seus lábios, ensinando novos movimentos e explorando cada canto de sua boca. Ela estava muito excitada e o queria com intensidade. Joe sabia exatamente como tocá-la e como lhe dar prazer.

De repente, parou de beijá-la e sentou-se.

Prudence pensou que ele ia tirá-la do saco de dormir para cobri-la melhor com seu corpo, mas em vez disso ele se levantou e se afastou dela.

Em um piscar de olhos estava longe dela, as costas eretas como se estivesse em posição de sentido.

- Não posso fazer amor com a filha do meu major - ele quase gritou. - Ele me levaria à corte marcial!

CAPÍTULO VIII

Prudence fez o possível para não tremer ao pegar a camiseta e vesti-la.

- Eu não acredito nisso - ela murmurou.

- Acredite - Joe resmungou. - E acredite que o que aconteceu aqui não mais se repetirá.

- Por causa do meu pai. - Prudence riu com rancor, esforçando-se para não chorar. - O que é realmente irônico, considerando-se que o último rapaz com quem me envolvi estava apenas interessado em mim por causa do meu pai.

- O que quer dizer com isso?

- Ele estava descontente com a Marinha e queria desagradar meu pai que fizera sobre ele um relatório pouco elogioso. Decidiu então me seduzir e depois me abandonar para atingir meu pai.

- Você o amava?

- Não sei. Achava que sim.

- Agora entendo por que quando nos vimos pela primeira vez, você parecia ter rancor dos fuzileiros navais.

- Confie em mim, tenho péssimas experiências com fuzileiros e não queria tornar a me envolver com nenhum militar.

Até agora, ela pensou.

- Mas nós apenas partilhamos, ahn... - Joe hesitou. - Você entende... Quando as pessoas vivem experiências intensas como esta dos últimos dias, as emoções ficam afetadas. Estamos presos na cabana sozinhos e agimos de modo artificial.

- Não há nada artificial no meu envolvimento com você. Por que ele estava falando como se ela fosse um dos alunos?

Estava tentando dizer que suas emoções não eram reais? É claro que eram reais. Falsas emoções não doíam dessa maneira. Sua auto-estima fora jogada no chão e pisoteada.

- Envolver-se comigo é bom - ele afirmou, deixando-a ainda mais arrasada.

- Estar envolvida com você é bom, mas querer beijá-lo é mau - ela disse, recusando-se a olhar diretamente para ele. Como fora idiota. - Não se preocupe, entendi tudo - ela declarou.

- Não, não é isso que...

Mas ela não estava ouvindo mais nada. A dor estava se tornando tão intensa e a necessidade de esconder-se tão premente que ela queria desaparecer em algum buraco do chão.

Apesar de Prudence ter contado a ele sobre seu sentimento de culpa por ter ferido a mãe, apesar de terem descoberto que haviam se conhecido na infância em Okinawa, Joe ainda a via apenas como a filha do major, seu superior. Nada mais.

Mesmo agora, depois de quase terem feito amor, ele ainda não a via como mulher.

E isso feria. Intensamente.

Mas ela tinha orgulho e não ia deixá-lo perceber quanto a magoara.

- Vou voltar a dormir - ela declarou, entrando no saco de dormir e fechando-o até a altura dos ombros. Em seguida virou-se de costas e fechou os olhos.

Mas, logicamente, na sua mente ainda o via. Via seus olhos azuis que pareciam ler-lhe a alma.

Ela deveria tê-lo reconhecido pelos olhos. Achava que eram parecidos com os de Mel Gibson, mas devia ter se lembrado deles devido ao período da infância que haviam partilhado. Flyboy, o garoto que a salvava quando ela sentia medo.

Bem, não precisava mais que alguém viesse salvá-la.

Ainda sentia a paixão dos seus beijos e agora entendia o motivo da sua intensa reação por ele. Tinham em comum um passado e sentimentos de culpa. Ambos haviam crescido em uma família de fuzileiros navais, e ambos sabiam o sacrifício que esse tipo de vida exigia.

Mas ela era a filha do major e não a Princesa Pug, não Prudence. E isso, para ele, colocava-a em uma posição inatingível.

Por que Joe tinha de ser um fuzileiro? Por que não pertencia à Força Aérea ou a outra entidade qualquer?

Talvez então não houvesse problema. Mas, ele não dissera nem uma vez que gostaria que as coisas fossem diferentes.

Talvez Joe tivesse razão, e a atração entre os dois era devida ao isolamento em que se encontravam.

Mas ficar sozinha com qualquer outro fuzileiro não a afetaria como Joe a tinha afetado. Nunca fora afetada por um homem dessa maneira. E isso a aterrorizava.

Joe nem se importou em deitar, sabia que seria inútil. Seus pensamentos estavam confusos, e seu corpo doía de desejo por Prudence.

Ainda lutava com a idéia de que ela era a Princesa Pug, a garota de rabo-de-cavalo com quem ele brincara em um verão, muito tempo atrás. Ela era mais nova do que ele, que deveria ter, naquela época, uns dez anos.

Joe era o segundo filho mais novo dos irmãos Wilder, com Mark, vulgo Eagle, sendo o mais velho e depois Justice, vulgo Ranger. Sam, vulgo Champ, era o caçula da família, um ano mais novo do que Joe. Todos os irmãos eram fuzileiros navais.

Dizia-se que a Marinha era uma família e, para a família Wilder, era família duas vezes. Joe sempre falava com seus irmãos quando tinha algum problema. Logicamente, havia rivalidade e competitividade entre os irmãos, mas havia também muito amor.

Também era verdade que, no passado, Joe fazia amizade com muita facilidade, mas a amizade profunda que ele tinha com os irmãos e com Curt, seu melhor amigo, era inequívoca.

Ele continuou divagando enquanto observava Prudence dormir. Tinha adorado seus beijos e abraços, e sentia que partilhava alguma emoção com ela que não era puramente sexual.

Ela fizera-o sentir coisas estranhas e o fizera esquecer seu dever. Isso não era permitido para um fuzileiro naval. Ele quase se perdera totalmente por causa dela.

Prudence não era como as outras mulheres, não só por ser a filha do major, mas porque ele não deixava mulher alguma se aproximar tanto dele. E agora, estava completamente envolvido e não sabia como sair dessa situação.

Isso fazia com que Joe tivesse vontade de fugir, como um urso preso em uma armadilha. Não queria que Prudence o visse como ele realmente era, um homem pouco corajoso, inseguro e sem qualidades notáveis para ser chamado de fuzileiro naval dos Estados Unidos.

Tinha que esconder esses sentimentos e se recobrar, readquirir sua autoconfiança, mesmo que falsa.

Seria melhor evitar aquele relacionamento, terminar com aquelas fantasias. Não havia como mudar os fatos.

Nenhuma estratégia ou plano de ação poderia reverter a situação. Ela era a última mulher no mundo com quem ele poderia envolver-se, e ele era o pior homem do mundo para ela.

Joe ficou tenso quando ela se mexeu no saco de dormir. Em silêncio, aproximou-se e a observou, orando para que seu pesadelo não voltasse, desejando passar os dedos pelo rosto dela e orando para ser forte para não fazê-lo.

Ser forte nunca fora problema para ele e o que estava sentindo era muito estranho. Não estava acostumado a sentir-se desamparado. Esse sentimento era como um inimigo

sorrateiro que aparecia de maneira inesperada.

Não era lógico nem aceitável. Os valores de um fuzileiro eram honra, coragem e compromisso.

Tinha que recuperar essas virtudes ou morrer tentando.

Os olhos de Joe estavam ardendo devido às três noites quase sem dormir, mas ele se recusava a render-se à exaustão e... aos pesadelos. Apenas fecharia os olhos, descansaria uns dez minutos e acordaria pronto para enfrentar qualquer batalha. Já fizera isso antes e poderia fazê-lo novamente.

Mas os sonhos vieram, mesmo naquele pequeno período de tempo. Ou seriam alucinações?

Uma criança perto do lago. Um grito. Lágrimas. Alguém sendo puxado para baixo até se afogar.

Joe acordou gritando, com o rosto molhado de suor. Levantou-se com as pernas tremendo e furiosamente enxugou o rosto.

O que estava acontecendo com ele? Estava perdendo o juízo?

Fuzileiros não falhavam e também não gritavam, qualquer que fosse a situação.

Prudence olhava através da minúscula janela sobre a rústica pia e desejava estar a milhões de milhas dali. Estivera evitando Joe durante toda a manhã, tentando ignorar sua presença. A neve parara de cair havia duas horas e vinte minutos. Sabia disso porque consultava seu relógio a cada dez minutos desde que acordara, um pouco depois de amanhecer.

Joe levantara-se antes de o sol nascer.

No início ela chegara a pensar que ele saíra da cabana e estava vagando pelas montanhas, determinado a se afastar dela a qualquer custo. Mas ele entrara, o rosto vermelho de frio, os braços carregados de lenha.

Os joelhos de Prudence haviam fraquejado ao vê-lo entrar. Joe parecia cansado, as linhas de expressão ao redor dos olhos acentuadas. Ele trocara a camiseta caqui por uma camisa cinzenta.

Daquele momento em diante haviam falado umas doze palavras, a maioria monossílabas como: "bom dia", "café"? "não, obrigado".

Não haviam feito referência alguma à paixão que ambos haviam partilhado a noite anterior, nenhuma menção ao fato de quase terem feito amor.

Mas ignorar o fato não fazia com que ele desaparecesse.

Prudence continuava a ter forte consciência da presença dele, e saber que haviam se abraçado com paixão e que Joe a beijara como se ela fosse a única mulher sobre a face da terra não tornava as coisas mais fáceis.

Ela olhou o relógio novamente. Mais cinco minutos haviam se passado. O sol tênue passava através de algumas nuvens o que significava que o helicóptero poderia chegar a qualquer momento.

Arrumou a cabana o melhor que pôde. A banheira de metal que usara na noite anterior estava encostada em uma das paredes, e seu saco de dormir estava enrolado e amarrado à mochila. Fizera uma lista dos alimentos que haviam usado para repô-los, a fim de que fossem usados por outras pessoas em caso de emergência, como sucedera com eles.

Mas não tinha o que precisava. Não tinha o sorriso de Joe, provocando-a.

De vez em quando, ele a observava. Não abertamente, mas Prudence podia sentir quando estava de costas, quando saía e entrava na cabana. A maior parte do tempo, Joe passava do lado de fora observando se o helicóptero estava chegando. Mas, quando voltava, ela podia sentir-lhe o olhar.

Prendera os cabelos em um rabo-de-cavalo e passara um brilho nos lábios na tola tentativa de manter seu orgulho. Não funcionou.

Naquele momento, Joe olhava para ela. Virou-se para fitá-lo, mas ele olhou ao redor

para dar a impressão de que examinava a cabana para saber se tudo estava em ordem.

- Bem, passou pela inspeção? - ela perguntou, cansada do silêncio entre os dois.
- Sim, senhorita.

Então o "senhorita" estava de volta?

Prudence apertou os olhos, recusando-se a revelar suas emoções. Pelo menos não as emoções mais fortes.

Pela primeira vez, desde que acordara naquela manhã, seus olhares se encontraram. Não desviaram o olhar, mas Joe tinha um talento de fuzileiro para disfarçar emoções.

Desse modo, a paixão que leu nos olhos dele a surpreendeu. Prudence entreabriu os lábios e ia falar quando ouviu o som do helicóptero aproximando-se.

Joe correu para pegar as mochilas dos dois.

Prudence foi verificar se o fogo da lareira estava apagado.

Por incrível que podia parecer, ela estava triste de sair da cabana. Havia partilhado algo especial ali, mas tinha derretido tão rapidamente quanto a neve, deixando um pântano no lugar. Seria fácil atolar-se na lama. Mas ela não ia seguir por esse caminho.

Prudence saiu da cabana e se dirigiu com cuidado ao helicóptero.

Joe voltou à cabana para uma revisão geral. Não delegava poder a ninguém. Tinha que verificar tudo ele mesmo.

O jovem e loiro co-piloto que esperava na porta do helicóptero sorriu para ela como um garotão de praia. Ela gostou da acolhida. Pelo menos ele não pensava nela como a filha do major Martin.

- Desculpe o atraso.

Se ele a chamasse de senhorita Prudence bateria nele, mesmo estando sendo resgatada. Mas ele sorriu para ela e acrescentou:

- Espero que não use isso contra mim, Prudence.

Ela sorriu e olhou para ele como se estivessem flertando.

- Ao contrário, Bob. - Ela lera o nome dele no uniforme. - Estarei em débito com você para sempre.

- Dê-me sua mão - disse Bob gentilmente, ajudando-a a sentar-se.

Quando Joe subiu, um pouco depois, Prudence estava se cumprimentando por ter mantido sua dignidade.

Então observou o rosto de Joe. Estava pálido, sem cor. Estaria se lembrando do acidente do helicóptero?

Sem pensar duas vezes, Prudence pôs a mão sobre o braço dele em um gesto de conforto. Grande erro. Ele afastou-se, e seus olhos azuis a olharam com raiva como que dizendo para manter-se afastada dele.

Prudence esforçou-se para conter as lágrimas e, desse momento em diante, manteve os olhos fixos na janela.

Como fora tola. Joe já deixara claro na noite passada que não queria nada com ela. E ela ainda o procurava? O que havia de errado com ela? Estaria ficando louca?

Mas como poderia se esquecer do garoto que a ajudara quando ela precisara? Como negar os laços que ainda sentia, prendendo-a ao passado?

Talvez fosse tempo de aprender.

Joe apertava os dentes para manter o autocontrole e, quando Prudence o tocara, ele quase se perdera. Vira paixão naqueles olhos. Ela tinha pena dele?

Não tinha dúvida de que era um olhar de comiseração.

Um covarde usando um uniforme de guerreiro. Nunca deveria ter feito confidências a ela. Prudence poderia contar para o pai, e ele estaria fora da Marinha. Ele não podia ter nenhuma anotação negativa mencionada na sua ficha.

Mas... Ela faria uma coisa dessas?

Naquela manhã Prudence tinha uma expressão que demonstrava que ela mesma queria expulsar-lhe da corporação, sem esperar pela ajuda do pai.

Joe estava tenso, pensando nas possibilidades. Ela podia contar muitas coisas ao pai, como, por exemplo, que haviam se conhecido na infância, mas nada disso teria algum peso para o major. Sabia que devia ter resistido ao charme dela, devia ter sido forte.

Fechou os olhos e ficou ouvindo o barulho constante das hélices do helicóptero, martelando na sua cabeça até aterrissarem.

Abriu os olhos e reconheceu o major entre a pequena multidão que os esperavam.

O major abraçou Prudence antes de olhar para ele.

Joe cumprimentou seu chefe e esperou por uma admoestação. •Não havia desculpas, ele era o responsável pelo grupo.

Em vez disso o major Martin disse:

- Bom trabalho, sargento Wilder.

- Obrigado, senhor.

A voz de Joe fora militarmente precisa, mas no íntimo sentiu como se houvessem puxado o tapete de debaixo dos seus pés. Esperava levar uma bronca e ser proibido de ver a filha do major novamente.

Mas foi Joe que proibira a si mesmo de ver Prudence quando se afastou do grupo sem olhar para trás.

- Sua mãe estava preocupada, mas eu lhe disse que o sargento

Wilder tomaria conta de você - disse o major assim que chegaram à casa. - Ela está fazendo sua comida preferida. Acharmos que você insistiria em ficar aqui em vez de ir para casa conosco.

- Este é o meu lar, papai - disse Prudence ao descer do carro do pai.

A casa era simples, mas Prudence dera seu toque pessoal nela. Janelas verdes, vasos de terracota de gerânios vermelhos, uma cadeira de balanço que comprara em um mercado de antiguidades e restaurara.

No minuto em que viu sua mãe na cozinha, seus olhos encheram-se de lágrimas.

Ellen Martin não mudara o corte de cabelo na última década. Era um pouco mais baixa que Prudence e tinha os mesmos olhos castanhos e a mesma meiguice.

Era mesmo uma mãezinha querida. E, embora Prudence fosse uma mulher adulta, naquele momento sua mãe representava tudo que era real e seguro no mundo.

Ter conversado sobre o acidente de carro com Joe trouxera de volta memórias doloridas e o medo, a culpa, o alívio e a gratidão.

Chegou até a ouvir as palavras de Joe:

A situação não é a mesma. Sua mãe não morreu. Ela se recuperou.

Um minuto depois, Prudence estava nos braços de sua mãe.

- Bem... - o major Martin anunciou. - Vou deixá-las a sós. Tenho que buscar algumas coisas na base. Estarei de volta em meia hora - disse, mostrando a típica aversão dos fuzileiros pelas lágrimas e cenas emotivas.

- Eu não fui ao aeroporto para encontrá-la porque sabia que não iria agüentar - Ellen disse, chorando.

- E eu teria chorado também - Prudence concordou, dando um passo para trás e enxugando as lágrimas com uma toalha de papel.

- Que bom vê-la, mamãe. - Ela abraçou a mãe novamente. - Estou realmente feliz.

- Conte-me tudo o que aconteceu - disse Ellen, puxando outro banquinho para que Prudence pudesse sentar-se enquanto ela cortava cogumelos.

Olhando ao redor da cozinha, Prudence sentiu-se fora da realidade. Apenas uma hora antes, estava presa em uma cabana com Joe.

E agora, ali estava ela, cercada por coisas familiares, os vários potes vermelhos, os gerânios na janela, os azulejos preto e branco que eram originais da casa, construída nos anos cinquenta. Quando se mudara para esta casa, aqueles azulejos a deixaram louca. Como quando vira Joe pela primeira vez. No fim acabara gostando dos azulejos como também de Joe.

Sentiu pânico.

Estaria apaixonada por ele? De onde tirara essa idéia? Que associação estranha. O que os azulejos de uma cozinha tinham a ver com sentimentos? Este não era o momento adequado para esse tipo de constatação.

Seus joelhos começaram a tremer, e ela sentiu-se perdida.

Sim, amava Joe. Estava realmente envolvida em uma grande enrascada.

O que deveria fazer? Ele se afastara dela sem nem ao menos um olhar.

Ainda tremendo, pegou um biscoito de uma das latas vermelhas.

- Prudence? - Ellen a chamou com o cenho franzido.

- Mamãe, você se lembra daquele verão em Okinawa quando eu era criança?

- Sim, lembro-me. Você não era muito feliz lá.

- Não sei se mencionei isso naquela ocasião, mas havia um garoto que tornou o verão mais suportável para mim. Aquele garoto é o sargento Joe Wilder.

- Foi por isso que seu pai o chamou para acompanhá-la naquela viagem às montanhas?

Prudence ficou surpresa com a pergunta da mãe.

- Não, o sargento Brown é que deveria ter nos acompanhado, mas ele sofreu uma cirurgia de emergência, e Joe foi chamado para substituí-lo.

- Eu não tinha idéia. Gostaria que seu pai tivesse me dito, para que eu pudesse tê-lo visitado no hospital. - Ellen colocou os cogumelos em uma panela com água. - Amanhã farei isso. Mas, voltando ao seu assunto, o sargento Joe, você o reconheceu logo?

- Não. E ele também não me reconheceu. Na realidade, quando nos encontramos pela primeira vez, ele pensou que eu fosse uma aluna da sexta série. Isto é, ele foi escalado para acompanhar a filha do major em uma excursão pela base, e ele naturalmente pensou que eu fosse...

- Que você fosse o quê?

- Uma das alunas.

- O que se diz na base é que ele é um conquistador e que gosta de esportes radicais - Ellen observou com preocupação. - Seu pai não está satisfeito com isso, mas não pareceu preocupado com a sua segurança e a das crianças, por isso pode ser apenas fofoca.

- Que fofoca?

Ellen enxugou as mãos em uma toalha antes de responder.

- Que ele gosta de levar uma vida selvagem. Ele não agiu inapropriadamente com você, agiu?

Prudence pensou se sua mãe acharia inapropriado quase ter feito amor com o sargento. Para ela parecera muitíssimo apropriado. Estava apaixonada por ele.

O problema era: o que ia fazer a esse respeito?

Durante os dias que se seguiram, Joe chegou à conclusão de que o ditado "longe dos olhos, longe do coração" não era verdadeiro. Tudo lhe lembrava Prudence.

Ele olhava o céu azul e lembrava-se dela. Tomava uma cerveja gelada e pensava na primeira vez que a vira.

Apenas a conhecera alguns dias, mas... Não, eles haviam se conhecido quando eram crianças, quando ela era a Princesa Pug e ele, Flyboy.

Joe começava a acreditar que o destino trabalhava de modo misterioso. Mas, assim mesmo, não entendia. Por que Prudence reaparecera na sua vida depois de tanto tempo? Por que não conseguia acreditar nela quando dizia que ele não fora culpado pelo acidente? Como ele poderia aceitar isso na sua mente quando seu coração ainda não aceitava?

Cumpria seus deveres como um bom fuzileiro. Estava temporariamente servindo no Campo Lejeune até ser enviado a outra missão, estava para receber uma promoção e talvez fosse enviado como treinador de um novo grupo de recrutas que viriam a ser uma

futura geração de fuzileiros.

Não era a incumbência que Joe estava esperando, mas era impossível crescer na Marinha sem antes ter sido escalado para formar novos recrutas. Era seu dever, e mudaria assim que fosse determinado.

Fora desse modo com a missão de acompanhar Prudence e seus alunos na viagem pelas montanhas.

Seu chefe não comentara que ele beijara Prudence e nem que ele era espiritualmente instável. Portanto, ela não contara nada ao pai sobre a explosiva situação que haviam enfrentado.

Isso não queria dizer, entretanto, que não o faria no futuro.

Uma parte do seu coração lhe dizia que Prudence não era do tipo de trair uma confidência, mas outra parte lhe dizia que fora estúpido em tornar-se tão vulnerável.

Joe agradeceu seu final de semana de folga e a oportunidade de sair da base.

Estava morando no quartel, mas era bom sair um pouco de perto das memórias de Prudence, do seu calor e dos seus beijos.

Os pesadelos voltavam todas as noites, repetindo o sonho que tivera na última noite na cabana. Água, crianças, terror e afogamento.

Disse a si mesmo que devia ser efeito da preocupação e responsabilidade que tivera com as crianças no final de semana. Bem, esse final de semana ia ser diferente.

Enquanto dirigia seu jipe para a cidade, chegou à conclusão de que tinha agido bem em afastar-se de Prudence. Ficar com ela só lhe traria problemas.

Sim, mas que doces problemas... A química entre eles era incrível.

Ele tinha bastante experiência com mulheres para saber que, o que acontecera entre eles, não se encontrava com facilidade.

O lugar do bungee-jumping era uma torre construída perto do oceano, onde havia muitos turistas que gostavam de assistir aos saltos.

Seu companheiro, Beau, havia mudado e montara uma companhia de turismo na Carolina do Norte, com canoagem em correntezas de rio, escalada de muros e bungee-jumping.

Havia uma pequena multidão ao redor da torre quando Joe chegou.

Como os pesadelos o haviam deixado acordado a maior parte da noite, ele precisava de muita cafeína para despertar seu sistema nervoso. O grande copo de café que segurava na mão era um bom começo. Tomava um grande gole quando a viu.

Surpreso, quase derrubou o café quente na camiseta. Estaria vendo coisas?

Piscou, mas continuou vendo-a quando abriu os olhos. Resmungando, caminhou até Prudence e perguntou:

- O que está fazendo aqui?
- Estou me aprontando para fazer bungee-jumping.

CAPÍTULO IX

- Você perdeu o juízo? - Joe quase gritou. -- Você também pratica esse esporte. Você perdeu o juízo?

- O que significa isso? Algum tipo de teste para provar que sou irresponsável? Acha que agindo dessa maneira vai me fazer admitir qualquer coisa?

- Admitir o quê?

Tantas coisas. Que ele a queria desesperadamente, que estava cansado de ter pesadelos, que estava perdendo a fé de ser o mesmo homem que sempre fora.

Prudence percebeu seus sentimentos conflitantes e desejou desesperadamente poder decifrá-los.

Passara as primeiras vinte e quatro horas longe de Joe lastimando-se, voltando à

escola e mantendo uma calma aparente enquanto no íntimo sofria uma enorme sensação de perda.

O que eles haviam partilhado fora especial, os beijos, os abraços, o brilho do olhar quando ele a provocava e as sombras no olhar quando ele confessava seus mais íntimos segredos.

Joe lhe dissera coisas que, ela tinha certeza, não confessara a ninguém. E eram coisas que ele precisava desabafar.

Joe Wilder precisava dela. Mesmo que ele não soubesse disso.

E Prudence precisava dele. E, se o quisesse, precisava fazer alguma coisa.

Não ia deixá-lo se afastar sem lutar. Passara os últimos dez anos da sua vida sendo cautelosa, com medo de cometer outro engano e praticamente parara de viver. Era tempo de assumir riscos. Seus sentimentos por Joe haviam lhe ensinado muito.

Havia tempo para ser cautelosa e tempo para arriscar-se e, naquele caso, era mesmo um risco.

Assim, inscrevera-se no bungee-jumping com um dos amigos de Joe. Perguntara muito na base para descobrir quem eram e onde estavam os amigos dele. E quando descobrira que um deles estava oferecendo uma experiência naquele final de semana, inscrevera-se.

Não sabia se Joe ia aparecer, embora estivesse quase certa dessa possibilidade. Queria ter pensando em alguma coisa inteligente para dizer a ele, mas não conseguiu.

Talvez depois de pular encontrasse as palavras certas. Ouvira dizer que a experiência era ótima para a auto-estima. Talvez até se transformasse em uma mulher com muita autoconfiança ou em uma mulher fatal.

Mas ser uma mulher desse tipo ajudaria?

- Eu a proíbo de saltar - Joe declarou. Prudence piscou.

- Você deve estar brincando.

- Seu pai...

- Não é da sua conta - ela afirmou, apertando os olhos. Ele a impediu de andar, segurando-a pelo braço.

- Ele é meu chefe!

- E você tem medo de que ele o culpe por eu estar praticando esse esporte? Bem, não pretendo passar minha vida tendo medo. - Prudence afastou o braço com brusquidão.

- Você não deve ter pensando nisso com seriedade.

- Um bom plano executado violentamente agora é melhor do que um plano perfeito executado na próxima semana.

Ele reconheceu a frase.

- Você não é o general Patton - Joe afirmou.

Prudence apenas ergueu o queixo e olhou-o como se estivesse olhando para um dos seus alunos. Mas Joe não se impressionou.

- Você veio aqui para se vingar por eu a ter beijado na cabana.

- O quê?!

- Você me ouviu. Está furiosa por eu ter me afastado de você, então teve essa idéia ridícula para tentar chamar minha atenção.

Bem, ele estava parcialmente certo. Ela queria chamar sua atenção. Mas praticar o bungee-jumping significava para ela, tentar fazer com que a antiga Prudence emergisse novamente. Queria parar de ter medo e viver encasulada.

- Você provavelmente nunca teve a intenção de saltar. Só veio aqui para me provocar - ele disse.

- Primeiro, eu não sabia que você estaria aqui. Segundo, tenho sim intenção de pular. Observe-me, Flyboy.

- Vá embora. Você não pertence a esse meio. Ele se virou e se afastou dela mais uma vez.

Joe encontrou seu amigo Beau pronto para liderar o primeiro grupo de saltadores.

- Olá, companheiro, preciso que você cheque o peso dos saltadores - Beau pediu a Joe.

O peso tinha que ser verificado com exatidão porque o número de elásticos e cordas usados era determinado pelo peso dos saltadores, e as pessoas tinham a tendência de mentir sobre quanto pesavam.

Joe conversava com uma loira bronzeada que estava lhe fazendo perguntas e, quando olhou para o amigo novamente, Beau tinha levado seu grupo para a torre.

- Vocês não vão ser empurrados da torre, vocês terão que saltar. Por isso o esporte é chamado de bungee-jumping e não bungee-tossing - Joe disse à loira, sorrindo.

Mas ele não sentiu prazer no interesse da loira curvilínea. Ainda estava perturbado pelo incidente com Prudence.

Agradeceu a Deus por tê-la visto voltando para o carro.

- Joe, sua amiga está pronta para salto - gritou Brady, o irmão mais novo de Beau.

- Que amiga? - Joe perguntou, sentindo uma pontada no estômago.

- A professora bonita. Prudence.

- Oh, Deus! - Ele olhou para cima.

Joe pensou que soubesse o que era medo, mas quando viu Prudence pendurada no ar, percebeu que não sabia nada, exceto que essa mulher o perturbava como nenhuma outra o fizera.

Joe esperava por ela quando Prudence desceu da torre. No minuto em que seus pés tocaram terra firme, ele a agarrou pelo braço e a levou para perto de umas palmeiras, longe do resto da multidão.

- Eu lhe disse para voltar para casa.

- E eu lhe disse que ia saltar. - Seu rosto estava vermelho, e seus olhos brilhavam. - Uau! Foi incrível!

- Essa foi a primeira e última vez que você fez uma coisa irresponsável assim - ele disse com os dentes apertados.

- Eu não fui irresponsável. Eu apenas me inclinei para frente e quando percebi já tinha saltado.

- Você não fará isso novamente.

- Por que não? E relativamente seguro segundo me disse seu amigo, que também me contou a história do bungee-jumping, que começou com os nativos das tribos das ilhas Pentecostais, há mil anos. Você sabia que foi uma mulher quem saltou pela primeira vez, tentando escapar do seu marido cruel? Ela subiu em uma árvore e, quando ele a seguiu, ela se amarrou com ramas de videiras pelos tornozelos e se jogou. Ele saltou atrás dela e acabou morrendo, mas ela foi salva pelas videiras.

Prudence respirou fundo e concluiu: - Esse pode parecer um esporte que desafia a morte, mas os elásticos amortecem a queda. Li na Internet que pára-quedistas e saltadores com vara enfrentam um perigo maior.

- Então na próxima vez você vai praticar pára-quedismo e salto com vara? Você é louca!

Quanto mais nervoso Joe ficava, mais ela se acalmava.

- Explique-me de novo por que você pode saltar de uma ponte, sem ser em uma situação controlada como essa e está tudo bem.

- Porque eu tenho mais experiência do que você.

- Estou tentando adquirir mais experiência.

- Não sob meus olhos.

- Você não está a serviço aqui, sargento, e não tem autoridade sobre meus atos. Você mais do que ninguém sabe de todas as precauções que são tomadas aqui. As cordas são inspecionadas antes de cada salto como também todo o equipamento. Beau disse que as cordas são substituídas depois de trezentos saltos, às vezes até antes.

Mas, nada do que ela falava o acalmava. Ele continuava furioso.

- E minha culpa! - Joe gritou, uma vez que, falar em um tom de voz razoável não estava funcionando. - Você me disse uma vez que era uma pessoa cautelosa. Então eu a fiz ficar presa na neve e...

- A tempestade nos prendeu na neve - Prudence o interrompeu, mas ele ignorou suas palavras.

- E o estresse foi demasiado para você. Eu a levei ao extremo, e você voltou a ter uma conduta irresponsável.

Ela segurou o rosto dele com uma das mãos e o fez olhar para ela.

- Olhe para mim quando estiver falando comigo, sargento - ela esperou que Joe a olhasse -, e escute o que tenho para dizer. Como você não disse uma palavra em sua própria defesa, eu o farei. - Prudence passou a mão pelo rosto dele em um misto de carícia e bênção. -r- Você não é responsável pelo acidente do helicóptero, nem pelo nosso incidente na neve e nem por eu ter saltado. Você não é responsável. Nada disso é culpa sua. Eu queria praticar bungee-jumping desde que era adolescente, mas disse a mim mesma que não poderia fazer isso depois do acidente de carro. E isso estava errado. Eu estava vivendo com medo. Medo de ser eu mesma. E não quero mais viver dessa maneira.

- E isso significa o quê?

- Não sei o que significa, mas posso lhe dizer que você não está pronto para lidar com a sua sobrevivência e o sentimento de culpa que carrega consigo, entendendo e respeito-o. Acredite-me, sei bem o que é isso. Mas não vou desistir de você.

Joe desviou o olhar.

- Se você sabe tanto sobre sentimento de culpa como diz, deve saber que afirmações lógicas não surtem efeito.

- Apenas quero lhe dizer que você não está mais sozinho.

- Eu nunca estive sozinho - ele respondeu, afastando-se dela. Prudence sorriu como se conhecesse os sentimentos dele.

- Nós dois estávamos sozinhos, de um jeito ou de outro. Você pode não ter estado sozinho no passado, mas tem estado ultimamente. Muito sozinho. Isso acabou. Não vou desistir de você.

- Pois deveria - Joe resmungou.

- Deixe-me julgar isso. Está com fome? Ele piscou.

- Fome?

- Sim, fome. Fome de comida.

Joe estava com fome dos seus beijos.

- Quando comeu pela última vez? - Prudence perguntou.

- Quem é você? Minha mãe? - ele perguntou irritado.

- Depois daquele salto estou vendo tudo com muita clareza: a luz do sol, o cheiro do mar, a imagem de moluscos fritos no Sonny. Já comeu moluscos fritos desde que chegou aqui? Não? Então não sabe o que é bom.

Ele sabia que bom era beijá-la.

- Vamos - ela o chamou. - O Sonny fica apenas a alguns minutos daqui. O que me diz?

Se tivesse um pouco de bom senso, Joe teria dito que não mas, por alguma razão, concordou. Talvez fosse o brilho do olhar feminino ou talvez fosse a alegria de passar algum tempo com ela depois do medo de perdê-la.

Joe ainda deveria estar furioso, e parte dele estava, mas não costumava guardar rancor e não parecia capaz de resistir ao convite naquele momento. Suas defesas estavam enfraquecidas.

Prudence sentou-se no banco do passageiro do jipe, com uma pequena bolsa na mão, antes mesmo que ele tivesse percebido.

- Ponha o cinto - ele resmungou. Ela franziu o nariz, mas obedeceu.

- Bonito jipe - Prudence comentou enquanto eles seguiam pela via principal.

- Onde fica o Sonny?
- Duas milhas ao norte, perto da estrada.

Ela desfez o rabo-de-cavalo e balançou a cabeça de uma maneira que Joe julgou muito sensual, soltando os cabelos sobre os ombros. Em seguida tirou o cardigã, revelando a camiseta cor-de-rosa que usava por baixo e que moldava seus seios como a mão de um amante, do modo como ele fizera na cabana.

Como desejava poder acariciar seus seios novamente!

- O limite de velocidade aqui é sessenta e não setenta - ela observou ao olhar o velocímetro do jipe.

Em silêncio, ele diminuiu a velocidade.

- Você tem o pé pesado!

Joe sentiu-se desconfortável quando ela apoiou a mão na coxa dele.

- Você acabou de passar o Sonny - Prudence o alertou. Ter concordado em comer com ela fora um grande erro. Podia perceber isso agora. Deveria levá-la até o carro dela e ir embora, antes que fizesse alguma coisa de que pudesse se arrepender.

Percebendo que o estava perturbando, Prudence tirou a mão da perna dele e parou de olhar de maneira provocante.

Indicou-lhe um pequeno trevo por onde ele poderia retornar e chegaram ao Sonny em dois minutos. Joe desceu do jipe como se houvesse sido ejetado. Abriu a porta para ela que agradeceu com um sorriso.

O Sonny não era um lugar romântico. Era bem iluminado e cheio, com toalhas vermelhas sobre as mesas. Havia uma cantora sussurrando uma melodia e ouvia-se também o som do oceano através da varanda aberta.

Joe relaxou. O cheiro da comida lhe encheu a boca de água.

Seus olhos brilharam, alguns minutos depois, ao ver Prudence comendo os moluscos com um molho vermelho de pimenta.

Ela até fechou os olhos e murmurou hummm ao provar a primeira porção do alimento.

Será que ela tinha essa expressão quando fazia amor?

Se não houvesse fugido dela, se houvessem feito amor naquela noite na cabana, ela teria olhado para ele e murmurado hummm quando ele lhe desse a satisfação final?

- Você não está comendo. - Prudence falou quando abriu os olhos. - Não gostou?

- Você está deliberadamente tentando me enlouquecer?

- Comendo moluscos fritos na sua frente? - ela perguntou, sorrindo, o lábio superior vermelho de molho.

Joe teve vontade de beijá-la.

Pegando um guardanapo de papel, ele o entregou a Prudence.

- Você está com molho no lábio superior.

Em vez de limpar com o guardanapo, ela passou a língua nos lábios.

Oh, Deus, ele ia morrer!

Tinha certeza de que Prudence estava agindo daquela maneira deliberadamente. E ele sabia muito bem como fazer esse jogo.

- Aqui. - Ele gentilmente passou o dedo indicador no lábio superior dela. - Agora está melhor.

Levou o dedo à boca e chupou o molho que estivera nos lábios dela.

- Hummm, está muito bom!

Prudence olhou-o, sedutora. Sabia que Joe era melhor do que ela naquele assunto. Mas não resistira em provocá-lo um pouco.

Agora tinha outros pensamentos. Nunca compensava provocar a onça com a vara curta. Era necessário agir com cautela para não se machucar. Mas não queria mais ser tão cautelosa e, francamente, a idéia de ser atacada por ele era muito atraente.

Joe estava muito bonito, vestido de jeans e uma camiseta preta. Lembrava-se de cada músculo embaixo daquela camiseta.

Com seus cabelos pretos e olhos azuis, chamava a atenção de todas as mulheres do restaurante. E Prudence tinha vontade de dizer a todas que, pelo menos naquele momento, ele era dela.

Quando Joe a surpreendeu olhando para ele, Prudence forçou-se a dizer alguma coisa e aproveitou para perguntar em tom de brincadeira.

- Quem quebrou seu nariz?

Ele riu. O som da sua risada era atraente e estimulante.

- Eu mesmo. Alguns anos atrás, depois de deixar Okinawa. Estávamos em Oklahoma, e eu era coroinha. Mas era desajeitado e meus irmãos caçoavam de mim. Um dia tropecei na barra da minha batina e caí com a cara no chão.

Ela comeu uma garfada de salada de repolho antes de comentar:

- Sabe, eu o invejava por ter irmãos. Devia ser mais fácil mudar de cidade porque vocês sempre tinham companhia, nunca estavam sozinhos. Recordo-me que havia pouca diferença de idade entre vocês.

- É verdade. Há apenas um ou dois anos entre cada um de nós.

- Deve ser muito bom.

Joe estremeceu. Amava seus irmãos, mas falar sobre eles o deixava triste. Talvez por não estar bem espiritualmente.

- Mudar é difícil - Prudence afirmou. - Mas meus pais faziam tudo o que podiam para transformar a mudança em uma aventura. Enquanto não tínhamos mobília, usávamos ao menos cortinas na sala de visitas para fazer o ambiente parecer um lar. Eu sempre tive livros e os levava para onde fosse, assim as personagens das minhas histórias favoritas viajavam comigo.

- Você fez muitos amigos? E quanto àquela princesa que conheceu na Europa?

- Vanessa? Sim, ficamos amigas. Acho que tínhamos muito em comum, se comparado com as outras garotas daquele colégio elegante.

- Uma pirralha como você em uma escola elegante? Ela riu.

- Sim, é engraçado. Eu tinha dito ao meu pai que não era uma boa idéia. Fui expulsa dois anos depois por organizar uma greve de estudantes em favor dos empregados da cantina. Mas Vanessa e eu mantivemos contato durante anos.

Prudence limpou os lábios com o guardanapo.

- Temos tempo para a sobremesa?

- Depende da sobremesa - disse Joe em tom malicioso.

- Sorvete de frutas. É o melhor do Estado. É feito aqui mesmo.

- Já comi demais.

- Importa-se se eu tomar? Você poderá experimentar o meu, se quiser.

Sim, Joe queria experimentar... ela. Tanto que chegava a doer.

Observando-a tomar o sorvete, sua tensão aumentou.

- Quer um pouco? - Prudence ofereceu.

Em vez de responder, Joe simplesmente se curvou, beijou-a e segurou-a pela nuca, lambendo o sorvete que havia nos lábios dela.

Parou de beijá-la antes que ela emitisse qualquer reação, fosse de ultraje ou de prazer. Mas o brilho do olhar de Prudence mostrava-lhe que ela gostara.

- Muito gostoso - ele murmurou.

- Hummm - ela sussurrou. - Muito saboroso. Quer mais?

- Não posso.

- Eu sei. - Ela suspirou. - Aqui não é a hora e nem o lugar.

- Acho melhor levá-la até seu carro.

Quanto mais tempo passava com Prudence, mais Joe sentia fraquejar seu autocontrole.

O caminho de volta foi acompanhado pelo som do rádio do jipe. Quanto estavam quase chegando, ela disse:

- O diretor da escola, o Sr. Vann, já entrou em contato com você? Ele disse que ia chamá-lo para falar na escola. Keishon, Gem, Pete, Rosa e Sinatra falaram sobre você, e as outras, crianças da classe querem conhecê-lo.

- Posso ver Sinatra falando bem de mim, mas Keishon é difícil. Afinal de contas eu cortei galhos das árvores.

- Ela já lhe perdoou - Prudence disse, rindo.

- Ela ainda usa aquelas camisetas?

- Sim. Joe sorriu.

- E então, você iria à escola? Se não quiser, eu entenderei. A simpatia na voz dela foi como um tiro no seu orgulho.

- Estarei lá na manhã de segunda-feira.

- Você não tem que provar nada...

- Já disse que estarei lá.

- Está bem. Então nos veremos na segunda.

Prudence beijou o rosto dele e saiu do jipe, deixando-o antes que ele pudesse se afastar.

Essa atitude fez Joe descobrir que realmente não gostava de ser deixado para trás.

CAPÍTULO X

- Olá, companheiro? Como foi seu final de semana na selva?

- Quem é? - Joe perguntou ao telefone celular.

- Boa técnica de disfarce, mas você me telefonou, lembra-se? - perguntou Curt.

- Sim, eu me lembro - Joe respondeu irritado, olhando para o horizonte.

A luz do sol aquecia sua cabeça, e o calor úmido do ar chegava até ele, juntamente com o cheiro do oceano. Joe não tinha muita certeza de por que estava na praia. Talvez alguma coisa relacionada com água. A água e a sensação de afogamento que permeavam seus pesadelos talvez o houvessem empurrado para a praia e agora, ali estava ele, sentado na areia como uma criança perdida.

- Alguma vez eu pareci estranho para você?

- O tempo todo - Curt respondeu imediatamente, com um humor que ele não possuía antes de se tornar pai. - E então, o que há de novo?

- O fato de eu não conseguir me livrar daqueles pesadelos.

- O acidente com o helicóptero? - Curt perguntou, dessa vez a sério.

- Sim, no começo. Mas agora, estou com um pesadelo estranho ligado a afogamento. E há uma criança pequena, mais jovem que Blue.

- Você conversou com alguém?

- Estou conversando com você.

- Onde você está?

- Este fim de semana estou de folga

- Onde?

- Em uma praia deserta, olhando o oceano.

Joe pegou um punhado de areia e conchas. A areia era grossa e áspera. Não era convidativa a banhistas, o que ele achava bom porque não queria a companhia de outras pessoas.

- Onde exatamente você está? Na Carolina do Norte, ainda, pois não?

- Sim. Onde acha que eu poderia ter ido?

- Quero apenas localizá-lo e identificar o barulho estranho que estou ouvindo.

- É o mar.

Joe fez uma pausa e olhou para seus pés enfiados na areia e as ondas que vinham cobri-los.

- Lembra-se do nosso primeiro acampamento?
- É lógico, foi onde nos conhecemos.
- Foi onde nos tornamos fuzileiros - acrescentou Joe.
- Você sempre foi fuzileiro - Curt observou.

Isso era o que Joe costumava pensar. Agora, não tinha tanta certeza. Não tinha certeza de nada.

- Fale comigo, companheiro. O que está acontecendo? Quer que eu vá até aí?
- E fazer com sua mulher fique com raiva de mim? Acho que não.
- Ela compreenderia.
- Talvez. Curt, acho que fiz alguma coisa realmente estúpida.
- Fale, estou ouvindo.
- Beijei a filha do meu comandante, o major Martin. Estávamos presos pela neve em uma cabana nas montanhas e...
- Calma, calma, fale devagar - Curt interrompeu. - Eu pensei que a professora estivesse com um bando de alunos.

- Estava, mas fomos pegos por uma tempestade de neve inesperada. Foi uma grande tempestade, a camada de neve ficou muito espessa em apenas vinte e quatro horas, e eu consegui levar os recrutas...

- Recrutas?
- Eu chamava as crianças de recrutas. Fazia com que eu me sentisse melhor.
- Bem, isso não importa. Continue.
- Então, levei Prudence, esse é o nome da filha do major, e os recrutas para uma cabana. No dia seguinte, os recrutas foram resgatados por um helicóptero. Prudence e eu ficamos na cabana, mas a tempestade voltou e nosso resgate só veio depois de vinte e seis horas.

- Então você estava contando as horas?
- Sim.

Joe desviou o olhar do horizonte para a praia, onde a luz do sol se refletia nas ondas.

- Ficamos próximos...
- Você fez sexo com a filha do major?
- Não, não fiz, mas queria fazer.
- E o que ela queria?
- Prudence também queria.
- Oh, meu amigo! O major sabe?
- Acho que não.
- Você tem receio de que ela conte alguma coisa?
- Não acredito que faça isso. Eu a vi ontem. Ela anulou dez anos da minha vida indo praticar bungee-jumping, mesmo após eu pedir que não o fizesse.
- Parece que é uma moça muito meiga. Mal posso esperar para conhecê-la.
- Você não entende. Nada pode advir disso. Tenho muitos problemas e não estou preparado para nada desse tipo.
- Os pesadelos?
- Sim, os pesadelos. Além do arrependimento e a culpa, você sabe.
- Eu entendo. Sem desculpas e sem exceções. É a maneira de agir dos fuzileiros. Mas às vezes isso sufoca.
- Sim, sufoca. - Joe franziu o cenho para uma gaivota que se aproximou demais dele.
- Jessie me disse uma coisa que eu nunca esqueci. Tocou-me muito. Eu explicava a Jessie que guerreiros nunca choravam, e ela me disse que, às vezes, guerreiros faziam outros chorarem.
- Você está dizendo que vou fazer Prudence chorar? Acredite-me, já pensei nisso, especialmente por ela ter sido criada por um fuzileiro.
- Não foi isso o que eu quis dizer. Estou dizendo que às vezes ficamos tão fechados

com nossos próprios problemas que nos esquecemos das pessoas que se preocupam conosco. Você sabe que eu tentei criar Blue de acordo com o Manual de Procedimento da Marinha. O manual nos ensina coisas valiosas como honra, respeito, compromisso e lealdade, e esses valores são realmente ótimos, mas o amor também é.

- Eu nunca disse que amo Prudence.

No entender de Joe, não dizer significava não sentir. Ele pusera tanta energia construindo uma barreira emocional em torno de si mesmo depois do acidente, e não iria deixar que uma mulher incrivelmente sensual e teimosa a derrubasse. Ela já chegara perto demais, e ele não podia amá-la.

Curt disse em um tom muito simpático:

- Quando eu estava cortejando Jessie, pedi um conselho a você e nunca disse que a amava. Segundo me recordo, você me disse que romance é um campo de batalha cheio de minas e que eu devia caminhar com cuidado para não explodir. Era sua idéia, no momento.

- É verdade. Agora nem sei mais o que pensar. Já lhe contei que conheci Prudence quando éramos crianças? Não percebemos até estarmos sozinhos na cabana e conversarmos sobre o passado. Passamos parte de um verão juntos. Mundo pequeno, não?

- A Marinha é uma grande família.

- Pode ser, mas eu não acho que o major Martin ficaria satisfeito em me aceitar como parte de sua família. Você sabe o que a Marinha acha a respeito de namoro entre seu pessoal. Isso é permitido no Exército sob certas regras. Mas não é permitido na Marinha. E, como eu disse, tenho que ter meu equilíbrio restaurado antes de pensar em outra coisa.

- Estou do seu lado, companheiro. Quando quiser conversar, estou aqui, dia e noite.

- Obrigado, Curt.

Depois de desligar o telefone, Joe se pôs a pensar que talvez os pesadelos fossem permanentes e não tivessem cura. Ou talvez até piorassem.

Fazia muito tempo que Joe não punha os pés na diretoria de uma escola de nível médio. Mesmo assim, nada havia mudado. Logicamente, agora havia computadores, mas o cheiro do lugar era o mesmo: uma combinação de velhos calçados de ginástica e comida de cantina. Naquele dia, o menu devia ser lasanha.

O cheiro lembrava os dias no campo de treinamento, quando ele e Curt ficavam servindo na cozinha, lavando caldeirões e esfregando bandejas. Era um trabalho nada glamoroso, mas lhe ensinara a trabalhar em equipe porque se não se trabalhasse em conjunto não se conseguiam bons resultados, e o serviço nunca terminava.

Só que naquele momento estava sozinho, não tinha os companheiros para ajudá-lo.

Uma jovem mulher atrás do balcão sorriu para ele antes de se mover. Naquele dia, Joe estava usando o uniforme azul. Era mais bonito do que qualquer uniforme das Forças Armadas, com sua jaqueta azul-marinho, botões de bronze, calça azul-claro e luvas brancas.

O uniforme era infalível para atrair os olhares das mulheres, mas não era por isso que ele o estava usando. Não pretendia impressionar mulher alguma e muito menos Prudence. Estava ali para representar sua amada Marinha e para isso vestira seu melhor uniforme.

- Pois não? - a jovem perguntou com seu sotaque da Carolina do Norte.

Prudence não falava assim tão lentamente.

- Sou o sargento Wilder e vim ver o diretor Vann, madame.

- Eu atendo o sargento - disse Prudence, por detrás dele. Joe se virou e a viu na soleira da porta. Ela estava ruborizada e com a respiração apressada como se tivesse corrido. Ele se sentia da mesma maneira.

Ela estava linda. Desde quando professoras eram assim tão belas? Estava usando

uma saia preta, um pouco acima dos joelhos. O que pretendia mostrando as pernas desse modo?

Um segundo olhar, mostrou-lhe que a saia não era tão curta. Era mais comprida do que a saia da secretária. Prudence tinha pernas magníficas, e as sandálias eram muito sensuais. Usava uma blusa cor-de-rosa que delineava seus seios.

Certamente nos seus dias de escola média, as professoras não deviam ter seios. Como uma criança poderia estudar com uma professora sedutora andando pela classe?

A sala do diretor tinha ar-condicionado, mas Joe sentia calor, muito calor.

- Eu atenderei o sargento - Prudence repetiu.

"E eu cuidarei de você", Joe pensou. O pensamento passou pelo seu cérebro como um foguete. Ele queria jogá-la sobre seus ombros e carregá-la como se fosse um herói conquistador.

- Sargento, prazer em conhecê-lo. - Uma voz masculina o afastou de suas fantasias. - Sou o diretor Vann.

O homem cumprimentou Joe. Tinha aproximadamente cinquenta anos, a mesma idade do pai de Prudence. Mas, enquanto o major tinha o corpo de um guerreiro, o diretor tinha o corpo um tanto roliço de um civil, apesar do vigoroso aperto de mão. Os olhos do diretor refletiam inteligência, e seu sorriso mostrava que era um bom político.

- Estamos muito contentes por poder recebê-lo em nossa escola hoje. Todos os alunos estão reunidos no ginásio para uma assembléia especial.

O diretor olhou o grande relógio da parede. Outra coisa que não havia mudado: os relógios pretos com mostrador branco.

- É bom irmos para não chegarmos atrasados. Não quero ser acusado de deter um fuzileiro naval. Por favor, sargento, o senhor na frente.

Enquanto caminhava pelo corredor, Joe lembrou-se de quando fora falar com os alunos de Prudence na sala de conferência. Agora ela caminhava ao seu lado.

Ele mantinha os olhos fixos à frente, recusando-se a se distrair com o aroma familiar do perfume dela.

Onde era esse ginásio? Na Geórgia?

Finalmente chegaram ao seu destino. O local estava decorado com serpentinas e havia uma longa faixa pintada de vermelho, azul e branco na qual se lia: "A Escola de Primeiro Grau Dixon saúda o sargento Wilder".

O coral e a banda estavam a postos, seu regente à frente com as mãos levantadas, a folha da música aberta, e, ao seu sinal, os alunos começaram a interpretar o Hino dos Fuzileiros Navais.

De pé, em posição de sentido, Joe sentiu-se dominar por um estado de pânico.

Mas podia se controlar. Um fuzileiro nunca falha.

Depois do hino, o diretor parou na frente dos alunos.

- Estamos muito orgulhosos por ter um convidado especial esta manhã. O sargento Joe Wilder, que ajudou a salvar cinco dos nossos alunos quando uma inesperada tempestade de neve os prendeu nas montanhas. Eu pedi a ele que viesse hoje aqui conversar conosco a respeito dessa experiência.

Enquanto Joe atravessava o ginásio até o pódio, percebeu um grupo de alunos jogando bolinhas de papel um no outro, na última fileira. Ele já havia sido jovem assim?

O pódio de madeira havia sido montado para ele bem embaixo do cesto de basquete. Era vermelho, branco e azul, com babado de tecido na frente e a bandeira americana ao lado.

Postado atrás do microfone, ele começou a falar.

Joe não tinha idéia do que falava. Não tinha idéia de nada que fizesse sentido. Manteve os olhos fixos na frente, no placar de resultados de jogos na outra extremidade do ginásio.

O suor molhava seu lábio superior, e seus ouvidos começaram a zunir, mas ele

continuou a falar com a voz potente de um sargento comandando seu pelotão.

Falou o mais rápido que pôde. Os demônios o estavam caçando e ele precisava sair logo dali.

- Alguma pergunta? Não? Isso é bom.

Joe se virou para sair quando uma dúzia de mãos se ergueu no ar.

Se ele não fosse um fuzileiro, teria gritado e fugido dali.

Sem mostrar reação negativa, apontou para um pré-adolescente, um dos que assopravam bolinhas de papel na fileira de trás.

- É verdade que vocês viram extraterrestres quando estavam nas montanhas?

Os pequenos recrutas que ele dirigira realmente pareciam extraterrestres, mas duvidava de o garoto se referisse a eles.

- Negativo. Não vi nenhuma evidência de seres extraterrestres.

- O senhor já matou alguém? - perguntou o garoto ao lado do cuspidor de bolinhas de papel.

O zunido nos ouvidos de Joe aumentou, e ele se sentiu como dentro de um túnel, com as laterais do ginásio ficando negras como sua alma.

- Chega de perguntas - Joe ouviu a voz de Prudence, a grande distância. - Antes de o sargento Wilder retornar para a base, queremos dar-lhe um símbolo da nossa gratidão.

Com um rápido aceno de cabeça aos alunos, ela indicou que eles deveriam se aproximar.

Keishon, Gem, Pete, Sinatra e Rosa seguravam um grande certificado criado no computador, mas com espaço para mensagens escritas à mão e desenhos. Era um presente feito com o coração.

Os olhos de Joe arderam quando leu o que os garotos haviam escrito.

Com nosso carinho e agradecimento ao sargento Joe, nosso herói. Dos alunos da sexta série da Escola de Primeiro Grau Dixon.

Herói? Quem ele estava enganando? Ele nem podia proferir um estúpido discurso na frente de um bando de alunos sem suar frio.

Afogando. Ele estava se afogando.

Fechando os olhos, Joe vacilou, imagens terríveis povoaram sua memória. Terror. Uma criança pequena. E ele. Pela primeira vez Joe via a si próprio. Ele criança, uma criança de quatro ou cinco anos de idade, olhando o irmão mais novo cair no riacho.

Salve-o, Joe, salve-o!

Mas ele não pôde.

Meu Deus, lembrou-se. Lembrou o passado que vivera jovem demais para registrar. Até o acidente do helicóptero. O sentimento de culpa pelo acidente detonara sentimentos esquecidos da sua infância.

Esse era o motivo de ele ficar enlouquecido perto de crianças. Ele não era um herói. Nunca fora.

- Eu não mereço isso - Joe disse com voz rouca. - Não fiz nada para merecer isso. Dêem o prêmio para sua professora, ela é muito mais corajosa do que eu.

Dizendo isso, saiu do ginásio.

Quando Joe voltou para a base, um pouco depois, foi avisado de que o major Martin procurava por ele.

Teria seu chefe ouvido falar a respeito de sua conduta no ginásio da escola?

Joe ainda estava tentando digerir as memórias da sua infância, mas agora não havia tempo para isso. Por Deus, ele era um fuzileiro naval, não uma criança.

No momento em que entrou no escritório do major, soube que estava em apuros. A acusação era visível no olhar que recebeu e no tom de desaprovação na voz do seu chefe.

- A vontade.

Joe não relaxou. Permaneceu em pé, em posição de sentido, as mãos postas atrás das

costas.

- Eu o chamei aqui porque tenho ouvido certas coisas perturbadoras, sargento. E quero verificar a veracidade delas antes de tomar atitudes.

Joe sentiu como se as paredes brancas, decoradas com fotos emolduradas de grandes momentos da Marinha, incluindo a bandeira americana em Iwo Jima, estivessem se fechando sobre ele.

Teria Prudence afinal contado ao pai o que ocorrera na cabana?

Contraíndo a mandíbula, Joe esperou o que estava por vir.

- Ouvi rumores sobre você e minha filha. Joe não disse uma palavra.

O major continuou:

- Estou achando que são apenas fofocas, pois minha filha tem muito bom senso e o senhor é um fuzileiro bom demais para desobedecer a ordens.

Na realidade, o major nunca lhe dera ordem de não beijar Prudence, mas isso era uma atitude meramente técnica.

Joe tinha plena consciência de que o major não aprovaria um romance entre sua filha e ele.

- Os rumores dizem que o senhor levou minha filha para praticar bungee-jumping naquele final de semana. É verdade ou falso?

Então o major estava se referindo ao bungee-jumping? Que alívio!

- Falso, senhor. Eu não a levei a praticar esse esporte.

- Estou muito feliz em ouvir isso. Então minha filha não saltou. Eu sabia que ela não faria uma idiotice dessas. Mas precisava ouvir isso do senhor. Diga-me que minha filha não praticou bungee-jumping naquele final de semana, e eu acreditarei em você.

Joe queria mentir, mas uma vida inteira defendendo valores rígidos não permitia que ele fizesse isso. Um fuzileiro tinha que possuir as mais altas virtudes. Um fuzileiro nunca devia mentir nem enganar, e ele sabia disso desde o seu nascimento.

- Sargento. Eu lhe pedi para dizer que minha filha não praticou bungee-jumping naquele final de semana.

- Não posso dizer-lhe isso, senhor.

- Por que não?

- Porque ela o fez.

O major arregalou os olhos.

- Repita, sargento. O senhor está dizendo que ela praticou bungee-jumping?

- Afirmativo, senhor.

- Então como explica sua resposta anterior de não tê-la levado à ponte? - o sargento ergueu a voz.

- Eu não a levei, senhor. Mas ela saltou.

- Sob sua responsabilidade? O senhor estava lá?

- Eu estava lá, senhor, e assumo a responsabilidade.

- O senhor é insano? Permitiu que minha filha arriscasse a vida?

Joe nada disse em sua defesa.

O que ele ia dizer? Que temia estar insano? Que era atormentado por pesadelos que até o dia de hoje não faziam o menor sentido? Que estava morrendo de desejo pela sensual e teimosa filha do major?

Sim, certo. Todas essas informações eram verdadeiras. Então não disse nada.

- Estou esperando por uma resposta, sargento.

- Sinto muito, senhor.

- Não tanto quanto ainda vai sentir - o major declarou furioso. - Minha filha nunca teria tido uma atitude tão irresponsável se não houvesse sido influenciada pelo senhor. Declaro-o diretamente responsável por essa atitude da parte dela e lhe ordeno que se mantenha afastado de minha filha!

CAPÍTULO XI

Prudence tentara localizar Joe durante o dia todo, havia deixado mensagens no telefone celular, mas ele não respondera. Ela estava preocupada. Não conseguia esquecer seu olhar atormentado quando deixara o ginásio no dia anterior. Seu olhar era uma mistura de angústia e culpa que a fizera até sentir dor por ele.

Os alunos quiseram saber se haviam feito ou dito alguma coisa errada para fazer com que ele deixasse o ginásio de maneira tão abrupta sem levar o certificado que haviam feito para ele com tanto carinho. Fora difícil explicar, mas Prudence tentara minimizar o sentimento de frustração das crianças dizendo que o fato de Joe não se achar merecedor do título de herói não significava que ele não tivesse mérito. Ele era um herói e assegurou aos alunos que Joe voltaria para buscar o certificado.

- Acho que ele é tímido - Rosa disse. - E creio que ele não gosta de falar em público. Eu sei porque me senti mal do estômago quando tive que fazer aquele relatório oral no mês passado e eu estava apenas na frente da nossa classe e não de toda a escola.

- Você disse a ele que eu não o culpo por ter cortado aqueles galhos das árvores? - Keishon perguntou a Prudence.

- Sim, eu disse.

- Talvez possamos passar um e-mail para ele - sugeriu Sinatra. - Podíamos enviar-lhe um cartão engraçado para que ele se sentisse melhor.

- Acho que Joe ficou zangado por termos escrito "sargento" errado na faixa - disse Gem.

Seria bom se tudo isso fosse verdade. Mas os demônios que perturbavam Joe eram muito mais assustadores do que uma palavra mal escrita ou o fato de ter que falar em público.

Prudence vira seu rosto empalidecer e percebera o modo como ele tentara se controlar. Alguma coisa tinha acontecido enquanto ele estava no pódio, e ela não descansaria enquanto não descobrisse o que era.

A única boa notícia que recebera naquele dia fora o retorno da sua van. A última vez que a vira fora quando a tinham deixado no estacionamento do acampamento antes de subirem para as montanhas. Suas mochilas haviam sido devolvidas no início da semana, mas somente agora seu pai e um amigo tinham ido buscar a van.

Chegando a casa, ela se surpreendeu ao ver sua mãe esperando por ela. Estava sentada na cadeira de balanço na varanda da frente, a cadeira que Prudence havia restaurado, pintando-a de verde e colocando almofadas da mesma cor.

O sorriso e o aceno de sua mãe asseguraram a Prudence que nada estava errado.

- Que surpresa, mamãe! - Prudence exclamou, subindo rapidamente os degraus, sem notar que os gerânios vermelhos estavam precisando de água e de uma poda nas folhas murchas.

Depois de um dia todo de trabalho, sua camisa amarela de mangas curtas estava colada às costas e a calça azul-marinho estava muito amassada. O clima quente e úmido era típico do mês de maio na Carolina do Norte. Mais algumas semanas, e chegariam as férias de verão.

- Fiz uma jarra de chá gelado para nós - sua mãe disse.

- Você é uma salva-vidas - Prudence murmurou ao sentar-se na cadeira de plástico também decorada com almofada verde para combinar com a cadeira de balanço.

- Eu já lhe disse que trabalho maravilhoso você fez com essa casa, deixando-a acolhedora e tão parecida com você?

Prudence olhou para a mãe por sobre a borda do copo de chá.

- Tenho o pressentimento de que você não veio aqui para me cumprimentar pela minha qualidade de decoradora. O que está havendo?

Ellen suspirou e passou a mão pelo copo alto antes de responder:

- Seu pai fez uma coisa que não deveria ter feito e estou apreensiva.

Prudence sentiu um frio no estômago.

- O que foi?

- Ele ouviu dizer que você foi praticar bungee-jumping.

Prudence resmungou. Pretendia contar aos pais, mas não tinha certeza de como eles receberiam a notícia.

- Aposto que ele ficou furioso? Sua mãe concordou.

- Eu também fiquei muito surpresa.

- Eu nunca tive a intenção de contrariá-los. Era apenas uma coisa que eu tinha vontade de fazer. E foi uma experiência extraordinária, mamãe.

- Acredito que sim. Só espero que não pretenda repetir isso muitas vezes.

- Tenho sido cuidadosa há muito tempo - afirmou Prudence com calma.

- Sei que você tem sido muito doce, querida. - Ellen deu um tapinha na mão da filha. - Desde aquele acidente de carro, você tem tentado provar que é calma, prudente e responsável. Eu sei disso, querida.

- Quis apenas experimentar um esporte radical e é muito seguro.

- Você sempre foi uma criança de tudo-ou-nada - Ellen disse sorrindo. - Com você não há meias medidas.

- Eu sei, mas percebi que estava me tornando uma pessoa medrosa que não se arrisca, nem emocional nem materialmente. Eu me encasulei e não estava vivendo. Ficar presa nas montanhas com Joe me fez enxergar essa realidade.

- Seu pai está furioso com esse Joe - Ellen admitiu.

- Mas Joe não teve nada a ver com o que eu fiz. Bem, ele me fez ver que eu tento não fazer nada errado, que minhas atitudes são sempre seguras e que eu tinha parado de viver. Mas ele era totalmente contrário ao bungee-jumping. Na realidade, até me proibiu de saltar.

- Tenho de confessar que eu não gosto nem um pouco da idéia de minha filha pulando de pontes presa a cordas e elásticos. Mas parte de mim alegrou-se por você ter voltado a ser o que era. Nós nunca falamos a esse respeito, mas sei que, depois do acidente, você fez tudo o que pôde para não cometer mais erros. Não estou querendo dizer que deva bancar a valente de novo. Prefiro não ter mais cabelos brancos, se você não se importa.

- O que papai disse a Joe?

- Não sei exatamente o que seu pai disse. Você o conhece. Mas sei que ontem ele ordenou que o sargento não a visse mais.

- Como ele pôde dizer isso?

- Acho que agiu no calor do momento.

- Ele vai arruinar tudo! - Prudence gritou, ficando de pé.

- O que quer dizer com isso?

- Estou apaixonada por Joe Wilder, mamãe.

- E ele está apaixonado por você?

- Pode ser.

Ellen ergueu as sobrancelhas.

- Pode ser?

- Ele tem dificuldade em falar sobre seus sentimentos, e papai certamente tornou as coisas piores, ordenando que ele não me veja mais. Joe vive e respira em função da Marinha e nunca desobedeceria a uma ordem. - Prudence pôs o copo tão abruptamente sobre a mesa que derramou o chá. - Não posso acreditar que papai tenha feito isso!

- Ele está preocupado com você. E eu também. Não por causa do bungee-jumping,

mas por você amar um homem e não saber se é correspondida. Querida, alguma coisa aconteceu quando vocês ficaram sozinhos na montanha? Eu nunca perguntei...

- Joe foi um perfeito cavalheiro. Ellen suspirou aliviada.
- Embora eu preferisse que não tivesse sido.
- Oh, querida...

Mãe e filha trocaram um olhar de mulher para mulher. Ellen sabia que sua filha era uma mulher adulta.

- Eu o amo, mamãe.
- Estar presa na montanha, lutando com uma tempestade do modo como vocês fizeram... Bem, isso tornou tudo muito especial. Mas uma vez retornando à vida real...

- Joe tentou me dizer a mesma coisa - Prudence interrompeu a mãe.
- E você não acreditou nele?
- Há coisas que eu não posso dizer, coisas que ele me contou. Confie em mim, mamãe, quando digo que Joe e eu nos compreendemos. Quando estamos juntos é como se estivéssemos em uma festa, envoltos por fogos de artifício e magia.

Ellen pareceu preocupada.

- Isso aconteceu tão rápido...
- Acho que me apaixonei por ele quando tinha oito anos, e ele dez. Nós nos sentimos ligados naquela época e quando o vi adulto me apaixonei novamente. Acredite-me, eu não queria amá-lo. Ele é um fuzileiro, e eu não queria ter envolvimento com outro militar, não depois da humilhação que Steven me infringiu. Papai chamou atenção dos poucos fuzileiros que namorei. Não acredito que ele tenha feito isso novamente. Onde está papai?

- Estava muito nervoso e foi pescar, voltará ao escurecer. Aonde você vai? - Ellen perguntou ao ver Prudence se dirigir à van.

- Vou dizer a papai que não sou mais sua princesinha e que é hora de ele parar de me tratar como se eu fosse criança!

Prudence estava tão nervosa e furiosa que não percebeu sua velocidade até chegar onde seu pai estava pescando. Não tivera tempo nem de trocar de roupa.

Muita poeira entrou na van e sujou suas roupas quando ela pegou a estrada de cascalho e a trilha que levava ao pesqueiro.

E lá estava ele, calmamente pescando, como se não houvesse acabado com sua vida.

- Como você pôde? - Prudence gritou furiosa.
- Calma, princesa, você quase me fez derrubar minha vara de pescar. O que está fazendo aqui?

- Vim falar com você.
- Estou pescando - ele disse, voltando sua atenção à pesca.
- Esqueça - ela resmungou, agarrando o braço do pai, quase fazendo-o derrubar a vara novamente. - Como pôde ordenar a Joe que não me veja mais?

Ele suspirou e pôs a vara de lado.

- Então é isso?
- Sim, é isso.
- Suponho que sua mãe lhe contou.
- Sim, ela me contou que você fez papel de tolo. Oh, não me olhe desse jeito, querendo dizer que fuzileiros nunca fazem papel de tolo. - Ela virou os olhos. - Por favor!
- Eu não fiz papel de tolo. Aquele homem a incentivou a saltar de uma ponte.
- Joe tentou me impedir, na verdade me proibiu de saltar. Ele lhe disse isso?
- Não.
- Você lhe deu chance?
- É claro que dei. Ele assumiu total responsabilidade pelo ato.
- Ele é tão tolo! - Prudence exclamou exasperada. - Ele não é o responsável por isso como também não foi responsável pela tempestade de neve. A não ser que você planeje

culpá-lo também por isso.

- É claro que não! Ele salvou sua vida.
- E é esse o modo como o recompensa?
- Eu apenas estou furioso porque minha única filha saltou de uma ponte.
- Eu não saltei de uma ponte. Eu saltei de uma torre especialmente preparada para esse esporte.

O major Martin ergueu a mão para que ela parasse de falar.

- Não quero ouvir detalhes.
- Não, você quer tirar conclusões erradas. Não se deixe confundir por informações que não são verdadeiras.

- Nunca a vi tão nervosa.
- Estou furiosa com você!
- O sargento Wilder não disse uma palavra em defesa própria.
- Ele nunca faria isso. Joe acha que não merece ser feliz.
- Por que não? - O major franziu o cenho. Prudence desviou o olhar.
- Ele tem suas razões.
- Bem, como eu poderia saber disso?
- Você poderia ter perguntado a mim primeiro sobre o bungee-jumping em vez de procurá-lo.

- Ele é meu subordinado. Tenho o direito de interrogá-lo.
- Não a respeito da vida particular dele ou da minha.
- Não quero discutir com você - o major respondeu, pegando a vara de pescar novamente. - Você está espantando todos os peixes. Vim até aqui para ter um pouco de paz depois de um dia difícil.

- Você veio aqui porque se sentiu culpado pelo que fez.
- Oh, você agora lê mentes? O que foi? O que eu disse? - o major perguntou ao vê-la chorar.

- Joe disse isso para mim. Por um minuto você se pareceu com ele.
- Oh, Deus! - Ele bateu no ombro da filha. - Talvez você deva conversar com sua mãe a esse respeito.

- Eu vou falar com Joe a esse respeito.
- Ele é um ótimo fuzileiro, princesa. Não desobedecerá a uma ordem do seu superior, e eu ordenei que ele não a visse mais.
- Então, papai, terá que rescindir esta ordem - ela disse, desafiando-o a contrariá-la. - Mas antes tenho que encontrá-lo.
- Por que você faz isso, Wilder?

A pergunta foi repetida meia dúzia de vezes por seus companheiros fuzileiros, sentados ao redor da mesa de madeira do Bar Americano.

- Por quê? Pela emoção - Joe respondeu, passando a mão na água condensada da garrafa de cerveja gelada depois de ter dado muitos goles.

- Diga-me como faz? - o rapaz perto de Joe perguntou assombrado.

Joe terminou uma cerveja e pediu outra.

- Não posso imaginar um bungee-jumping - o rapaz continuou. - Como você faz, Wilder?

Como ele conseguiria convencer dúzias de companheiros a não mencionar aos seus superiores que ele continuava praticando o esporte radical nas suas horas de folga? Ou correr com sua moto Harley ou navegar sozinho com seu caiaque em corredeiras perigosas como se não se importasse em manter-se vivo?

Vivo. O risco sempre o fizera sentir-se vivo. Até ter visto Prudence saltar. Aí sentira como se fosse morrer. E agora, seu major o proibira, além de praticar bungee-jumping, também de se aproximar de Prudence.

Era isso mesmo o que ele merecia.

Agora não era capaz de provar sua coragem testando constantemente sua resistência. Não havia dúvida. Ele não era herói.

- Ele não vai revelar seus segredos - disse rindo o rapaz à direita de Joe. McCormick era seu nome. Joe apenas sabia o nome dele porque estava escrito no bolso do seu uniforme. Ele não era seu amigo, mas eram fuzileiros, e isso bastava para que fossem companheiros.

McCormick estava certo. Joe não ia revelar seus segredos. E tinha muitos e negros segredos que bloqueara na sua memória até agora. Terminou a garrafa de cerveja e pediu outra.

- Vamos, Wilder, dê-nos algumas dicas. Ouvi dizer que você faz muito sucesso com as mulheres.

- Você ouviu certo. Olhe para o modo como Lucy se comporta em relação a ele quando vem servir nossas bebidas - o fuzileiro afro-americano disse.

Joe tentou ler o nome do companheiro no ambiente enfumaçado do bar. Ou talvez fosse sua visão que estava embaçada. Cerveja demais e sono de menos nunca fora uma boa combinação.

- Vamos, Wilder, conte-nos - pediu McCormick.

"Não dando a mínima atenção a elas ou dando muita atenção. Bloqueando memórias ou revivendo-as em seus sonhos todas as noites.

Como ele fazia? Como sobrevivia sabendo que a única razão de estar vivo naquele momento era que outro fuzileiro morrera em seu lugar? Como sobrevivia sabendo que havia fracassado, mesmo quando muito jovem, com resultados fatais?

Não tinha a mínima idéia.

Distraído os rapazes com a promessa de pagar outra rodada de cerveja, Joe sorriu e começou a contar piadas, enquanto por dentro se sentia mergulhar em um abismo sem fim.

- Ei, Danny! - uma mulher na mesa próxima gritou para alguém que ele não via.

Joe sentiu seu sangue gelar. A água, uma criança, o terror. A voz dele gritando Danny. O nome do seu irmão era Danny!

A realidade o atingiu como uma explosão.

Precisava de mais álcool. Tomando outra rodada de cerveja, viu Prudence.

- Olhe, há outra mulher estonteante olhando para você, Wilder - McCormick disse ao seu lado.

- É a filha do major Martin - Joe resmungou.

- Estive procurando por você em todos os lugares, Joe - disse Prudence aproximando-se, parecendo deslocada e completamente fora de lugar vestida com a comportada blusa de professora e calça comprida. - Precisamos conversar.

Joe reconheceu o olhar teimoso, ela não desistiria facilmente. Ótimo. O dia fora mesmo muito difícil.

- Podemos ir a algum lugar mais calmo? - ela perguntou. Ele bebeu mais cerveja antes de responder.

- Não.

Ela suspirou como se falasse com um aluno-problema.

- Então podemos ao menos nos sentar a uma mesa sozinhos? Ele meneou a cabeça o que fez o salão girar.

- Não acho que seria uma boa idéia.

- O que vocês acham rapazes? - Prudence perguntou aos outros fuzileiros. - Poderiam nos dar um pouco de privacidade?

Eles se levantaram imediatamente. Bem, ela era a filha do major Martin.

- Sinto muito, Joe - ela disse, sentando-se e puxando a cadeira para perto dele para que pudesse falar e ser ouvida acima do falatório geral e da música alta do aparelho de som. - Sinto muito pelo que meu pai fez ontem. Ele não deveria ter feito aquilo.

Joe ficou surpreso. Um major não deveria ter feito o que fez?

Sem se importar em estar infringindo a etiqueta militar, ela continuou:

- Ele nunca deveria ter ordenado que você ficasse afastado de mim. Isso foi muito errado.

- Ele estava absolutamente certo. - Joe riu amargamente. - Você estará melhor sem mim.

- Por quê? Por causa do acidente do helicóptero? Você não foi culpado.

Ele já ouvira isso antes. Ela não sabia o resto da história, a terrível história que ele acabara de descobrir sobre ele mesmo. Era tempo de contar a ela.

- Mas sou culpado pela morte do meu irmãozinho. Essas palavras a deixaram chocada.

- O... O quê?

- Por isso fico transtornado perto de crianças - ele disse com uma expressão destituída de emoção. - Você já percebeu isso.

- Eu apenas percebi que, no início, você ficava desconfortável perto das crianças.

- Desconfortável? Na cabana eu fiquei em pânico, mas não conseguia saber o motivo. Eu nunca tinha tido problema em lidar com crianças. Mas ontem, na escola, percebi que o acidente do helicóptero trouxera alguma coisa do meu passado.

- O que aconteceu? - a voz de Prudence era calma, e seus olhos castanhos o miravam com compreensão e simpatia.

Joe desviou o olhar. Não merecia os sentimentos que ela lhe estava oferecendo.

- Meu irmãozinho se afogou, e eu não o salvei. Foi isso o que aconteceu. - Ele estava tão emocionado que tinha até dificuldade para respirar. - O nome dele era Danny. Eu havia esquecido. Esquecido dele, você pode acreditar em uma coisa dessas?

- Quantos anos você tinha quando isso aconteceu?

Suas contínuas perguntas o apunhalavam e o faziam tremer pelo esforço de manter-se sob autocontrole.

- Não sei, talvez quatro.

- Era um bebê também. Você acha que com essa idade teria condições de salvar seu irmão mais novo? Onde estavam seus pais?

- Não me lembro. - Joe esfregava a testa. - Minha família nunca falou sobre o assunto. Eu mesmo só me lembrei ontem.

Prudence chegou mais perto dele, passando um braço ao redor dos ombros dele.

- Não é incomum para uma experiência traumática trazer esse tipo de sentimento. E, se você não acredita em mim, deveria conversar com alguém de sua família sobre isso, ou com um amigo íntimo. Se quiser posso lhe recomendar alguém.

- Um psiquiatra? - Ele se afastou dela. - Esqueça.

- O sentimento de culpa o está corroendo, Joe. Parte de você quer morrer também. Acha que eu não sei disso? Acha que eu não senti isso quando minha mãe se feriu gravemente? Senti, mas pedi ajuda.

- Um fuzileiro não precisa de ajuda.

- E quanto ao amor, Joe? - Ela o encarou sem medo, demonstrando seu amor nos seus olhos e na sua voz. - Um fuzileiro não precisa de amor?

Joe não podia responder.

Ela era estúpida? Não podia ver que ele não merecia o amor dela? O que poderia fazer para que ela entendesse?

Joe sabia a resposta para isso e agiu de acordo, mudando as palavras dela com um erguer de ombros e um sorriso cínico.

- Você acha que não recebo amor suficiente? Pense de novo, querida.

Ele agarrou a garçonete pela cintura e a fez sentar-se no seu colo.

- Lucy, diga à filha do meu comandante que eu tenho amor suficiente.

- Não se preocupe com ele - Lucy sussurrou, pondo as mãos no peito de Joe.

- Ouviu? - Joe olhou indiferente para Prudence antes de lhe dar uma ordem. - Pare de

me seguir e pare de flertar comigo. Não estou interessado, está bem? Não estou sozinho e certamente não preciso de amor. Apenas me deixe sozinho. O que devo fazer para me livrar de você?

Prudence estava sentada como se fosse um bloco de gelo, incapaz de acreditar no que via e no que ouvia. Por que ele estava fazendo isso com ela?

- Vá embora! - Joe a olhou com raiva. - Você, não - disse à garçonete. - Você fica aqui comigo.

- Com muito prazer - ela disse, beijando-o.

Joe retribuiu o beijo.

Percebendo que perdera a chance de salvá-lo dele mesmo, Prudence levantou-se rapidamente e se afastou.

Quem ela pensava ser? Joe não precisava ser salvo. Ela projetara seus próprios sentimentos nele e o estava aborrecendo. Como pudera estar tão errada, tão cega? Tinha de sair dali rapidamente.

Mantendo a cabeça erguida, Prudence caminhou pelo bar contendo as lágrimas.

Rejeição. Humilhação. Fora isso que ela ganhara por ser tola e se arriscar.

Seu coração fora novamente despedaçado por um fuzileiro.

CAPÍTULO XII

Ver a dor estampada nos olhos de Prudence quase fez Joe ajoelhar-se aos pés dela. Ele esteve a ponto de afastar Lucy do seu colo e ir atrás de Prudence antes que o bom senso o dominasse novamente.

- Querido, você está mal - Lucy disse com simpatia, acariciando o rosto de Joe. - Você está apaixonado por essa garota.

- Desculpe-me, Lucy. - Ele sorriu timidamente.

- Você vai se arrepender se não for atrás dela - a garçonete respondeu, saindo do colo dele com um sorriso desafiador.

- Não posso fazer isso.

Lucy apenas meneou a cabeça e voltou ao bar.

Joe concluiu que fizera a coisa certa mandando Prudence embora, ela estaria melhor sem ele.

Na sexta-feira seguinte, como seus pesadelos se intensificassem, Joe percebeu que as coisas não poderiam continuar do modo como estavam. Tinha de fazer alguma coisa.

Precisava conhecer seu inimigo. Era uma regra da Marinha.

Os inimigos dele eram a culpa e o medo. Tinha que se aprofundar no seu inconsciente e superar o que o estava perturbando ou nunca mais se recuperaria.

Em pelo menos uma coisa Prudence estava certa: ele precisava falar com alguém. E, bem fundo em seu coração, Joe sabia que precisava falar com seu pai.

As mãos de Joe estavam suadas quando ele pressionou o botão especial do seu celular. Logo que seu final de semana de folga começou, ele dirigira seu jipe a uma estrada deserta na costa, para que ninguém pudesse vê-lo ou ouvi-lo se ele ficasse desesperado depois do telefonema.

Mas essa possibilidade tinha de ser descartada. Ele não poderia ficar desesperado. Seu pai ficaria com muita vergonha dele. Bill Wilder ensinara força e integridade a seus filhos.

Dúvidas encheram a cabeça de Joe, fazendo seu estômago doer.

Talvez eu devesse ligar a um dos meus irmãos.

Estava quase para desligar quando seu pai atendeu.

- Alô?

A voz grave e segura do seu pai o acalmou.

- Olá, papai, é Joe.

Fechando os olhos, visualizou o pai. Com a mesma estatura do major Martin, seu pai tinha a mesma atitude militar e a mente inquisitiva de um intelectual autodidata. Também tinha olhos azuis e senso de humor, traços herdados por todos os filhos. Aposentara-se recentemente, depois de servir durante trinta anos na Marinha.

- Olá, filho, como vai?

- Não muito bem - Joe admitiu, incapaz de encetar uma conversa fútil mesmo que por pouco tempo. - E não sei como falar no assunto...

-- Somos fuzileiros navais, filho. Você não tem que medir palavras comigo. Seja franco e direto.

- É sobre Danny. - As palavras saíram de uma só vez e então Joe sentiu a boca seca e não pôde mais falar.

O silêncio do outro lado da linha disse-lhe que seu pai estava chocado, pois ele raramente perdia a voz.

- Sinto muito - Joe disse inquieto.

- Eu achava que você não se lembrasse de nada a respeito de Danny.

Devagar no início, com meias sentenças, Joe disse ao pai a respeito do acidente de helicóptero, do seu sentimento de culpa, de como ficava em pânico em contato com crianças e de como, finalmente, tudo isso lhe trouxera memórias sobre Danny.

- Eu não salvei Danny, papai.

- Salvá-lo? - seu pai repetiu atônito. - Joe, você era apenas uma criança. Eu era o pai. Era eu que deveria ter tomado conta de vocês dois. Por Deus, sou o único que deveria ter sentimento de culpa, não você. Nunca falei sobre isso e nem permiti que a família falasse. Foi uma decisão minha. Provavelmente uma decisão errada, posso ver agora. Mas eu estava tão consumido pela dor que não agüentava falar a respeito, então me tranquei. Meu filho caçula se afogou sob minhas vistas. O erro foi meu, não há desculpas nem exceções.

Joe estava estarelecido em descobrir que seu pai, seu infalível pai, sentia-se culpado.

- Você acha que é o único a ter sentimento de culpa? - perguntou seu pai.

- Não - Joe respondeu, pensando em Prudence. - Como você conseguiu se recobrar?

- Não há muita chance de se recobrar se continuar pensando no passado. Não pode deixar o arrependimento e a culpa minar sua força, filho.

- Já estou quase destruído, papai.

- Então reaja imediatamente, antes que seja tarde demais. - Sua voz se abrandou e depois vibrou com intensidade quando continuou: - Escute-me, filho, acidentes acontecem. Não é justo e não é certo, mas acontecem. A morte de Danny foi um acidente. O leito do riacho afundou, eu revi aquele momento muitas vezes. Se eu tivesse chegado mais rápido, se não estivesse tão longe...

- Sim - Joe concordou. - Os "ses" são graves e implacáveis.

- Não tão graves como a situação em que você se encontra. Lembre-se disso. O que não o destrói, o fortalece. Não deixe que isso o destrua, Joe. Danny não ia querer isso. Aqueles rapazes no helicóptero também não, tenho certeza disso. Entendeu?

- Sim, papai.

Joe acabara de desligar quando o celular tocou. Pensou que pudesse ser Prudence. Que tolice! Depois da maneira como a havia tratado, ela nunca se aproximaria dele novamente.

Era Curt.

- Onde você está? - Curt perguntou.

- No meu jipe. E você, onde está?

- Em um quarto de motel a dez minutos da Base.

- Você deve estar brincando!

- Você é o gozador, não eu. Eu sou o sério, lembra-se?

- Isso foi no passado - Joe ouviu Jessie dizer ao lado.
- A família toda está comigo.
- O que vocês estão fazendo aqui?
- De repente sentimos necessidade do sol da Carolina do Norte. Joe resmungou.
- Não está acreditando, não é? Bem, tenho um amigo que está precisando de mim, então aqui estou eu. Você vem até aqui ou terei de procurá-lo?

- Estou indo.

- Não posso acreditar que você tenha feito isso!

Curt estava esperando por ele do lado de fora do quarto de motel.

Joe se apressou e deu um grande e forte abraço no amigo, que expressava toda a emoção que estava sentindo.

Curt retribuiu o abraço de modo mais delicado e se afastou. Ele mancava, resultado de um ataque que sofrera na Bósnia um pouco mais de dois anos atrás.

- Não pude ficar afastado sabendo que você está com problemas.

- Você realmente não tinha que...

Curt passou o braço pelos ombros do amigo.

- Eu sei.

- Onde está a família?

- Lá dentro. Achei que deveria encontrá-lo aqui fora, para o caso de Blue deixá-lo desconfortável ou coisa semelhante.

Joe aproveitou a oportunidade para contar a Curt o que havia acontecido nas últimas semanas.

- Cara, aconteceu muita coisa. Você acha que pode fazer o que seu pai lhe sugeriu?

Antes que Joe pudesse responder, a porta do quarto se abriu, e Blue gritou:

- Papai!

- Estou aqui, Blue. Papai ama você, mas está ocupado agora, querida. Entre novamente e estarei com você em um minuto.

- Não se preocupe, está tudo bem - Joe disse. - Quero ver Blue.

- Tem certeza?

- Sim, tenho.

Blue tinha crescido desde a última vez que Joe a vira e estava linda como um botão de rosa. Tinha olhos castanhos, como Prudence. O coração de Joe doeu, mas o pânico havia desaparecido.

- Quem é esta menina tão bonita? - perguntou Joe.

- Sou eu, Blue, tio Joe. Não se lembra de mim?

O coração de Joe doeu novamente. Blue olhava para ele com ansiedade. Prudence olhava para ele da mesma maneira, mas com paixão.

- Acho que estraguei tudo - Joe resmungou.

Estava apaixonado por Prudence Martin. Se a merecia ou não era outra questão. Primeiro tinha algumas coisas para provar a ele mesmo.

- Tudo bem - Blue disse a Joe, com a sinceridade típica das crianças. - Meu pai estraga tudo às vezes, também. E mamãe o ama assim mesmo. E nós também o amamos, tio Joe, -mesmo que você estrague tudo.

Joe teve que piscar para conter as lágrimas. Pegou Blue no colo e a abraçou. A menina retribuiu o abraço, bem apertado.

Foi só quando Curt viu que Joe percebeu que o pirulito de Blue estava grudado na sua nuca.

- Obrigado, criança - Joe disse, desgrudando o pirulito. - Eu também a amo. Mesmo que você tenha um pai com humor variável.

Curt não parecia nada arrependido, com Jessie em seus braços, obviamente feliz.

- Lembro-me de certas vezes quando você colava adesivos na sola dos meus sapatos e morria de rir.

- Eu não posso colar adesivos na sola dos sapatos do meu pai - Blue declarou solenemente. - Apenas no meu caderno. Quer ver?

- Claro. Jessie você ainda não se cansou desse cara?

- Nunca - Jessie respondeu com um sorriso amoroso, abraçando o marido. - É muito bom vê-lo, Joe.

- Mal posso acreditar que vocês vieram até aqui. Os olhos verdes de Jessie brilhavam.

- Quisemos vir.

- Você ainda leciona na pré-escola?

Jessie concordou, meneando a cabeça, os cabelos loiros balançando sobre os ombros.

- Eu gosto.

- Parece que gostamos de professoras - Joe disse ao amigo.

- Desde que não seja a mesma professora. - Curt observou, abraçando e beijando a esposa.

Joe apostava que Jessie e Prudence se dariam muito bem, ambas possuíam uma natureza calorosa e muita beleza. Tinham também muita feminilidade e não precisavam de maquiagem e nem de batom vermelho para ficarem sensuais.

Mais tarde, depois de Joe ver o caderno de adesivos de Blue e ler para ela várias histórias, incluindo sua favorita A Arvore dos Desejos, ele teve uma chance de falar sozinho com Jessie, enquanto Curt brincava com Blue.

Estavam do lado de fora do motel, sentados à uma mesa de madeira de piquenique, bebendo refrigerante. Joe sentiu vontade de fazer a Jessie uma abreviada explicação do que estava acontecendo com ele.

O sorriso gentil de Jessie mostrou-lhe que ela havia entendido bem o que ele queria dizer.

- Uma das ironias do processo de cura é que você tem de mergulhar no passado para superá-lo e deixá-lo para trás - ela afirmou. - Eu tive que fazer isso com o meu passado com Curt, voltando ao nosso tempo de faculdade. Parece que você fez isso hoje, com seu pai.

- Sim, fiz. E estar com Blue, bem... Não senti pânico.

- Fico feliz, Joe.

Quando Curt se aproximou, Jessie voltou ao quarto para dar aos dois amigos alguma privacidade.

- Então, Wilder, você disse que estragou tudo. Já conseguiu achar uma solução?

- Não, ainda não.

- Posso adivinhar. - Apertando os olhos, Curt fixou em Joe um olhar especulativo. - Vejamos... De algum modo você fez alguma coisa estúpida para afastar Prudence a fim de obedecer à ordem do major enquanto, simultaneamente, assegurava-se de que ela não se aproximaria de novo. Acertei?

Joe meneou a cabeça antes de afirmar:

- Você é bom nisso.

Sorrindo, Curt ergueu os ombros e disse:

- Sim. Bem, tive alguma ajuda no decorrer desses anos.

- Sabe, todos os esportes radicais que eu pratico, pular o bungee-jumping, descer correntezas no caiaque e me arriscar nas corridas de moto, tudo isso era um modo de provar minha coragem.

- Coragem é ausência de medo, é a força de sobrepujar o medo - Curt afirmou calmamente. - Você ainda pensa que deveria ter estado naquele helicóptero? Porque eu estou muito feliz por você não ter estado lá. Em vez de se sentir culpado, deveria aceitar isso como uma segunda chance. E Deus sabe que isso não acontece com muita frequência. Estou falando por experiência própria. Tive uma segunda chance na vida com Jessie e agradeço todas as horas do dia. Não desperdice sua segunda chance, Wilder. Não desperdice. Prudence estava ajoelhada no pequeno jardim, arrancando mato com

vigor quando seu telefone sem fio tocou na mesa branca de resina que havia por perto. Pondo os cabelos suados para trás das orelhas, ela tirou as luvas e atendeu, percebendo então como estava suja de terra.

- Alô?

- Prudence, é você? Aqui é Vanessa. Acabei de receber seu presente. Muito obrigada.

Sentando-se em uma cadeira sobre a grama, Prudence sorriu com o entusiasmo da amiga. No momento, a princesa Vanessa Alexandria Maria Teresa Von Volzemburg parecia uma criança em vez de um membro da realeza européia.

- Fico feliz que tenha gostado. Achei que toda princesa deveria ter sua própria boneca de pano. Mandeí duas para que nenhuma delas se sentisse sozinha.

- Você é que me parece sozinha naquele momento - Vanessa comentou com voz preocupada. - Alguma coisa errada?

- Não quero estragar seu aniversário fazendo chover na sua festa Prudence tentou desconversar.

- Aqui em Volzemburg, o sol sempre está brilhando, e nós sempre temos um clima perfeito.

Prudence riu.

- Parece que você está em Camelot.

- Meu pai quer transformar nosso país em um equivalente de Camelot.

- Isso é bom, não é?

- Não quando ele quer me transformar em algo que não sou - Vanessa resmungou. - Mas chega de falar de mim. Diga-me, qual é o problema? É um homem?

- Por que está perguntando isso?

- Intuição feminina.

- Bem, não é apenas um homem. É um fuzileiro.

- Oh, meu Deus, isso é muito pior, não é?!

- É. - Prudence sentia as lágrimas escorrerem pelo rosto. Já chorara muito por Joe Wilder, ele não merecia mais lágrima alguma.

- Conte-me novamente por que fuzileiros são piores do que os homens comuns - Vanessa pediu.

- Porque eles pensam que são melhores do que os outros - Prudence fungou, pegando um lenço de papel. - Não estou chorando, estou com alergia.

- Suspeito que você é alérgica a fuzileiros.

- Sim, definitivamente sou alérgica a fuzileiros, mas parece que isso não me impediu de me apaixonar por um.

- Oh, Deus! E o que aconteceu?

- Ele não sente o mesmo por mim.

- Como você sabe?

- Bem, talvez o fato de ele me ter dito para afastar-me dele e parar de aborrecê-lo. Ou talvez o fato de ele estar beijando outra mulher quando me disse isso.

- Isso não parece bom - Vanessa concordou. Prudence riu nervosa.

- Diga-me, esse fuzileiro tem um nome?

- Sim, Joe Wilder.

- Bem, acho que essa é a razão de as coisas não terem dado certo. Se você se casar com ele, seu nome de casada seria Prudence Wilder. Seria conflitante. De um lado prudência e do outro selvagem.

Prudence teve que sorrir.

- Apenas você poderia me alegrar em um dia como o de hoje. Eu devia ter previsto o desastre aproximando-se. Quero dizer, eu devia ter aprendido, cada vez que faço alguma coisa irresponsável, alguém se fere. Quando eu era adolescente, foi minha mãe, no acidente de carro. E quando decidi ir atrás de Joe, acabei fazendo papel de tola e saí ferida. Pelo menos ninguém se feriu quando eu fui praticar o bungee-jumping.

- Espere um momento - Vanessa interrompeu. - O que quer dizer com bungee-jumping?

- Eu finalmente saltei na semana passada.

- Você é uma garota de sorte! - Havia inveja na voz de Vanessa. - Eu gostaria de fazer uma coisa desse tipo.

- E por que não faz? Você é uma princesa, pode fazer o que quiser.

- Não posso justamente porque sou uma princesa. Meu pai teria um ataque do coração.

- Ei, seu pai pode ser um rei, mas você ainda é uma cidadã americana.

Como a mãe de Vanessa era americana e tinha voltado a Nova York para dar à luz devido a complicações médicas, Vanessa tinha dupla cidadania. Além do tempo em que passara na escola da Nova Inglaterra com Prudence, Vanessa passara a maior parte da sua vida em Volzemburg com seu pai viúvo e uma irmã mais nova.

- Você pode desistir de tudo e vir morar aqui nos Estados Unidos.

- Não pense que eu às vezes não fico tentada - Vanessa afirmou, antes de mudar de assunto. - Eu gostaria de poder fazer alguma coisa por você, para que se sinta melhor. Que tal alguns chocolates da Chokolateria Real?

- Eles são deliciosos - admitiu Prudence. - Mas a última vez que você os enviou, engordei alguns quilos.

- Volzemburg é famoso pelos seus chocolates - Vanessa afirmou com orgulho.

- É você quem está celebrando o aniversário. Eu deveria mandar-lhe chocolate.

- Posso ter o melhor chocolate do mundo a qualquer hora. Mas você me mandou as bonecas de pano e uma caixa da minha pipoca favorita. Acredite em mim, estou em débito com você.

- Não, eu é que estou. Você me animou quando eu realmente estava precisando. Obrigada, Vanessa. Obrigada por estar do meu lado.

- Você sempre esteve do meu. Qualquer fuzileiro que não apreciou a pessoa maravilhosa que você é deve ser atirado em um calabouço. Ainda temos um aqui no castelo de São Cristóvão.

- Obrigada pela oferta. Pensarei nisso se encontrar com Joe novamente. Mas não creio que isso vá acontecer.

- Espero que não. Mas se acontecer não esqueça do calabouço - Vanessa afirmou com muito humor.

- Não esquecerei - Prudence concordou, rindo entre lágrimas.

- Sargento Wilder, isto é uma surpresa - o major Martin olhou para Joe com o rosto impassível de um jogador de pôquer ou um ótimo fuzileiro.

Joe não estava com disposição nem de jogador de pôquer e nem de fuzileiro. Agora não se sentia como se as paredes do escritório se fechassem sobre ele e nem se intimidava pelas fotos dos grandes momentos da história da Marinha. Ele também fazia parte dessa história.

- Permissão para falar livremente, senhor.

- Concedido.

Joe não viu motivo para preâmbulos.

- Nesse caso, senhor, acho justo informá-lo de que estou apaixonado pela sua filha e pretendo pedi-la em casamento em uma próxima oportunidade.

Um bom guerreiro sempre estava preparado para dar diversas respostas a um oponente. Joe sabia disso e tinha argumentos prontos para qualquer resposta do major Martin, exceto para as palavras que ouviu.

- Bem, acho que você levou tempo suficiente para decidir. Joe mal pôde acreditar no que ouvia.

- Não entendi, senhor.

O major bateu nas costas de Joe como se o estivesse cumprimentando.

- Pensei que nunca fosse vê-los juntos.

- Senhor?
- Por que pensa que lhe dei a missão de acompanhar Prudence às montanhas?
- Eu não entendo. Outro dia o senhor me proibiu de ver Prudence.
- O episódio do bungee-jumping me deixou furioso - o major admitiu. - Além do mais, eu não iria tornar as coisas fáceis demais para você, não acha? Agora, o que tem a fazer é falar com minha filha. Dispensado, sargento. E boa sorte.
- Obrigado, senhor. Acho que vou precisar.

Joe tinha o pressentimento de que Prudence não contara ao pai sobre sua conduta no bar ou o major não teria sido tão compreensivo.

- Você é um bom fuzileiro, sargento. Tenho absoluta confiança nas suas habilidades. Bem, o que ainda está fazendo parado aqui, Wilder? Vá fazer a proposta à minha filha. Confesse-lhe o seu amor, mas não a leve fazer bungee-jumping novamente ou eu arranco seu coração. Entendido?

- Sim, senhor.

Incapaz de esperar que ela voltasse para casa, Joe foi à escola, o lugar onde sentira o maior ataque de pânico. As aulas haviam acabado aparentemente havia pouco tempo porque ainda havia muitos alunos, alguns esperando os ônibus escolares, outros se dirigindo, em pequenos grupos, para casa.

Joe logo viu os alunos da classe de Prudence porque eram os que lhe lançavam olhares rancorosos. Do lado de fora da classe dela encontrou uma sólida parede humana formada por Gem, Pete, Keishon e Rosa. Até Sinatra estava lá, embora tenha dado um olhar de simpatia a Joe, manteve-se ao lado de Gem.

- Você não pode entrar - Keishon afirmou com firmeza. Joe tentou sorrir, mas as crianças não se importaram.

- Por que não posso entrar?
- Porque estranhos não têm permissão para isso antes de passar pela sala do diretor.
- Eu não tive que fazer isso na última vez que estive aqui.
- Você era convidado.

A implicação era clara. Agora ele não era bem-vindo.

- Escutem, se é por causa do presente que vocês me deram e eu não levei...
- Aquilo não foi assim tão importante.
- Então qual é o motivo?

- O senhor agiu mal com a Srta. Martin - disse Pete. - Tentamos animá-la, mas nada funcionou; nem mesmo as flores do jardim da mãe de Rosa.

- E eram flores realmente muito bonitas - Rosa acrescentou. - As rosas mais bonitas de mamãe.

- Sinatra até trouxe chocolate.
- Eram os chocolates preferidos da Srta. Martin, que geralmente a fazem sorrir. - Sinatra olhou muito sério para Joe. - Mas dessa vez não adiantou.

- Escutem, estou aqui para acertar as coisas com Prudence, mas vocês estão me impedindo.

- Não queremos que a magoe novamente - Keishon disse, firme no seu lugar. Como poderia um fuzileiro como ele deixar de admirar a lealdade daquelas crianças?
- Não estou aqui para magoá-la - Joe lhes assegurou. - Estou aqui para salvá-la.
- Como fez colocando-nos naquele helicóptero que nos resgatou?
- Sim. Estou aqui para resgatar Prudence.

Resgatá-la e se reconciliar com ela. Precisava entrar naquela classe antes que ela o visse e fugisse.

- Escutem, estou aqui para pedir que ela se case comigo.
- Você nem está com seu traje azul - Rosa notou em desaprovação. - Você fica melhor com o traje azul.
- Verde é minha cor preferida - Keishon disse em defesa de Joe. - Era o uniforme que

ele estava usando quando encontrou a Srta. Martin pela primeira vez, na base.

- É um uniforme, não um traje - Sinatra a corrigiu. - Fuzileiros não usam trajes, certo, senhor?

- Certo, Sinatra. Agora, posso contar com a ajuda de vocês nessa operação?

Cinco pares de olhos curiosos se fixaram nele. Era engraçado como agora ele podia vê-los como as crianças que eram.

- Vocês cinco estão prontos para isso?

- Não, se vai nos colocar em apuros - Gem replicou.

- Tudo que têm a fazer é se afastar dessa porta e não fazer nada até que eu faça a professora de vocês se apaixonar por mim.

Joe tinha esperança de conseguir isso conversando com Prudence, mas no minuto em que viu seu rosto soube que nada ia dar certo.

Primeiro seus olhos castanhos se arregalaram de surpresa e então brilharam de fúria.

- Saia da minha classe! Tem três segundos, e eu chamarei os seguranças.

Ela não estava com disposição de escutar suas explicações e muito menos uma declaração de amor. Seria necessário uma ação desesperada. E rápida.

- Um bom plano violentamente executado agora é melhor que um plano perfeito executado mais tarde - ele lhe disse antes de agarrá-la e, como um bombeiro, jogá-la sobre seus ombros. Ela se pôs a esmurrar suas costas e a pular como um peixe fora da água.

Joe apoiou a palma da mão sobre suas nádegas percebendo que ela estava usando a saia preta de que ele gostara tanto na última vez que a visitara na escola. Suas sandálias caíram dos pés, e ela o ameaçava com todas as suas forças enquanto ele a carregava para fora da escola.

- Está tudo bem, Srta. Martin - Rosa avisou. - Ele quer apenas fazê-la apaixonar-se por ele e fazer-lhe uma proposta.

Prudence gelou.

Ele aproveitou sua temporária passividade para pô-la no jipe e partir com ela. Um segundo depois, deixaram a escola para trás como também Rosa, Gem, Keishon, Pete e Sinatra dando gritos de encorajamento como em uma festa de casamento. Só o que estava faltando era o arroz.

- Como pôde mentir para aquelas crianças? - Prudence perguntou.

- Eu não estava mentindo.

- Estou lhe dando uma chance de parar esse jipe.

- Não posso fazer isso.

- Meu pai vai levá-lo à corte marcial.

- Não me importo. Ela ficou estarrecida.

- Para onde está me levando?

- Você verá.

Ele a levou para o estacionamento deserto da torre do bungee-jumping. O lugar ficava fechado às segundas-feiras, assim eram apenas eles.

Abrindo a porta para ela, Joe a levou para baixo de umas palmeiras.

- Por que me trouxe aqui? A última vez que o vi, você me disse para parar de aborrecê-lo.

- Isso seria impossível - ele disse, devorando-a com seus olhos azuis. - Você tem me aborrecido desde o momento em que a vi na base. Deixou-me em um estado que mulher alguma jamais conseguiu.

Prudence não podia acreditar no que ouvia, apesar de querer muito. Ele a magoara demais, tinha que se proteger e criar uma barreira para não esmorecer diante do charme de Joe.

- Você pensa que pode me varrer da sua vida e depois voltar com esses argumentos piegas? Bem, sargento, não vai funcionar. Você me mandou embora e eu obedeci. Agora

sou eu que o estou mandando embora.

- Não vou a lugar algum. Sinto muito - Joe sussurrou, pegando o rosto dela entre as mãos. - Desculpe-me por tê-la magoado.

Prudence piscou, e as lágrimas escorreram por suas faces. Fuzileiros quase nunca se desculpavam, e ela certamente nunca fora olhada por um homem como estava sendo olhada por Joe.

- Por que está fazendo isso? - ela murmurou. - Eu estava tentando esquecê-lo.

- Por favor, não faça isso, porque eu jamais a esquecerei.

- Então, por que estava beijando aquela mulher no bar? - ela perguntou, tentando desesperadamente readquirir sua compostura.

- Porque achava que não merecia seu amor e estava tentando afastá-la de mim. Eu estava tentando ser nobre, mas você estava certa, o sentimento de culpa estava me corroendo. Telefonei ao meu pai e conversamos sobre Danny. Foi difícil, mas deu resultado. Esclarecemos algumas coisas.

- Fico feliz de ouvir isso - ela disse com uma voz polida, mantendo o olhar fixo no ombro direito dele.

- Eu ainda não a mereço, mas a amo. Não desista de mim agora.

- Você me magoou muito. Eles se fitaram.

- Eu me arrependo mais do que posso dizer, princesa Pug. Nunca- mais farei isso, eu juro. Case-se comigo e passarei o resto da minha vida tentando fazê-la feliz.

Manter a compostura era uma batalha perdida com Joe parado na frente dela, a voz terna, os dedos carinhosos e trêmulos acariciando seu rosto.

- E o meu pai? - ela perguntou, tentando se afastar dele. - Eu lhe disse para não interferir, mas não posso garantir que me atenda. E não quero que ele arruíne sua carreira. Sei muito bem o que a Marinha significa para você.

- Sim, mas sabe o que você significa para mim? - Joe perguntou, passando o polegar sobre os lábios dela.

Meneando a cabeça, ela deu um passo para trás.

- Não vou ser o motivo da sua expulsão da Marinha. Você pode querer casar comigo agora, mas mais tarde ficará ressentido.

- E se eu lhe disser que seu pai consente que eu me case com você?

Joe lhe contou sobre a conversa que tivera com o major.

- Calma, aonde você vai? - ele perguntou, pegando-a pela mão.

- Pôr isso em pratos limpos. Não posso acreditar que ele estava bancando o casamenteiro quando o fez me acompanhar às montanhas. Ele nunca disse uma palavra para mim.

- Ainda não respondeu à minha pergunta - Joe insistiu. - Você se casará comigo?

Quando Prudence hesitou, ele disse:

- O que aconteceu com a Prudence que desejava ter fé? Meus dias de bungee-jumping terminaram. A única coisa que quero é provar meu amor por você.

Olhando nos olhos de Joe, ela viu o desejo de ambos, ou era apenas o desejo dela?

- Tenho medo de acreditar em você - Prudence admitiu com um soluço.

- E eu tenho medo que me diga "não", que não queira partilhar sua vida com um fuzileiro, que você não me ame... - ele afirmou sem esconder nada, expondo sua alma, deixando-a conhecer seus medos e dúvidas, sua paixão.

- Um amigo me disse recentemente que coragem não é a ausência do medo, é superar o medo. - Ele estendeu a mão, convidando-a a cair nos seus braços. - Então, supere seu medo e case-se comigo.

Será?, Prudence perguntou a si mesma. Deveria arriscar-se novamente? Confiaria que ele não a magoaria mais? Ou voltaria ao seu casulo onde tudo era seguro e... solitário.

- Você não me ama mais?

- É claro que eu o amo, seu tolo! - ela respondeu, jogando-se nos braços dele. - Sim,

eu me casarei com você.

- Obrigado, senhorita - Joe murmurou antes de beijar seus lábios com todo seu coração e sua alma.

EPÍLOGO

Três meses depois...

- Então, Wilder, ouvi dizer que você parou de saltar de pontes e vai se casar neste final de semana - disse o major Martin.

- Afirmativo, senhor.

- Pare de atormentar seu futuro genro - Ellen Martin ralhou com o marido. - Ou eu contarei a ele sobre a misteriosa recuperação de um certo sargento Brown que teve um apêndice supurado.

Joe não teve tempo de perguntar o que o comentário da futura sogra queria dizer. Além disso, não queria realmente saber. Apenas queria que tudo desse certo naquele dia. Estavam todos reunidos no saguão da igreja, esperando o início dos procedimentos. Ellen tinha se reunido a eles, vinda da área secreta das noivas para informá-los de que a operação especial conhecida como cerimônia de casamento estava para começar. O dia D estava rapidamente se aproximando, nos termos militares.

- A igreja está repleta de fuzileiros navais - o pai de Joe anunciou feliz, antes de acrescentar: - Mas não tenho certeza de onde vieram tantos pequenos civis.

- São crianças, papai - Joe esclareceu.

- Prudence convidou sua classe de sexta série - explicou a mãe de Joe ao marido.

Como se houvesse escutado, Keishon apareceu, usando um vestido em vez da usual camiseta e calça jeans. Rosa, Sinatra, Gem e Pete estavam com ela.

- Temos os pacotes de alpiste prontos.

- Alpiste? - Joe perguntou confuso.

- Para jogar nos noivos no lugar do arroz - Keishon respondeu. - Arroz cru é prejudicial aos pássaros.

- E não queremos prejudicar os passarinhos, não é mesmo, Keishon? - Joe concordou.

- Certo, senhor. E o senhor tem de parar de cortar galhos das árvores, também.

- Farei isso, Keishon - Joe disse, sorrindo. - Agora é melhor vocês irem se sentar.

- É hora de sincronizar os relógios, cavalheiros - disse o sargento Martin.

- Ei, irmão, esse é o lugar certo? - perguntou Mark, o irmão de Joe, ao entrar pela porta principal da igreja.

Mais alto do que Joe e com os mesmos olhos azuis, os dois irmãos estavam ambos usando uniformes azuis, como todos os outros fuzileiros.

- Estou atrasado?

- Sim, está - Joe resmungou. - Esperava mais pontualidade do único oficial comissionado da família.

- Bem, agora estou aqui para deixar que as festividades se iniciem - Mark disse, endireitando o colarinho de Joe e provocando-o com um sorriso.

- Guarde suas piadas para você mesmo - Joe respondeu exasperado.

- Rapazes, rapazes - o major Martin meneou a cabeça -, agora não é hora de discussão.

- Sim, Wilder, agora não - concordou Curt. - Não vou ficar na frente de toda essa gente como seu padrinho, enquanto você fica brigando com seu irmão como se fossem crianças. Tenham juízo e acreditem em mim: noivas não gostam que atrapalhem seu horário.

- Há mais participantes que convidados - Joe resmungou ao chegar na frente da igreja, preparando-se para os procedimentos da cerimônia.

Primeiro entraram seus pais e seu irmão mais novo. O irmão mais velho, Justice, não pôde comparecer porque estava em serviço, mas mandara um cartão e uma stripper para a despedida de solteiro de Joe, na noite anterior.

Como a mãe de Prudence estava sentada, o organista mudou a música e Blue veio caminhando pelo corredor da igreja, jogando pétalas de rosa.

- Esta garota vai ser uma artista quando crescer - Curt sussurrou com orgulho.

Em seguida veio Jessie, olhando para Curt apaixonadamente. Então veio...

- Quem é a princesa? - Mark inquiriu atrás de Joe.

- É a princesa Vanessa Volzemburg, portanto comporte-se - Joe resmungou.

A música mudou novamente, e Joe viu Prudence. Ela parecia protagonista de um sonho que se tornava realidade. Seu vestido branco ondulava ao redor de seus quadris à medida que caminhava ao lado do pai pelo corredor da igreja.

Prudence prendeu a respiração. E Joe também.

Ela fixou seu olhar no rosto de Joe. Ele estava tão lindo, tão sensual, tão...

Eles sorriram um para o outro com amor.

A cerimônia foi curta, mas pareceu longa até o momento em que o ministro os declarou marido e mulher.

- Bem-vinda à vida de casada, senhorita - Joe murmurou antes de tomar Prudence em seus braços e beijar-lhe os lábios.

Honra, coragem e compromisso. Seu fuzileiro tinha agora acrescentado amor aos seus valores, e ela estava para sempre a salvo nos seus braços.

CATHIE LINZ deixou sua carreira na biblioteca de uma universidade para se tornar uma autora de bestsellers de romances contemporâneos. Ela foi a vencedora do desejado prêmio dado pela Revista Tempos Românticos e foi recentemente indicada para o prêmio Amor e Alegria pelo delicioso humor dos seus livros. Cathie adora passar

Missão Irresistível – Julia PP 45 – Cathie Linz

o tempo com sua família, seus dois gatos, seu computador e com seus biscoitos em Oreo.